



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E
ORDENAMENTO

Projeto de Arquitetura Paisagista:

**Clichy-Batignolles Paris, a resposta a
ambições políticas e aos novos desafios
urbanos**

Daniela Catarina Gomes Tavares Correia

Orientação: Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos

MESTRADO EM ARQUITETURA PAISAGISTA

Trabalho de projeto

Évora, 2016



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E
ORDENAMENTO

Projeto de Arquitetura Paisagista:

**Clichy-Batignolles Paris, a resposta a
ambições políticas e aos novos desafios
urbanos**

Daniela Catarina Gomes Tavares Correia

Orientação: Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos

MESTRADO EM ARQUITETURA PAISAGISTA

Trabalho de projeto

Évora, 2016

Resumo

Projeto de Arquitetura Paisagista: Clichy-Batignolles Paris, a resposta a ambições políticas e aos novos desafios urbanos

A cidade resulta de fatores sociais, das políticas urbanas, das dinâmicas económicas e dos valores ambientais, no espaço e no tempo. Compreender a complexidade do seu funcionamento permite ao arquiteto paisagista interagir com ela.

O projeto de Clichy-Batignolles, objeto do presente estudo, surge como resposta às problemáticas da cidade, enquanto metrópole de dimensão mundial, de políticas urbanas associadas à competitividade e à atratividade de pessoas e atividades económicas. O projeto integra o parque Martin Luther King senda a referência de desenvolvimento urbano sustentável e ecológico de Paris.

A visão metabólica, que o projeto integra, concilia habitação, mobilidade, ecologia, sustentabilidade e experiência de Natureza, que a extensão da aglomeração urbana transformou em necessidade básica. A cidade ecológica impõe-se às políticas urbanas.

É neste contexto de crise ambiental, económica e social que a arquitetura paisagista se posiciona no centro dos grandes desafios contemporâneos da evolução das cidades.

Palavras chave: Projeto, Paisagem, Urbano, Políticas, Natureza

Abstract

Landscape Architecture Project: Clichy-Batignolles Paris, the answer to policies ambitions and urban new challenges

The city is a result social factors, urban policies, economical dynamics and environmental values, in space and time. Understanding the complexity of its mechanism allows the landscape architect to interact with it.

The Clichy-Batignolles urban project, the subject of the present study, is a response to the problematic issues of the metropolitan worldwide city, in which competitiveness and attractiveness urban policies are created to attract people and economical activities.

The project incorporates the Martin Luther King park and is the reference of ecological and sustainable development in Paris.

The metabolic vision of the project conciliates habitation, mobility, ecology, sustainability and Nature experience, which the urban concentration length as transformed in basic living needs. The ecological city is imposed to the megacities urban policies.

In this environmental, economic and social crisis context, landscape architecture occupies a center position in the contemporary challenges of cities evolution.

Keywords: Projet, Landscape, urban, Policies, Nature

Agradecimentos

À Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos, minha orientadora, pela sua generosidade, compreensão, rigor e devoção dedicada a este trabalho.

Aos arquitetos paisagistas Prof.^o Caldeira Cabral e Prof.^o Ribeiro Telles pelo legado à arquitetura paisagista.

À Jacqueline Osty pela oportunidade e inteira confiança.

Às extraordinárias pessoas e profissionais que encontrei nesta experiência, entre os quais: Maurice Schillis, Eric Aubert, Nicole Vigouroux, Jean-Pierre Enjalbert, Gerard Coranson-Beaudou, Catherine Villefranque, Fabienne Gasecki, Thierry Phillip e Christian Randolf.

Ao Jérôme Saint-Chély, à Olivia Ledhuy e Ana Luísa Guimarães colegas e amigos de longa data, sempre presentes.

E sobretudo à minha família, pelo contínuo, incansável e incondicional apoio.

Acrónimos

AJO - Atelier Jacqueline Osty

APUR – Atelier Parisien d’Urbanisme

CB - Clichy-Batignolles

DRPJ - Direction Régionale de la Police Judiciaire

DEVE - Direction des Espaces Verts et de l’Environnement de la Ville de Paris

DVD - Direction de la voirie et des déplacements de la Ville de Paris

DU - Direction de l’Urbanisme de la Ville de Paris

EPPJP - Établissement Public du Palais de Justice de Paris

EHPAD - Établissement d’hébergement pour personnes âgées dépendantes

FPJP - Futur Palais de Justice de Paris

HQE - Haute Qualité Environnementale

HLM – Habitation à loyers modérés, habitação a rendas moderadas

JO - Jogos Olímpicos

K€ - mil euros

MOE - Maitrise d’œuvre, equipa de projetistas

MOA - Maitrise d’Ouvrage, cliente

PLU - Plan Local d’Urbanisme

MLK - Martin Luther King

PC - Petite Ceinture, espaço ferroviário circular de Paris da época de Haussmann

PBA - Paris Batignolles Aménagement, uma SPLA Société Publique Locale d’Aménagement que gere a operação urbanística de Clichy-Batignolles

RFF - Réseaux Ferré de France

SG - Secrétariat Générale de la Ville de Paris

SEMAVIP - Société d’Economie Mixte d’Aménagement de la Ville de Paris

SHON - surface hors œuvre net, corresponde à área útil de construção do edificado

SNCF - Société Nationale des Chemins de Fer

SNEF - Société Nationale d’Espaces Ferroviaires Aménagement

TGI - Tribunal de Grande Instance

ZAC - Zone d’Aménagement Concertée, (1967)

Índice

Resumo	3
Abstract	5
Agradecimentos	7
Acrónimos	8
Índice.....	9
Índice de figuras.....	10
Introdução	17
1. Enquadramento histórico e urbano de Paris.....	19
1.1 Haussmann e a revolução urbana no período entre 1853 e 1870	21
1.2 As políticas urbanas de Bertrand Delanoë entre 2001 e 2014.....	39
1.3 Batignolles, a oportunidade urbana e as decisões políticas na linha do tempo.....	46
2. O Projeto urbano de Clichy-Batignolles	55
2.1 Objetivos e orientações específicas.....	57
2.2 Um espaço de Natureza agregador do novo quartier	60
2.3 Permeabilidade, mobilidade e acessibilidade.....	61
2.4 Pluralidade e diversidade	63
2.5 Distribuição geográfica do programa.....	64
2.6 Desenvolvimento sustentável e <i>Plan Climat</i>	67
2.7 O debate com a população sobre a <i>cércea</i> e o programa social	72
2.8 Os <i>workshops</i> de concepção da arquitetura.....	75
3. O Parque Clichy Batignolles -Martin Luther King.....	77
3.1 Os grandes objetivos, o <i>Plan de Biodiversité</i> e o <i>Plan de Pluie</i>	81
3.2 Os três tempos do parque.....	84
3.3 Acerca da abertura noturna do parque.....	87
3.4 Os princípios do parque.....	90
3.5 Programa e ambiências de paisagem.....	95
3.6 A biodiversidade e as ambiências ao longo das estações.....	99
3.7 A água no parque.....	102
3.8 O prolongamento do parque pelo espaço público e privado	106
Considerações Finais	111
Referências bibliográficas.....	115

Índice de figuras

1. Mapa de Paris por volta de 1615, por Mathieu Merian. Fonte: Atlas Historique de Paris ..21	
2. Plano de Paris por John Andrews. Pulicado em Plans of the Principal Cities of the world, em 1776. Fonte: http://historic-cities.huji.ac.il/france/paris/maps/stockdale_1800_paris.html22	
3. Quai des Orfèvres e Pont Saint-Michel, antes e após de Haussmann. Créditos de fotografia: Gilles Leimdorfer. Fonte: journal Lefigaro25	
4. Plano do conjunto de vias executadas pelas obras de Paris entre 1851 e 1868, realizadas por Andriveau Goujon. Fonte: Biblioteque National de France. http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53006831026	
5. Les promenades de Paris, Perfil das vias Públicas. Traité des plantations d’alignement et d’ornement dans rues de Paris, Alphand 1889. Fonte: APUR. Biblioteque Nationale de France. http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5606384126	
6. Linha férrea de conexão entre estações de comboio, La petite Ceinture (verde, cor tijolo e preto) em 1859, a cintura defensiva de Thiers (a vermelho) 1841-1844 e o Mur des Fermiers généraux (a azul) de 1784-1790. Fonte: wikipédia. https://fr.wikipedia.org/wiki/Ligne_de_Petite_Ceinture#/media/File:Paris_PC_1859_jms.jpg28	
7. Plano das expropriações da Avenue de l’Opera, 1977. Fonte: Musée Carnavalet, Paris (http://vergue.com/post/542/Rue-Argenteuile).29	
8. Avenue de l’Opera, durante as demolições. Fotografia de Charles Marville, por volta de 1870. Fonte: Lefigaro.....29	
9. Avenue de l’Opera por volta de 1890. Fotografia de época. Fonte: http://www.parisrues.com/rues01/paris-avant-01-avenue-de-l-opera.html29	
10. Promenades de Paris, plano de abertura das novas avenidas, A.Alphand, 1889. Fonte: APUR.....30	
11. Plano de loteamento do Parc Monceau, 17eme arrondissement. Fonte: Biblioteque Nationale de France. http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53027965c31	
12. Plano do Square des Batignolles de "Les Promenades de Paris par Adolphe Alphand, J. Rothschild, éditeur, 1868 de Chaumont/Hochereau. (O Norte situa-se à direita). Estampe. Fonte: Musée Carnavalet, Paris (http://www.parisenimages.fr)31	
13. Square des Batignolles e a Serpentine, elemento de água. Fotografia: autora, 201432	
14. Café parisiense. Fotografia do Segundo Império. Fonte: Dans les Rues de Paris, 1971...33	

15. Carta departamento de Paris com 20 arrondissements e 80 quartiers, em 1864, delimitado pela Enceinte de Thiers, defesa militar que passa a ser limite fiscal. Fonte: Garnier Frères...	34
16. Modelo pré-haussmannien. Variação do estatuto social por andares 1852. Fonte: Edmund Texier.	36
17. A guerra civil da La comune de Paris, em 1871. Rue Rivoli em direção ao Hotel de Ville. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Paris_Commune	37
18. Exposição universal de 1889 em celebração do centenário da revolução francesa. Fonte: http://paristeampunk.canalblog.com/tag/1889	38
19. O Grand Paris à noite, a metrópole e a cidade de Paris. Imagem do início do séc. XXI. Fonte: NASA, 2016	40
20. Modos de transporte utilizados pela população no percurso para o trabalho. Fonte: INSEE, 2011	41
21. Esquema de distribuição socioeconómica de Paris. Fonte: INSEE RGP, 1982.	44
22. Parques e jardins de Paris e o parque Martin Luther King (vermelho) à escala da cidade. Fonte: autora, 2016	45
23. Localização do espaço ferroviário de Batignolles, à escala de Paris Fonte: PBA, 2012	46
24. Localização do espaço ferroviário de Batignolles, à escala do noroeste parisiense Fonte: MOE, 2008.	46
25. Ocupação ferroviária do sitio. Fonte: MOE, 2004.	47
26. Sítio ferroviário e área de intervenção do projeto urbano. Fonte: MOE, 2004	47
27. Divisão do projeto urbano em duas ZACs e o loteamento de Saussure. Fonte: MOE, 2004.	48
28. Plano da Vila Olímpica para os JO de 2012. Fonte: MOE, 2004.	48
29. Princípio de sobreposição das funções ferroviárias com as urbanas. Perfil. Fonte: MOE	50
30. Mapa das atividades ferroviárias pré-existentes. Fonte: MOE	50
31. Racionalização da atividade ferroviária proposta pelo projeto urbano. Fonte: MOE.	50
32. Primeiro parque inaugurado em 2007 e a cobertura das atividades ferroviárias, em construção. Fonte: PBA, 2012.	52
33. Obra de cobertura das atividades ferroviárias, em construção. Fonte: PBA, 2012.	52
34. Esquema do projeto urbano do setor Clichy-Batignolles. Fonte: PBA	58
35. Perspetiva do projeto urbano do setor Clichy-Batignolles. Fonte: PBA	58
36. Vista do parque Martin Luther King, dos lagos biótopos e da petite ceinture, em direção a poente. Fonte: MOE.	60
37. Vista da maquete do projeto urbano e do parque Martin Luther King. Fonte: autora.	61

38. Esquema de imbricação do parque com o edificado. Fonte: MOE.....	60
39. Relações de mobilidade e continuidade das formas urbanas. Fonte: MOE.....	60
40. Relações de continuidade ecológica. Fonte: MOE	60
41. Pontes de atravessamento do feixe ferroviário, promotoras de continuidade urbanas. Do lado esquerdo situa-se a ZAC Clichy-Batignolles, e do lado direito o loteamento Saussure dirigido pela SNEF. Fonte: MOE	62
42. O Edifício miradouro e restaurante permite o atravessamento da Petite Ceinture no interior do parque. Fonte: autora.....	62
43. Maquete da zona Oeste demonstrando a diversidade de conceções arquitetónicas, guardando presente uma harmonia conjunta. Fonte: PBA.....	63
44. Princípio de embasamento e coesão urbana. Fonte: MOE	64
45. Plano de distribuição do programa: residencial, escritórios, centralidades comerciais, logística entre outros. Fonte: PBA.....	65
46. Princípio da arquitetura bioclimática. Sistema de aquecimento geotérmico. Fonte: PBA	68
47. Princípio do sistema de recolha pneumática. Gestão da água pluvial do parque. Fonte: PBA.....	68
48. Funcionamento do sistema geotérmico com base nos poços Albien. Fonte: PBA.....	68
49. Melhoramento do serviço de transportes públicos, M14, M13 e Tramway. Fonte: PBA	.70
50. Mapa altimétrico do sítio antes da intervenção e mapa altimétrico do projeto urbano. Fonte: MOE	71
51. Perfil longitudinal de comparação entre a cêrcea de 37 e a cêrcea de 50m. Fonte: MOE.	72
52. Perfil transversal de comparação entre a cêrcea de 37 e a cêrcea de 50m. Fonte: MOE...	72
53. Maquete de trabalho do conjunto do setor Oeste. Fonte: PBA.....	75
54. Participação nos workshops de trabalho comum. Fonte: PBA	75
55. Maquete do Parque em construção. Fonte: autora, 2010.....	80
56. Primeira fase do parque, fotografia aérea. Fonte: Didier Fabre, 2007.....	83
57. Primeira fase do parque, vista. Fonte: AJO, 2010	83
58. O parque em três tempos: o primeiro tempo em 2007, o segundo tempo em 2014 e o terceiro tempo, em breve. Fonte: AJO, 2012	85
59. O decorrer das obras da segunda parte do parque, vista do limite Norte, sobre o Boulevard Berthier. Fonte: PBA, 2013	85
60. Inauguração da segunda parte do parque, com a presença de Anne Hidalgo maire de Paris, Régine Engström, diretora da DEVE, Colombe Brossel, vereadora dos espaços verdes, Jacqueline Osty e a autora. Fonte: PBA, 17 de abril de 2014.....	85

61. Parque, zona Norte, inaugurada em 2014. Fonte: autora, 2015	85
62. Hipótese de abertura de dois trajetos do parque, apresentada ao SG. Fonte: AJO, 2009 ..	88
63. Hipótese de abertura de 50% do parque, apresentadas ao SG. Fonte: AJO, 2009.....	88
64. Esquema de acessos e percursos do parque. Fonte: AJO, 2009.....	88
65. Estrutura ecológica no início do século, composta por parques e jardins públicos, alamedas, o Sena, a rede de caminhos de ferro e os cemitérios. Fonte: APUR, 2015.....	89
66. Saut-de-Loup no limite Sul do parque, perfil. Fonte: DTC, 2014	91
67. Saut-de-Loup no limite Sul do parque. Fonte: DTC, 2014.....	91
68. Diversidade de praticas possíveis e de utilizadores no parque. Fonte: SEMAVIP	91
69. Modelação para alcançar a cota de 47m. Plano de água e edifício miradouro. Fonte: AJO, 2010.....	93
70. As modelações de terreno no parque criam ambiências diversas. Fonte: AJO, 2014	93
71. Perfil da petite ceinture integrada nos planos de água. Fonte: AJO, 2010	94
72. Planos de água em torno da petite ceinture. Fonte: AJO, 2014	94
73. Distribuição das práticas ativas. Fonte: AJO, 2010.	96
74. Diversidade de práticas integradas nas ambiências de paisagem. Parque infantil, basquete, petanca, horta, futebol, descanso. Fonte: autora, 2015	96
75. Perfil das áreas de práticas ativas do parque. Fonte: AJO, 2009	98
76. Plano geral do parque. Fonte: AJO, 2010	98
77. Distribuição das paisagem e estações. Fonte: AJO, 2010.....	100
78. O jardim do verão na primavera. Fonte: AJO, 2012.....	100
79. O jardim do verão durante o verão. Fonte: AJO, 2016.....	100
80. Ambiências de inverno, 2013, de primavera, 2014, de verão 2014 e de outono, 2012. Fonte: Didier Fabre, habitante do quartier.	101
81. Distribuição dos elementos de água no parque. Fonte: AJO, 2010.	104
82. Vale de drenagem e vegetação húmida, da zona norte do parque. Fonte: AJO, 2014.....	104
83. Plano de água biótopo A. Fonte: AJO, 2012	104
84. Perspetiva da grande alameda diagonal. Ultima fase do parque que será finalizada em 2020. Fonte: AJO, 2012	105
85. Perspetiva da encosta de outono, e praia verde. Ultima fase do parque que será finalizada em 2020. Fonte: AJO, 2010	105
86. Esquema de circulação da água dos planos de água biótopos. Fonte: AJO, 2010.....	105
87. Principio permeabilidade e continuum naturale nos lotes privados. Fonte: MOE, 2009.	107
88. Alamedas do parque prolongadas pelo espaço público. Fonte: AJO, 2011.....	107

89. Principio permeabilidade e continuum naturale nos lotes privados Axonometria. Fonte: AJO, 2012.	107
90. Prolongamento das unidades de paisagem do parque no espaço publico. Fonte: autora, 2016.....	107
91. Fotografia do Parque Martin Luther King. Fonte: Camille G. em https://www.yelp.fr/biz/martin-luther-king-paris?osq=Parc+Martin+Luther+King	109

*“a arquitectura paisagista procura encontrar em cada momento o equilíbrio das forças da Natureza mais favorável para o homem.
... Trata-se de um equilíbrio de forças que é preciso manter numa certa direcção. Ora, tal como não se governa um barco fixando o leme, mas, pelo contrário, corrigindo a rota a cada momento, assim a conservação e o tratamento da paisagem tornaram-se hoje uma necessidade premente.”*

Francisco Caldeira Cabral, 1993

Introdução

O presente relatório reflete o trabalho desenvolvido pela autora, na qualidade de diretora de projetos de arquiteta paisagista, no atelier Jacqueline Osty, em Paris, no qual foi responsável pela especialidade de arquitetura paisagista das missões contratuais do setor Clichy-Batignolles, nomeadamente dos projetos urbanos, do projeto de parque e de espaço público, aos quais se dedicou em exclusividade de 2009 a 2014.

A partilha da experiência de conceção, desenvolvimento, acompanhamento e realização de Clichy-Batignolles, projeto urbano de elevada complexidade e envolvimento político, motivaram o presente trabalho, ao qual está associado à atribuição do grau de mestre em arquitetura paisagista pela Universidade de Évora.

Este trabalho tem como objetivo a apresentação do projeto urbano referido e do parque Martin Luther King, referência do desenvolvimento urbano sustentável de Paris, fortemente influenciados pelas políticas urbanas da cidade. Constitui também um objetivo a apresentação das estratégias que permitiram a salvaguarda e desenvolvimento dos valores e qualidades paisagísticas, ecológicas e sociais num contexto de elevada pressão urbana. O conteúdo trata uma visão intrínseca do projeto global, dos fatores e dos atores que nele intervêm.

A apresentação do projeto insere-se numa visão global dos temas que nele participam e que o influenciam, entre os quais as políticas urbanas, o desenvolvimento sustentável e as estratégias ecológicas. Assim, o trabalho demonstra, entre outros, o envolvimento político, as suas ambições e desafios, o desenvolvimento do processo, as escolhas, as dificuldades, as estratégias que, direta ou indiretamente, contribuíram para o resultado obtido. O trabalho incide sobre uma visão interna da operação, inserida no contexto parisiense, e exclui a comparação com outras práticas possíveis.

A primeira parte aborda o enquadramento histórico, político e urbano de Paris, essencial tanto à compreensão da dimensão dos desafios como das políticas urbanas. Este capítulo integra a grande transformação urbana de Paris no séc. XIX, responsável pela implementação de uma estrutura administrativa, económica, urbana, ecológica e sanitária, a partir da qual se estabelece um paralelo com as problemáticas e políticas atuais da cidade.

A segunda parte é dedicada ao projeto urbano de Clichy-Batignolles, ao modo como responde ao programa, ao desenvolvimento sustentável, à adaptação climática e às ambições políticas, de escala nacional e internacional. São referidas as orientações do projeto urbano, os seus objetivos e as qualidades, os seus usos e as funções urbanas. As orientações do urbanismo, da arquitetura e da paisagem definem as prioridades e qualidades do novo *quartier*.

O capítulo aborda também o desenvolvimento de estratégias de conceção conjunta e de consulta pública.

A terceira parte incide sobre o projeto do parque Martin Luther King, enquanto entidade própria, nicho de interação com a Natureza e a sua importância no setor noroeste da cidade. O projeto do parque participa na concretização dos objetivos e orientações do projeto urbano e desenvolve princípios ecológicos e de sustentabilidade à escala da cidade. As suas qualidades lúdicas e ecológicas são colocadas em evidência, assim como o papel importante que desempenha no desenvolvimento das relações sociais.

No desenvolvimento do projeto são referidas algumas das estratégias concetuais e operacionais colocadas em prática em defesa das qualidades paisagísticas e ecológicas, face à pressão urbanística.

O novo século coloca à sociedade o desafio de construir um novo paradigma social, político e ecológico. Se anteriormente dominou a exploração do ambiente e do homem, hoje o progresso é a produção de Natureza e a proteção das suas dinâmicas, no qual a arquitetura paisagista ocupa um papel central.

1. Enquadramento histórico e urbano de Paris



1. Mapa de Paris por volta de 1615, por Mathieu Merian. Fonte: Atlas Historique de Paris

1.1 Haussmann e a revolução urbana no período entre 1853 e 1870

Na primeira metade do séc. XIX, Paris é uma cidade industrial que atrai uma população trabalhadora crescente contando com 1 milhão de habitantes, em 1841 (Lépac & Jomier, 2013). O centro da cidade é densamente ocupado. Grande parte da população é pobre e vive em condições insalubres às quais se associam, na altura, a proliferação da cólera e da peste negra¹.

Por volta de 1830, o *préfet de la Seine*² Rambuteau constata o constrangimento da circulação e os problemas de higiene nos velhos *quartiers*³ centrais afetados pela sobrepopulação referindo, nas suas memórias, a necessidade de dar aos parisienses água, ar e sombra.

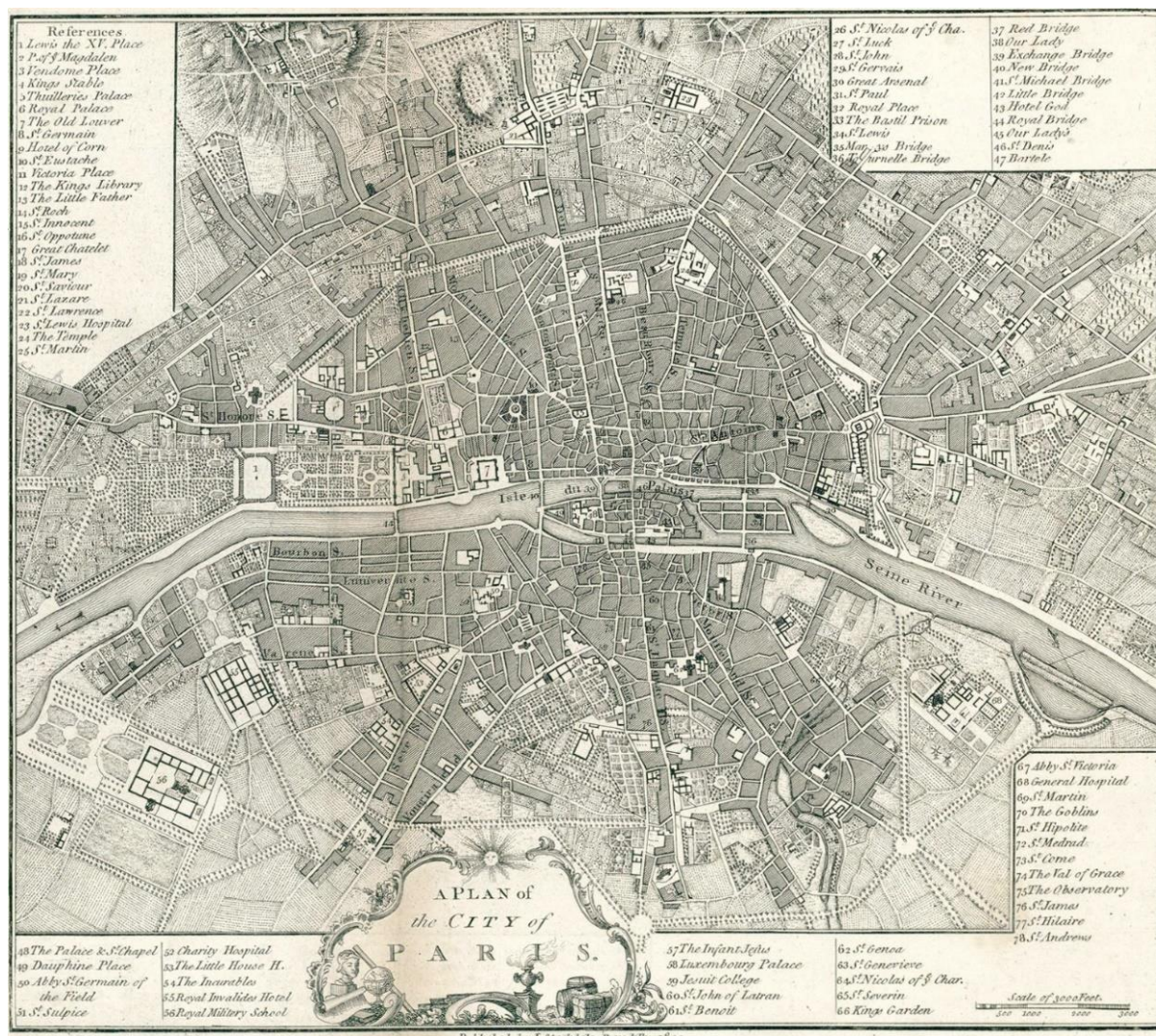
¹ Entre 1832 e 1849 são estimadas 40 mil vítimas de Cólera (Lépac & Jomier, 2013)

² Governador da Prefeitura de Paris, nomeado pelo Imperador, e de relações políticas privilegiadas com o poder central. A prefeitura é uma divisão administrativa e territorial de origem romana.

³ Divisão administrativa da cidade à qual está subjacente um conjunto de características unitárias.

O centro da cidade apresenta um tecido denso e labiríntico (figura 2). As ruas são estreitas e sombrias com a vantagem de, no inverno, abrigarem da chuva e do vento e, no Verão, do Sol (Coursaget, Fargue, & Chanbance, 1971). No entanto, num contexto de crescimento industrial, estão inadaptadas ao crescente número de viaturas e dificultam a circulação de pessoas e bens essenciais. Em 1851 são quantificadas 60 259 viaturas, públicas e privadas, em Paris (Le Magazin pittoresque, 1851).

As classes burguesas deslocam-se das zonas centrais para se instalarem nos *faubourgs*⁴, a Norte e a Oeste do município.



2. Plano de Paris por John Andrews. Publicado em Plans of the Principal Cities of the world, em 1776. Fonte: http://historic-cities.huji.ac.il/france/paris/maps/stockdale_1800_paris.html

⁴ Aglomerado de casas, exterior à cidade fortificada, construído em torno de uma ou várias ruas.

A cidade transforma-se, lenta e pontualmente, com a implementação de algumas “aberturas urbanas”⁵ e a criação de novas avenidas nas zonas periféricas em curso de urbanização. No entanto, toda a intervenção é limitada pela lei que defende os proprietários obrigando o município a indenizações elevadas, o que reduz significativamente a amplitude das expropriações e, por consequência, a possibilidade de adaptação da cidade à nova realidade urbana e industrial.

Em 1848, Louis-Napoléon Bonaparte (1808-1873) é o primeiro presidente francês eleito por votação na Segunda República⁶. O príncipe-presidente proclama-se imperador Napoleão III em 1852, um ano após o bem-sucedido golpe de estado, num regime político imperial liberal parlamentar, que dá início ao Segundo Império.

Napoleão III tem uma grande ambição: modernizar Paris.

Tendo vivido em Londres, Napoleão III sonha trazer para Paris os *squares*⁷, as alamedas e os parques que encontra na cidade inglesa retomando as ideias de Rambuteau.

Napoleão III constata que o centro da cidade está asfixiado pela sobrepopulação, pela insalubridade e inacessibilidade, sem capacidade de integrar as transformações necessárias e impostas pela revolução industrial e pelo mundo moderno.

A população trabalhadora não pára de aumentar devido ao desenvolvimento industrial. A novidade da época são os comboios, sendo necessário levar os alimentos e produtos da estação de comboios ao centro da cidade onde estão os mercados, como o mercado *des Halles*. A única forma de manter a atividade comercial no centro urbano obstruído, sem a deslocar para a periferia, requer uma nova rede de circulação (Billon, Chaudun, Pinon, & Des Cars, 2011).

Napoleão III é um homem com visão e, em 1840, com o auxílio de uma comissão, desenvolve um plano de reestruturação urbana baseado na abertura de largas avenidas plantadas, e num sistema de parques e de *squares* que trouxessem ar à cidade, influência higienista, assim como a construção de habitação social para acolher a população crescente, em particular os mais desfavorecidos. Napoleão III é sensível à classe trabalhadora. Em 1840, Napoleão III escreve o ensaio *Idées napoléoniennes e De l'extinction du paupérisme* – Ideias

⁵ A “abertura urbana” significa a demolição de áreas densamente edificadas criando um vazio volumétrico.

⁶ A Primeira República é instaurada por Louis XVI em 1792, a revolução francesa tem lugar entre 1789 e 1799 e o imperador Napoleão I governa entre 1804 e 1814. O Segundo Império é o regime republicano que vigora entre 1848 e 1852 responsável pela abolição da escravatura nas colónias francesas. Os conceitos socialistas de Louis-Napoléon Bonaparte, Napoleão III, afastam-no do partido que o levou ao poder.

⁷ Pequenos jardins públicos rodeados por uma vedação.

Napoleónicas para a extinção da pobreza (Billon et al., 2011). No início do seu mandato, o príncipe-presidente financia, com os seus bens pessoais, a construção dos primeiros alojamentos sociais na Rue Rochechouart, a *cité*⁸ *Napoléon III*.

Napoleão III compreendeu, também, o benefício político que representava a melhoria das condições de vida das massas populares e o poder para apaziguar as tensões sociais. A estratégia urbana tinha como principal objetivo o controle de uma população revolucionária que, desde 1789, era responsável pela destruição de vários regimes.

Em 1853, o imperador procura um coordenador capaz de reunir os meios materiais, humanos, técnicos e os instrumentos financeiros necessários à implementação de uma obra desta envergadura. Consequência desta procura elege George Eugene Haussmann (1809-1891) nomeando-o *préfet de la Seine*. Napoleão III incumbe a Haussmann a responsabilidade dos processos de expropriação e montagem financeira (Chaudun, 2013).

Nascido em Paris e licenciado em advocacia, Haussmann foi secretário geral e subprefeito em várias outras cidades. Nicolas Chaudun⁹ define Haussmann como um homem, extremamente inteligente, orgulhoso, pretensioso, autoritário, no entanto, leal ao imperador (Chaudun, 2013)

Haussmann identifica um dos problemas incontornáveis da cidade: o saneamento e o abastecimento de água que, em momentos de escassez, provém do Sena, poluído pelos resíduos provenientes da população e indústria.

Demolições

São demolidos *quartiers* inteiros. Entre 1854 e 1858, Haussmann tira partido do período mais autoritário do mandato de Napoleão III para transformar o centro de Paris. Grande parte da *Île de la Cité* e todo o *quartier des Arcis*, hoje *Hotel-de-Ville*, e *Chatelet* são demolidos (figura 3).

⁸ A *cité* é um bairro de operários.

⁹ Historiador e arquiteto, nascido em Paris em 1962, Nicolas Chaudun publicou várias obras sobre Haussmann e a época de Napoleão III.



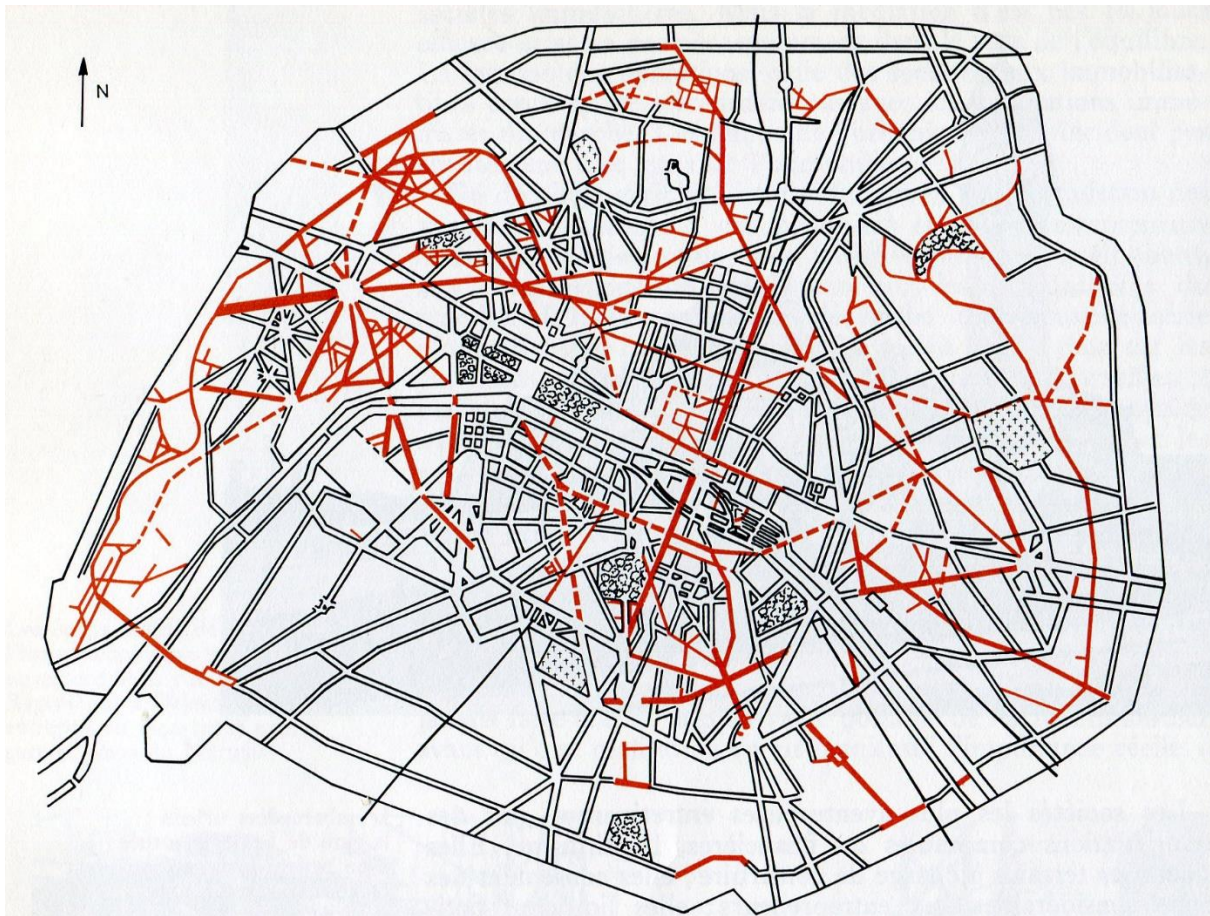
3. *Quai des Orfèvres e Pont Saint-Michel, antes e após de Haussmann. Créditos de fotografia: Gilles Leimdorfer. Fonte: journal Lefigaro*

A população que vive no centro insalubre de Paris é a mais desfavorecida, mais numerosa e mais pobre, e é esta que o Barão Haussmann obriga a sair para a periferia não havendo registo de medidas para o realojamento temporário das famílias desalojadas (Billon et al., 2011). É neste contexto que Victor Hugo, sensível à injustiça social e à dignidade humana, escreve *Les misérables*, um combate pelos oprimidos, publicado em 1862.

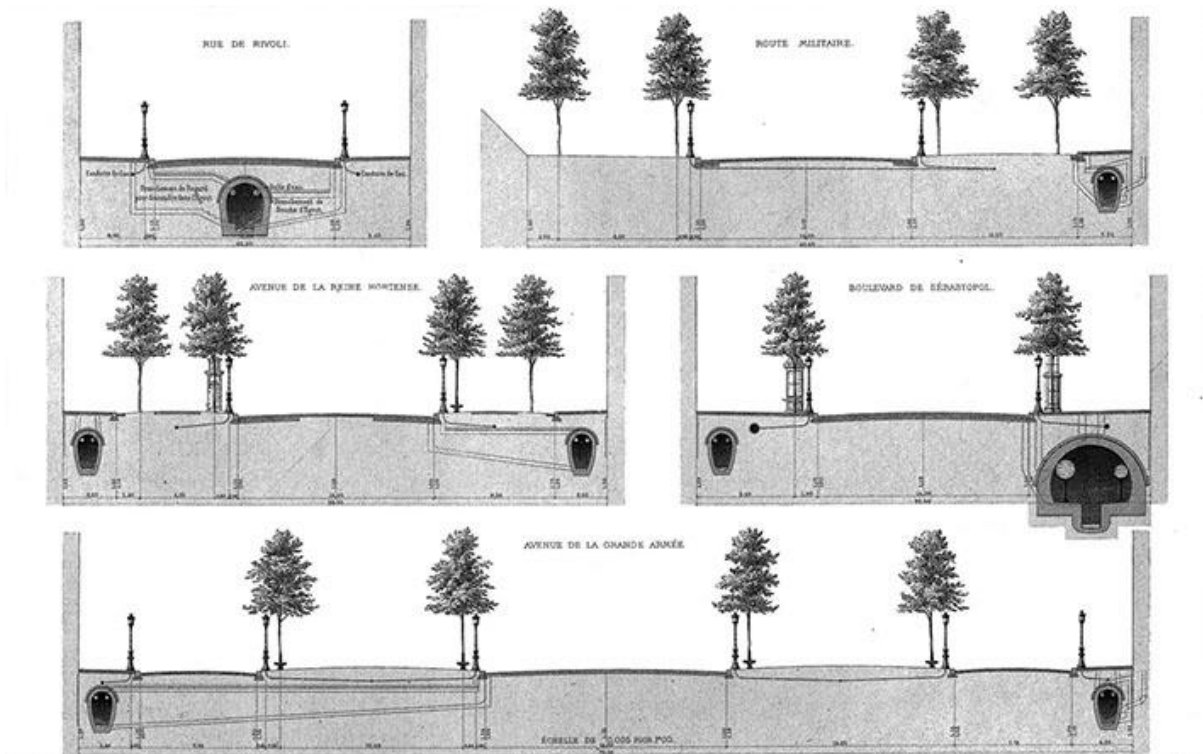
O talento de Haussmann consiste em tirar partido das obras de superfície encomendadas por Napoleão III para equipar o subsolo do que é essencial ao funcionamento da grande cidade: o saneamento básico e a rede de abastecimento de água, que permitiu impulsionar Paris para uma modernidade radiosa (Billon et al., 2011).

Mobilidade e Serviços públicos

A ideia de Haussmann é libertar os fluxos: de ar e de água; de pessoas e bens; e abrir a cidade à eficiência da mobilidade rápida, essencial à era industrial.



4. Plano do conjunto de vias executadas pelas obras de Paris entre 1851 e 1868, realizadas por Andriveau Goujon.
Fonte: Biblioteque National de France. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530068310>



5. Les promenades de Paris, Perfil das vias Públicas. *Traité des plantations d'alignement et d'ornement dans rues de Paris*, Alphand 1889. Fonte: APUR. Biblioteque Nationale de France. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56063841>

A rede viária é então projetada de forma a facilitar a circulação e a conexão entre os *quartiers*. Três tipos de redes são implementados: o primeiro consiste na ligação entre as estações de comboios e o centro, onde estão os mercados; o segundo prevê a expansão da cidade para a zona Oeste de Paris, onde se instala a burguesia; e o terceiro consiste em criar e/ou desenvolver a rede viária dos novos municípios, que Paris integra em 1860 (figura 4).

O arquiteto Deschamps define as proporções ideais das grandes artérias viárias. A nova estrutura urbana define a proporção do espaço público em relação à cércea do edificado: uma via de 20m de largura permite a construção de 20m em altura. A fachada dos edifícios é regulamentada. A pedra talhada, “*pierre de taille*”, é o material de construção obrigatório e confere ao edifício uma certa monumentalidade. O caderno de encargos impõe a sua manutenção todos os 10 anos.

O engenheiro Belgrand é o responsável pelas infraestruturas do subsolo. São realizadas as obras infraestruturais de base como a rede de abastecimento de água e aquedutos, a rede de gás, a rede de saneamento, a implementação de fontes de água pela cidade (figura 5). O cimento¹⁰, vai permitir a criação de galerias de maiores dimensões, construídas de forma rápida e económica, constituindo objeto de curiosidade e visita, tanto na época como ainda no séc. XX. Com a nova lei de 1852 toda a nova construção deve ter ligação à rede de saneamento e abastecimento de água e gás que, caso não exista, é construída. Belgrand constrói 600km de aquedutos que transportam a água de consumo para reservatórios, como o Reservatório de Montsouris, criado para o efeito.

Uma segunda rede de água não potável, captada no canal de l’Ourcq e no Sena, é utilizada para a limpeza da via pública e para a rega dos espaços plantados.

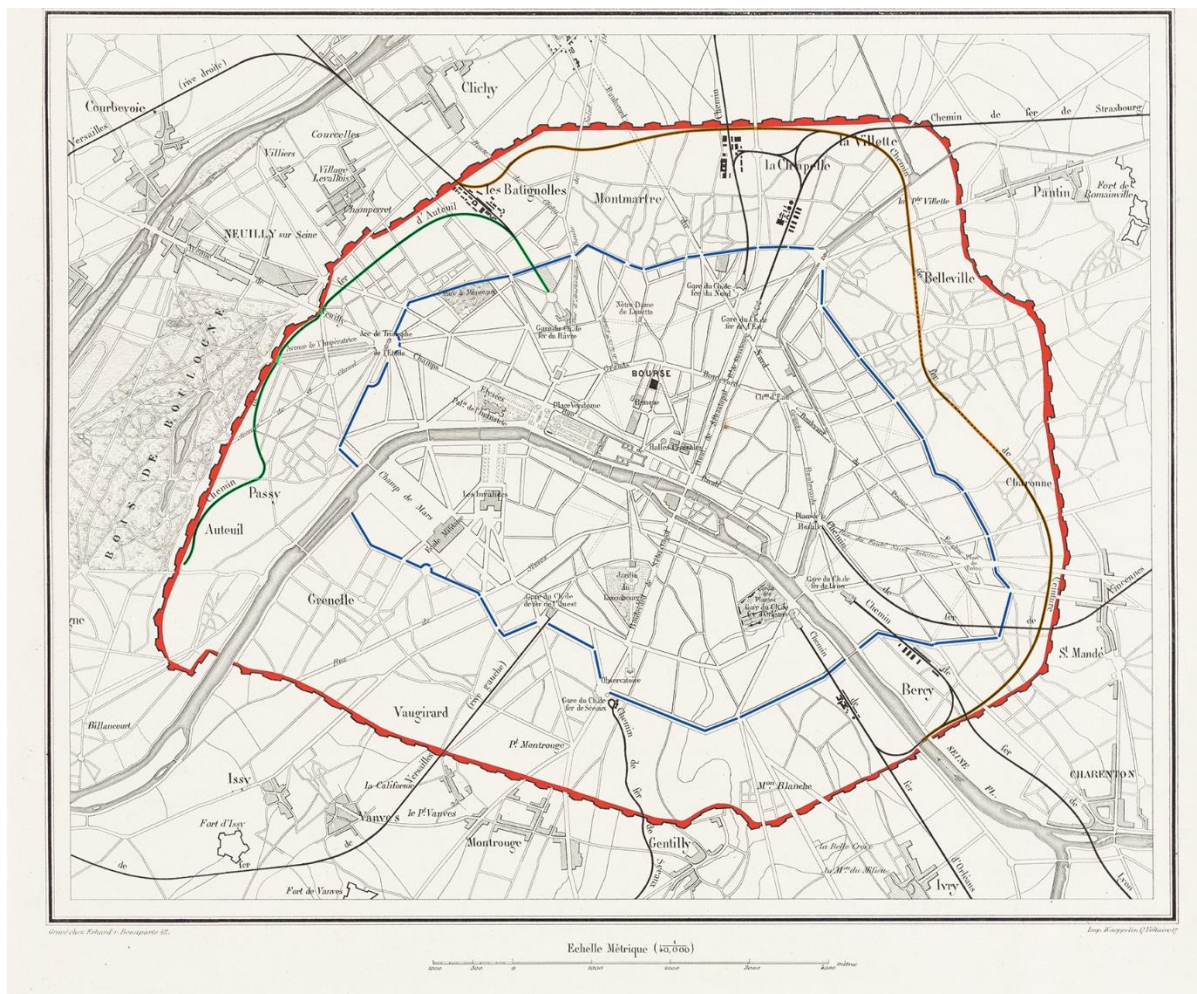
É criado um novo coletor de saneamento que dirige a descarga para o Sena, para jusante da cidade, em Asnières. Esta rede ainda se encontra hoje em funcionamento¹¹.

Napoleão III decide criar novas estações de comboios que considera “novas portas na cidade” como a Gare de l’Est e a Gare de Monparnasse (Harvey, 2003). Na sua visão moderna, as ruas deixarão de ter importância, uma vez que as pessoas e bens circularão maioritariamente através da rede ferroviária¹²(Billon et al., 2011).

¹⁰ Invenção da formula moderna em 1840 por Louis Vicat que descobre o principio hidráulico da relação entre a proporção de argila e a temperatura de cozedura que permitiu a cofragem e o betão armado.

¹¹ Passando pela Avenue de Clichy e, conseqüentemente, pelo projeto urbano de Clichy-Batignolles.

¹² Na época, o transporte de pessoas era realizado pelo omnibus, carruagem de transporte de pessoas movida a cavalos (figura 9). Hoje grande parte da população de Paris desloca-se de metro.

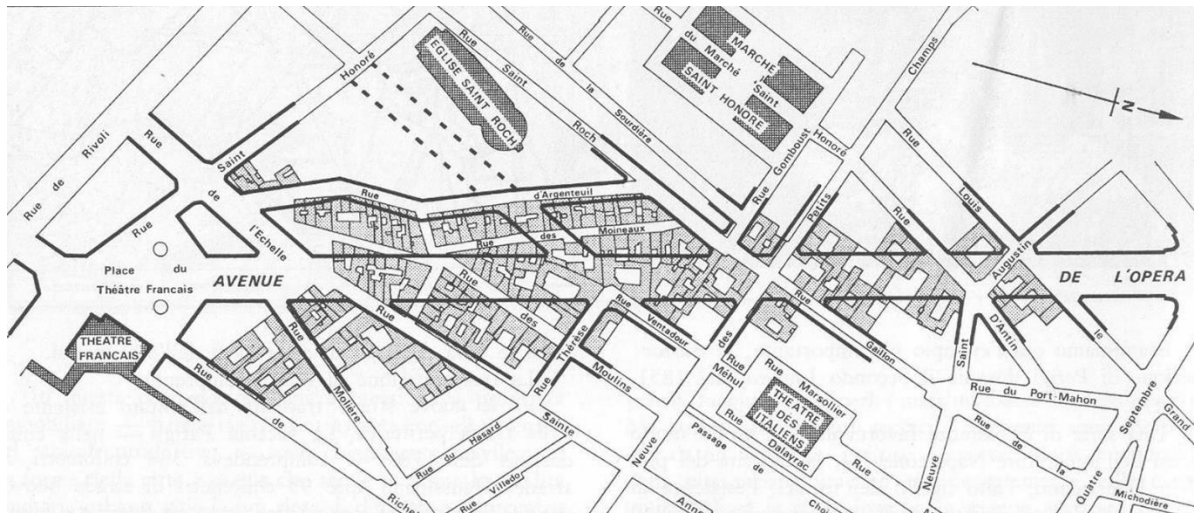


6. La petite Ceinture (verde, cor tijolo e preto) em 1859 - linha férrea de ligação entre as estações de comboio. A cintura defensiva de Paris – Enceinte de Thiers (a vermelho) 1841-1844. O Mur des Fermiers généraux 1784-1790 (a azul) - O limite fiscal de Paris antes de 1860. Fonte: wikipédia. https://fr.wikipedia.org/wiki/Ligne_de_Petite_Ceinture#/media/File:Paris_PC_1859_jms.jpg

Consciente do valor da mobilidade, das necessidades do crescimento industrial e da importância dos caminhos de ferro, para além das novas avenidas, Haussmann implanta a *Petite Ceinture*: uma linha ferroviária à volta de Paris destinada à distribuição de mercadorias entre as Gares (figura 6).

São criados equipamentos públicos como hospitais, teatros, mercados, igrejas e, entre outros, o cemitério Père Lachaise. Haussmann pontua a cidade de monumentos. Diversos arquitetos elaboram os projetos para a *Gare du Nord* e para a *Place de l’Etoile*, o *Théâtre* e a *Place du Châtelet*, entre outros.

O monumento do Segundo Império é a Ópera, de Charles Garnier, jovem génio arquiteto. De estrutura metálica e rocha nobre, a ópera é um lugar de afluência que reúne a aristocracia e a burguesia, espaço “privatizado” onde a cultura é um pretexto para falar de política e negócios. O teatro é o símbolo do regime (Chaudun, 2013) (figura 7, 8 e 9).



7. Plano das expropriações da Avenue de l'Opera, 1977. Fonte: Musée Carnavalet, Paris (<http://vergue.com/post/542/Rue-Argenteuille>).



8. Avenue de l'Opera, durante as demolições. Fotografia de Charles Marville, por volta de 1870. Fonte: Lefigaro.



9. Avenue de l'Opera por volta de 1890. O edifício de l'Opera só é finalizado em 1875. Fonte: <http://www.parisrues.com/rues01/paris-avant-01-avenue-de-l-opera.html>

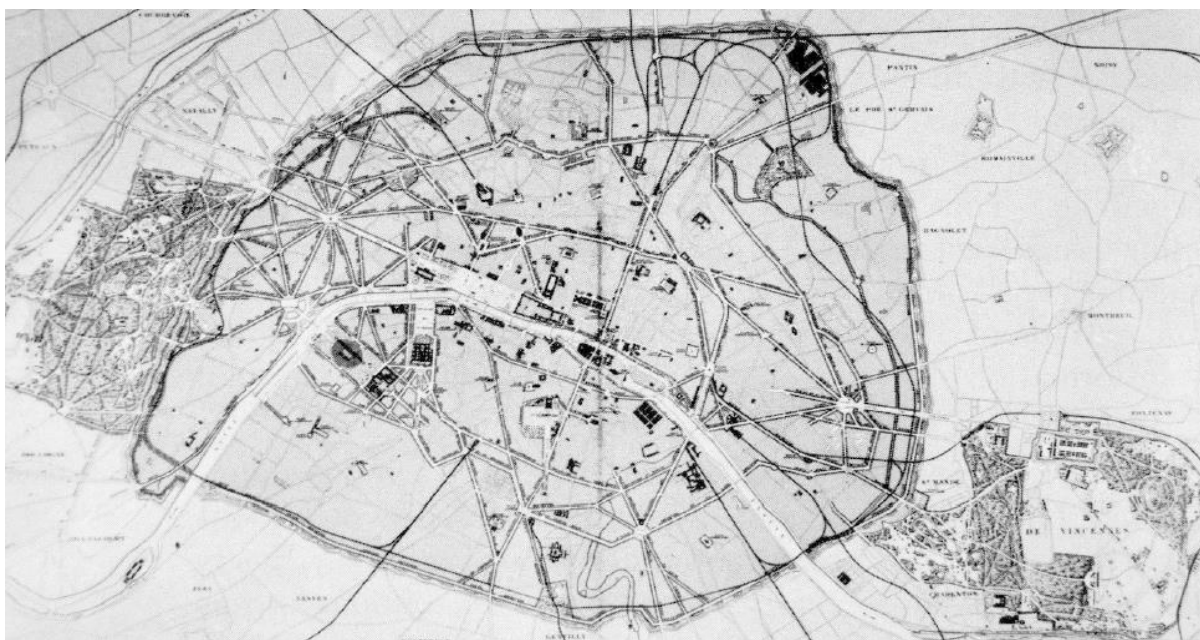
Sistema de parques, jardins públicos e passeios

Napoleão III tem por ambição trazer para Paris a presença da vegetação e a ambiência “natural” que encontrava em Londres, sendo esta missão confiada ao engenheiro Jean-Charles Alphand (1817-1891), conjuntamente com o especialista de plantações e “jardineiro” Barillet-Deschamps.

Em 1852, Napoleão doa o *Bois de Boulogne*¹³ - floresta de propriedade real que se tinha tornado espaço de passeio durante a revolução - à cidade de Paris (Van Zuylen, 1994). Mais tarde, segue-se o *Bois de Vincennes* sendo, as duas reservas de caça reais, renovadas e transformadas em grandes parques.

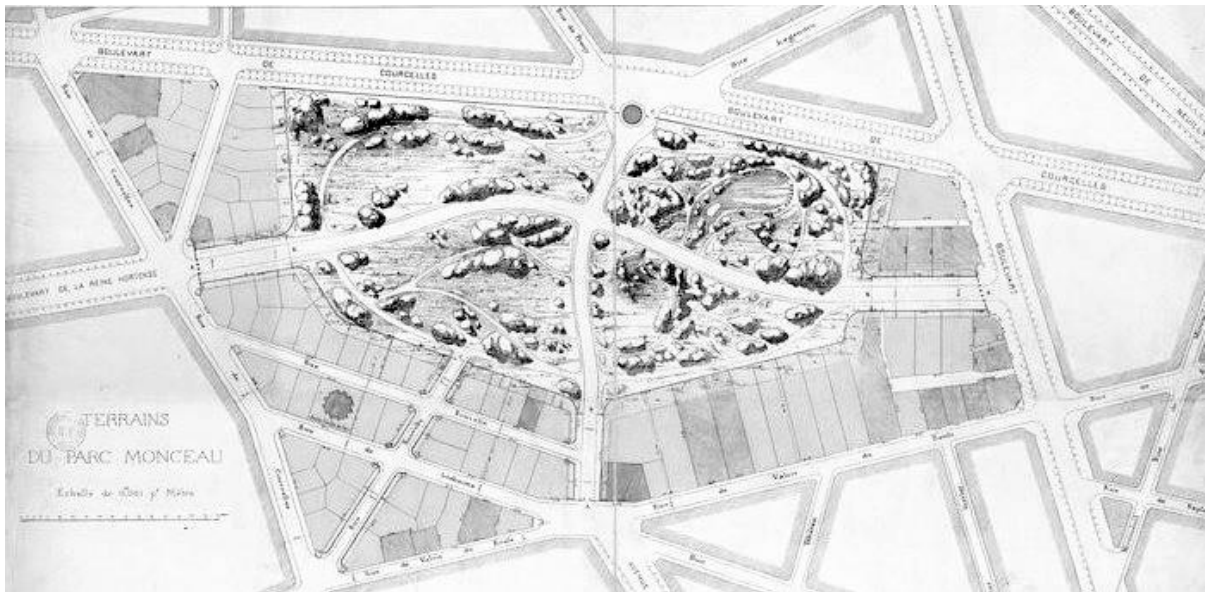
É criado um sistema de *squares* e de parques, que inclui o *Parc des Buttes-Chaumont* (antiga pedreira de gesso) e o *Parc de Montsouris*, propícios ao passeio e lazer públicos (figura 10).

O *Parc Monceau*, cedido pela família de Orléans, é parcialmente edificado, o que justifica a relação de proximidade que o edificado mantém com o parque, que, por sua vez, não é totalmente rodeado pela via pública. Este conceito é mais tarde aplicado ao parque Martin Luther King (figura 11).

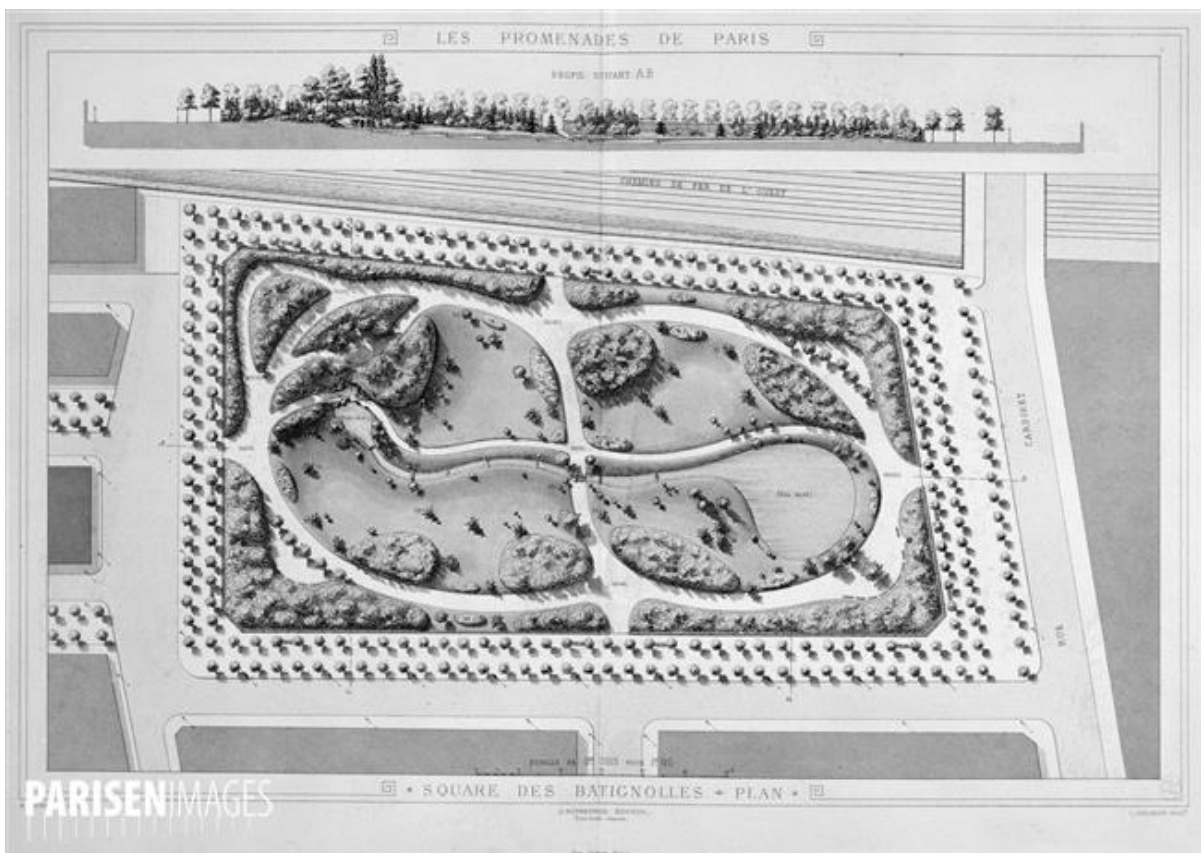


10. Promenades de Paris, plano de abertura das novas avenidas, A. Alphand, 1889. Fonte: APUR.

¹³ Com a revolução francesa, e o decreto de lei de 1789, todos os bens do clérigo se tornam bens nacionais. Os bens da aristocracia e da coroa são confiscados pelo governo revolucionário e vendidos à burguesia, para pagamento das dívidas contraídas pelo estado.



11. Plano de loteamento do Parc Monceau, 17eme arrondissement. Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53027965c>



12. Plano do Square des Batignolles de "Les Promenades de Paris par Adolphe Alphand, J. Rothschild, éditeur, 1868 de Chaumont/Hochereau. (O Norte situa-se à direita). Estampe. Fonte: *Musée Carnavalet, Paris* (<http://www.parisenimages.fr>)



13. *Square des Batignolles e a Serpentine, elemento de água. Fotografia: autora, 2014*

Uma série de 80 *squares* são repartidos pela cidade, um em cada *quartier*, de modo a que todos os cidadãos passem por um jardim no caminho de casa (Billon & Des Cars, 2011). O *Square des Batignolles*, do *quartier* Clichy-Batignolles, junto ao Parc Martin Luther King, é criado nesta altura (figura 12 e 13).

Durante o período Haussmanniano, estima-se a plantação de 80 000 árvores e a criação de 1864ha de espaços de parques e jardins públicos.

Estilo de vida parisiense

Os cafés, os restaurantes, o passeio público, a cultura, a arquitetura e a moda alimentam uma burguesia emergente, de pretensão aristocrática, e são a novidade que faz de Paris uma celebridade mundial (figura 14).

Em 17 anos de governança, entre 1853 e 1870, Haussmann, no seu cego autoritarismo, implementa as condições e os serviços públicos que revolucionam o estilo de vida dos parisienses, apesar de todas as injustiças sociais que dele advêm e pelas quais a cidade ainda é responsável.

O plano urbano de Haussmann tem, no entanto, a vantagem de ser estrutural, ao incidir sobre o sistema de infraestruturas da cidade, sobre as proporções entre a largura da rua e a altura do edifício, as acessibilidades, as mobilidades e os equipamentos, dando resposta a alguns problemas funcionais.



14. *Café parisiense. Fotografia do Segundo Império. Fonte: Dans les Rues de Paris, 1971.*

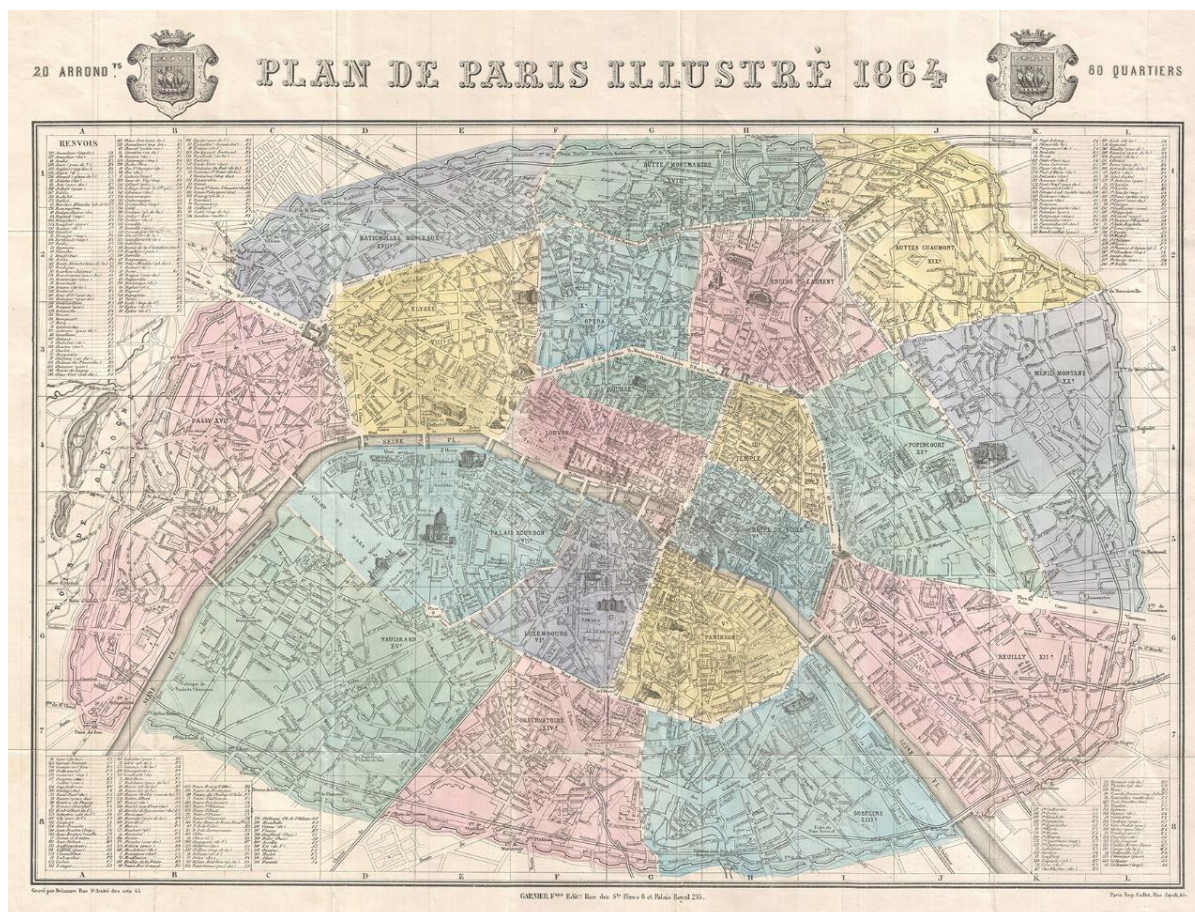
Durante os séculos que se seguem, Paris vai saber rentabilizar a noção do “chique”, o estilo de vida parisiense e a expansão da atividade comercial a um público mundial.

Reestruturação administrativa e montagem financeira

Novas disposições legais são introduzidas com o intuito de permitir, conjuntamente com a lei de 1841, a expropriação por motivos de utilidade pública, assim como o recurso ao empréstimo.

Napoleão III é o homem com visão e Haussmann é, apesar dos abusos, o génio das finanças e da administração. Em 1860, Napoleão III remete ao barão o decreto de anexação de onze municípios criando assim o departamento de Paris, que expande os seus limites do *Mur des Fermiers Generaux à Enceinte de Thiers* (figura 6) passando a integrar: Auteil, Passy, Batignolles, Monmartre, La Chapelle, La Villette, Belleville, Charonne, Bercy, Vaugirard e Grenelle. Paris passa de 12 *arrondissements*¹⁴ a 20 *arrondissements* e de uma superfície de 46,6 km² a 78 km² (Insee, 1866, 1925) (figura 15).

¹⁴ Divisão geográfico-administrativa específica de Paris, que poderá aproximar-se de município.



15. Carta departamento de Paris com 20 arrondissements e 80 quartiers, em 1864, delimitado pela Enceinte de Thiers, defesa militar que passa a ser limite fiscal. Fonte: Garnier Frères

São assim criadas as bases legislativas, administrativas e políticas para a governança e transformação urbana de Haussmann.

O cargo de *préfet de la Seine* passa a ser definido pela presidência do município de Paris e municípios à volta¹⁵, formando o departamento de Paris, aumentando, consideravelmente, a receita fiscal, a superfície e a população. A governança de Paris torna-se uma posição estratégica de acrescido poder.

A alteração administrativa e territorial contribui para o crescimento demográfico de Paris que passa de 1 milhão de habitantes e 1 347,7 hab/km², em 1851, a 1,7 milhões de habitantes e uma densidade de 2 170,8 hab/km², em 1861 (Insee, 1866, 1925)

O apogeu do capitalismo industrial, associado à ascensão de um poder autoritário, vai permitir a criação de novos instrumentos e mecanismos financeiros de empréstimo¹⁶, retrocessão, concessão, letras¹⁷ até à cegueira e endividamento total.

¹⁵ Razão pela qual existem os *maires de arrondissement* e o *maire* de Paris.

¹⁶ A noção de empréstimo vem do Duque de Persigny que, na época, teve a ideia de dedicar o orçamento modesto da cidade de Paris ao pagamento dos juros dos empréstimos (Billon et al., 2011).

¹⁷ título negociável que serve como garantia ao pagamento de um empréstimo

O financiamento da operação urbana conta com a cooperação dos bancos, dos promotores e do estado. O engenheiro Michel Chevalier e os irmãos Pereire, influenciados pela doutrina de Saint-Simon mas, sobretudo, pelo lucro proveniente da especulação imobiliária, encorajam os capitalistas burgueses a participar na construção das grandes obras públicas. Os bancos, em pleno desenvolvimento e impulsionadores do sistema económico, encontram nos projetos de renovação de Paris um campo de aplicação vantajoso: as obras são decididas e enquadradas pela autarquia, construídas pelos empreendedores privados e financiadas pelo empréstimo bancário.

Hausmann dissimula os empréstimos criando a *Caisse de Travaux de la Ville*, entre outros, de forma a ocultar as manobras financeiras do conhecimento dos parisienses. O endividamento do estado é mal-aceite pela população e o pensamento político da época associa-o à propensão a revoluções populares, nomeadamente a de 1789 (Billon et al., 2011).

Um outro novo sistema consiste no adiantamento do dinheiro das obras, por parte dos construtores, à autarquia. Esta deve proceder à devolução do empréstimo com a venda dos lotes aos promotores, que constroem os imóveis segundo um caderno de encargos - *Cahier des charges* – que, por sua vez, define as regras urbanísticas e arquitetónicas. No entanto, o custo das expropriações, das demolições e da construção das obras públicas é substancialmente mais elevado quando comparado ao valor da venda do terreno. Segundo Yves Billon e Pierre Pinon, é através desta estratégia que Hausmann consegue, em 10 anos, endividar a cidade, na ordem das centenas de milhões de euros, sem que os parisienses se apercebam (Billon et al., 2011). Segundo o mesmo autor, a dívida contraída é rapidamente absorvida nos 50 anos seguintes.

Hausmann é frequentemente criticado pela sua cegueira autoritária, elitista, denunciada pelos literários, jornalistas e políticos da época como Victor Hugo ou Emille Ollivier. O jovem génio arquiteto Charles Garnier, autor da Opera de Paris, critica a monotonia resultante da imposição arquitetónica. Apesar das objeções constantes, Hausmann tem a proteção do poder central.

Em 1868, um ano após a Exposição Universal, Jules Ferry¹⁸ denuncia a gestão financeira de Hausmann no jornal parisiense *Les temps*¹⁹ com a publicação de *Les comptes fantastiques d’Hausmann*, levando à descredibilização das obras públicas e à destituição de

¹⁸ Jornalista, futuro ministro da instrução pública que implementa, em 1882, a lei Jules Ferry implementando a obrigatoriedade e gratuidade da escola primária em França. Só em 1985, François Mitterrand implementa a obrigatoriedade até ao *baccalauréat*, correspondente ao 12º ano.

¹⁹ Jornal parisiense que, por ironia do destino, teria tido Nicolas Valentin Hausmann, pai do barão-prefeito, como acionista.

Hausmann das suas funções no início de 1870. É o exorbitante custo da sua reforma que obriga Napoleão III a pedir-lhe a demissão.

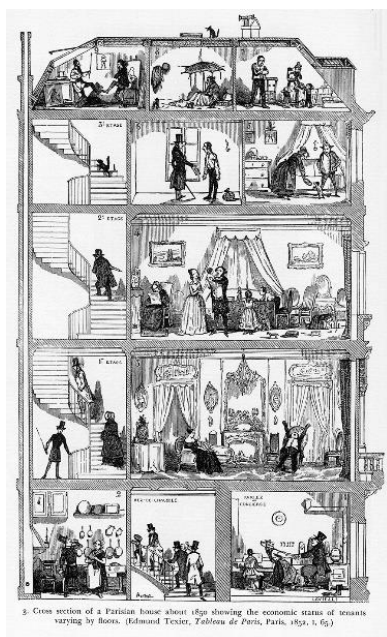
Hausmann nunca chega a entregar a carta de demissão. Quando nomeado, o seu sucessor recusa o cargo, tendo em conta o contexto. Hausmann é retirado do cargo de *prefet de la Seine* com a queda de Napoleão III, um ano mais tarde, em 1871 (Chaudun, 2013).

Habitação e exclusão social

Em 1860, a densidade de Paris é de 36 400hab/km² (Lavedan, 1975)²⁰, uma concentração bem mais elevada em comparação com a densidade atual de 21 387hab/km² (Insee, 2015).

O afastamento dos mais desfavorecidos, também mais numerosos, para as periferias é evidente. A indignação social é crescente, as denúncias às práticas Hausmannianas são numerosas. Contudo, o poder autoritário de Hausmann prossegue.

O esquema do interior do edificado pré-hausmanniano, que permitia a coabitação das diferentes classes, desaparece (Figura 16). As renovações sobem o preço do arrendamento e afastam as famílias. Em toda a construção Hausmanniana constata-se a ausência de habitação para os trabalhadores mais modestos (Billon et al., 2011).



16. Modelo pré-hausmannien. Variação do estatuto social por andares 1852. Fonte: Edmund Texier.

²⁰ Densidade anterior à anexação dos municípios vizinhos.

O projeto de Haussmann favorece claramente a burguesia que deseja voltar a habitar no centro de Paris e se instala a oeste, onde os Champs Élysées, o Bois de Boulogne, os parques e jardins e os faustosos *quartiers* são lugares de desfile da *high-life*²¹ para a aristocracia e a burguesia, enquanto que o “povo” se contenta com o Buttes-Chaumont, Monsouris e Vincennes (Coursaget et al., 1971).

O setor Este não beneficiou de obras comparáveis às realizadas no setor Oeste. As escolhas urbanísticas de Haussmann iniciam um desequilíbrio socioeconómico e demográfico entre o Paris burguês e financeiro do Oeste e o Paris popular, trabalhador e industrial do Este, ainda presente na estrutura atual.

Em 1870 desencadeia-se a guerra franco-alemã na disputa de Alsace-Lorraine²².

Em 1871, as ações revolucionárias da *Comune de Paris* iniciam a guerra civil com o incêndio do *Palais des Tuilleries* e do *Hotel de Ville*. É a imigração da província que assume a retoma económica de Paris (Lépac & Jomier, 2013) (figura 17).



17. A guerra civil da *La commune de Paris*, em 1871. Rue Rivoli em direção ao *Hotel de Ville*. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Paris_Commune

²¹ Termo da época equivalente a “jet set” na língua corrente.

²² A guerra dura 6 meses e termina com a vitória da Alemanha.



18. Exposição universal de 1889 em celebração do centenário da revolução francesa. Fonte: <http://paristeampunk.canalblog.com/tag/1889>

A Tour Eiffel é construída para a exposição universal de 1889²³(figura 18).

Em 1900 é inaugurada a primeira linha de metropolitano da cidade. Em 1901 Paris é uma capital moderna com 2 714 mil habitantes, mais 450 mil habitantes que o numero de habitantes atual (Insee, 1925, 2015).

Os tempos que se seguem são de instabilidade social, económica e ecológica. A Primeira Guerra Mundial tem início em 1914 e a segunda em 1939. A crise financeira é agravada pela especulação petrolífera e pelos riscos ecológicos. Desaparecem as sociedades agrárias em benefício da indústria e do comércio. A pegada ecológica humana é superior à capacidade de regeneração da Natureza, marcando o início das Cimeiras da Terra em 1972.

O contexto das grandes capitais é marcado pelo afastamento das indústrias das áreas urbanas e pela concorrência dos países em crescimento industrial. Todas as condições estão reunidas para que as capitais vejam as suas funções e população decrescer. No entanto, o que sucede é o inverso.

Os anos 80 marcam a retoma do crescimento da rede urbana e o crescimento da metrópole associado à multiplicação rápida de atividades e serviços relacionados com negócios, finanças e bancos (Claval, 1994).

A metropolização é uma consequência da mundialização da economia. A revolução dos transportes e das comunicações permite o intercâmbio de atividades económicas entre

²³ Paris acolhe uma grande variedade de exposições internacionais históricas entre as quais as de 1855, 1867, 1878, 1889, 1900, 1937 todas elas exposições universais à exceção da última, uma exposição internacional.

idades de todo o mundo, através da internet e de uma rede de mobilidade de longa distância. Segundo Paul Claval, 1994, as capitais são as cidades melhor servidas em relações aéreas e beneficiam com a onda contemporânea de metropolização.

É este o contexto de Paris contemporânea. No início do século XXI, os preços do imobiliário implodem, a população de rendimentos médios é incapaz de pagar a inflação imobiliária e desloca-se para a periferia. A burguesia que fica em Paris é mais sensível às vantagens culturais do que à literatura.

1.2 As políticas urbanas de Bertrand Delanoë entre 2001 e 2014

Em 2001, Bertrand Delanoë é eleito *maire* de Paris, que inclui o título de presidente do *Conseil Général* do departamento de Paris, *préfet de Paris*²⁴ e da região Île-de-France²⁵.

A lista de união dos Socialistas com o *Europe Ecologie les Verts* (os Verdes) obtém 49,63% dos votos²⁶ (Ministère de L'Intérieur, 2001). Pela primeira vez, em 30 anos, os socialistas-ecologistas governam o departamento de Paris, anteriormente liderado pela direita, (por Jacques Chirac durante 18 anos e por Jean Tiberi no último mandato). A mudança revela-se transformadora.

Bertrand Delanoë, nascido em 1950, é favorável ao voto dos estrangeiros nas eleições locais, é contra a acumulação de mandatos e, em 2001, renuncia ao lugar de Senador de Paris, que ocupava. É membro ativo da associação da Liga dos Direitos do Homem na luta contra a discriminação e é uma das raras personalidades políticas a assumir a sua homossexualidade, em 1988.

O seu grande objetivo é devolver a cidade aos cidadãos.

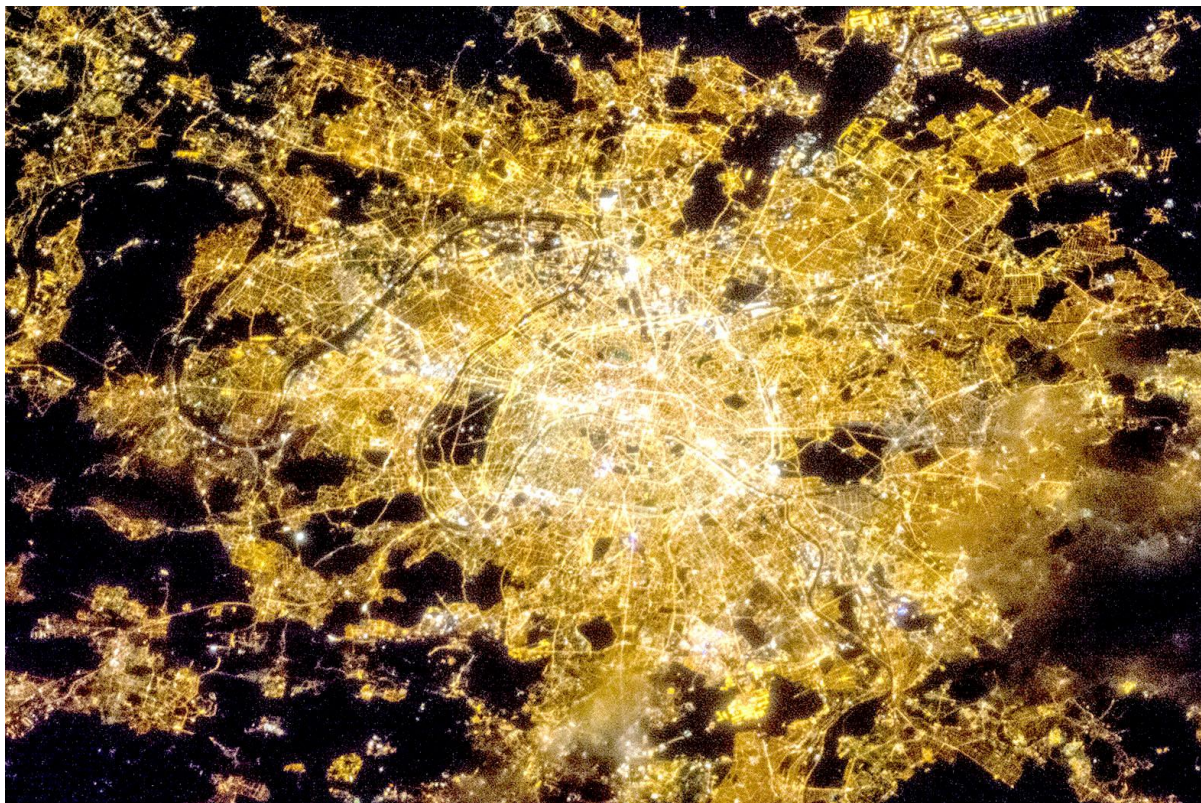
Os grandes eixos programáticos da política urbana de Delanoë consistem: na promoção da cultura e eventos; na redução da circulação automóvel, principal responsável pelos males urbanos, nomeadamente a poluição e desregrada expansão urbana; no aumento da oferta de habitação social; no aumento de espaços de parque e jardins públicos e, por fim, no aumento de centros infantis²⁷. Delanoë marca a passagem da cidade útil à cidade lúdica.

²⁴ Anteriormente designado *préfet de la Seine*.

²⁵ Desde a criação da região Île-de-France, em 1977, o *maire* de Paris acumula a presidência do departamento e da região e, por consequência, da metrópole. Enquanto que em França existe a governança regional entre a nacional e a local, em Portugal apenas existe a nacional e local. Por este motivo, ser *maire* de Paris não equivale politicamente a ser presidente da câmara.

²⁶ Contra 50,37% da direita dividida entre Jean Tiberi, com 32%, e Seguin com 15,20%.

²⁷ Creches, infantários, centros de ocupação de tempos livres, assistência materna, entre outros.



19. O Grand Paris à noite, a metrópole e a cidade de Paris. Imagem do início do séc. XXI. Fonte:NASA, 2016

Cultura e eventos

Com Delanoë é lançado um megalómano programa cultural que integra a construção de museus, mediatecas, centros culturais, centros de música, teatros, institutos culturais, centros de espetáculos e a organização de inúmeros eventos entre os quais, *Paris Plage*, *Paris Cinema*, *La nuit blanche* dedicada à arte contemporânea, entre tantos outros.

Em 2001, o *maire de Paris* instala a contribuição obrigatória de 1€ por habitante, por ano, a cada *arrondissement* para ações culturais locais como exposições, festivais e outros.

Em 2005, Bertrand Delanoë candidata Paris aos Jogos Olímpicos de 2012 sendo prevista a implantação do evento no sítio de Clichy-Batignolles.

Cento e cinquenta anos após Haussmann, a cidade tem o intuito de promover uma sociedade de ócio e cultura.

Espaços pedonais e poluição

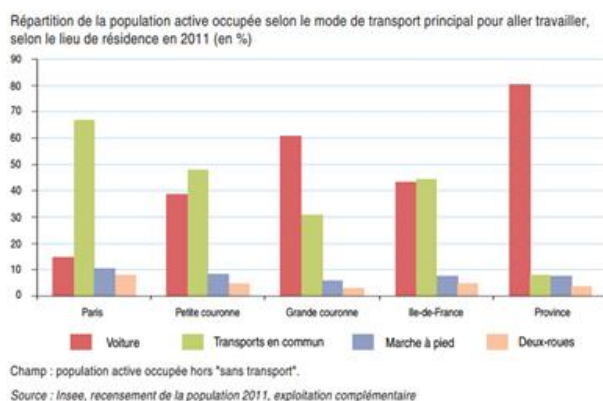
Várias estratégias são colocadas em prática para a redução da circulação automóvel e para o aumento do espaço dedicado aos pedestres.

São implementados meios alternativos de mobilidade: pistas para bicicletas; melhoria dos transportes públicos como o *tramway*²⁸; vias conjuntas para autocarros e bicicletas; supressão de inúmeros estacionamentos de superfície, com o intuito de desencorajar o uso automóvel e aumentar o espaço dedicado aos pedestres; aumento da cobrança de estacionamento à superfície para residentes a 0,65€/dia; criação de estacionamentos subterrâneos com tarifário preferencial para os residentes.

Três em cada quatro parisienses estão expostos à poluição de dióxido de azoto (NO₂), acima do valor limite anual (40µ/m³). Paris emite 4,2t de dióxido de azoto por habitante, por ano, sendo o transporte viário responsável por 56% das emissões. O aquecimento residencial e serviços são responsáveis por 18%, seguidos da indústria e dos transportes que apresentam, também, percentagens elevadas de emissões (Airparif, 2016).

Um dos objetivos principais de Delanoë é o de reduzir drasticamente a circulação e a velocidade automóvel e assim diminuir os níveis de poluição da cidade.

Em outubro de 2007 é assinado o acordo do *plan Climat*, elaborado pelo vereador ecologista Yves Contassot. Melhorar a qualidade do ar é um dos principais objetivos da cidade, para a qual contribui o desenvolvimento da mobilidade lenta (figura 20).



20. Modos de transporte utilizados pela população no percurso para o trabalho. Fonte: INSEE, 2011

²⁸ Metro de superfície à volta de Paris, nos boulevards des maréchaux (cintura composta por avenidas, paralelas ao Boulevard Périphérique. Alguns troços encontram-se em funcionamento, outros estão em fase de construção.

Em 2011, apenas 14,6% dos parisienses se deslocam de automóvel (Caenen, Courel, Paulo, & Schmitt, 2011) devido aos elevados custos associados ao estacionamento em Paris, mas também, e sobretudo, motivado pela elevada oferta alternativa que possuem os parisienses em termos de transportes e serviços públicos de mobilidade.

A prática da bicicleta aumenta com a implementação de ciclovias, passando de 6km, em 1995, a mais de 600km em 2014, assim como o livre serviço Velib' que disponibiliza uma rede de 20 000 bicicletas em Paris distribuídas pelos 21 municípios da metrópole.

Lançado em 2007, o sistema Velib' consiste na livre utilização de bicicletas e é um projeto de iniciativa pública, colocado em prática através de um contrato de 10 anos com a internacional empresa publicitária JC Decaux²⁹. A cidade coloca assim à disposição um serviço público, no qual não teve custos, sendo este produtor de uma receita direta de 25 milhões de euros, segundo o jornal Le Canard Enchaîné, de 16 de outubro de 2007.

Segue-se em 2011 o Autolib: o livre serviço e partilha de carros elétricos. A medida aparenta ser um sucesso para os parisienses, como também uma vantagem para a indústria automóvel francesa que desenvolve a rede e otimiza e publicita a eficiência dos carros elétricos.

Habitação e exclusão social

Durante as últimas três décadas do séc. XX, Paris perde população em benefício dos municípios periféricos e da província. Esta perda populacional está associada à inflação imobiliária e à consequente exclusão da classe média. A dificuldade de alojamento é um incentivo à expansão urbana.

Em 2000, Paris possui 2 129 028 habitantes e a região Île-de-France 11 001 887 habitantes sendo a população francesa nacional metropolitana de 59 038 000 habitantes (Beaumel, Richet-Mastain, & Vatan, 2005). Em 2004, 75% da população francesa é urbana (INSEE, 2006).

O contexto imobiliário parisiense é particular. Dos 1 358 884 alojamentos, em 2013 apenas 33,3% dos habitantes são proprietários, 7,7% dos alojamentos encontram-se vazios e 7,4% são segunda habitação (INSEE, 2013). Grande parte do parque imobiliário de Paris pertence um grupo restrito de proprietários. Na escassez de habitação, para alojar as necessidades da população, Paris possui 206 mil habitações vazias a maior parte do ano³⁰.

²⁹ Responsável por instalar e manter um serviço de 20 mil bicicletas e 30 mil pontos de acesso, em troca de 20mil painéis publicitários e um pagamento à câmara de 3,4 milhões de euros.

³⁰ Delanoë aumenta consideravelmente os impostos sobre os imóveis de residência secundária.

A cidade de Paris acumula riqueza e produz exclusão.

A política de Delanoë tenta dar respostas aos problemas da habitação em Paris, nomeadamente em termos de “equidade e transparência” na atribuição de alojamento “*modéré*”, que a comunicação social vai denunciando.

A habitação dita “*modérée*” – moderada - é destinada a pessoas com rendimentos médios, capazes de suportar o custo do arrendamento, certamente menos inflacionado do que o setor livre. Uma vez atribuída, a prevalência do direito a essa habitação não é questionada, mesmo que a situação financeira do requerente melhore no tempo.

O sistema tem como base um verdadeiro desequilíbrio na justiça social. Mais uma vez os que mais necessitam são excluídos. A solução encontrada, a nível nacional, regional e local, tem por base a construção de mais habitação. No entanto, o ritmo da construção não acompanha o aumento crescente das necessidades.

Consciente da urgente necessidade de habitação, Delanoë tem o plano de contribuir para o alojamento das inúmeras famílias de rendimentos moderados, que não têm possibilidade de comportar os custos de um aluguer em Paris. Várias estratégias são implementadas com este fim, entre as quais:

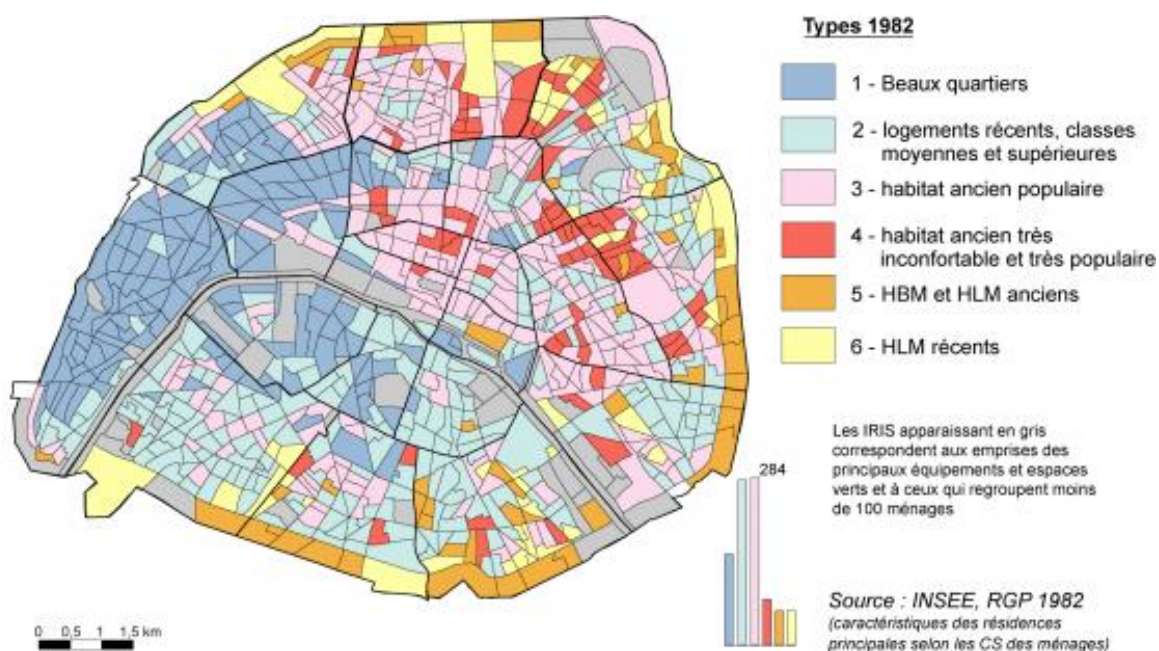
- A alteração do PLU que passa a integrar a obrigatoriedade de dedicar 25% do programa de habitação à habitação social, em todos os novos programas imobiliários com mais de 800m².

- A aquisição de imóveis para alojamento *modéré* – moderado – através do *Rachats par préemption* – direito de aquisição prioritária em caso de venda³¹ – sobretudo na área do Oeste burguês de Paris, apesar do desacordo da população que aí reside. Esta medida não aumenta a disponibilidade de alojamentos em Paris, apenas poderá contribuir para um equilíbrio dos grupos socioeconómicos.

- A reabilitação de imóveis insalubres estimados à volta de 1000.

Na última década, a região parisiense não conseguiu atingir o objetivo de construção de 60 mil habitações por ano, fixado pelo *Schéma Régional*, ficando apenas pelos 35 mil alojamentos (Burgel, 2012). A habitação em Paris é totalmente desajustada à capacidade económica da população de rendimentos médios e moderados.

³¹ Em situação de venda por parte do proprietário este é um direito de compra prioritário, a um preço inferior ao mercado.



21. Esquema de distribuição socioeconómica de Paris. Fonte: INSEE RGP, 1982.

A crise da habitação é quantitativa, qualitativa, mas também geográfica (figura 21) e a oferta criada responde cada vez menos à natureza da procura.

A privatização da economia imobiliária orienta-se para a aquisição imobiliária de uma população com elevadas possibilidades económicas³² ou para o setor de rendas livres quando, na verdade, o que é necessário é o arrendamento com ajudas do estado (subsídios de habitação) em massa (Burgel, 2012).

A população popular e a classe média estão excluídas do mercado.

Também, a elevada inflação imobiliária, sem qualquer enquadramento legal, agrava a situação e confirma a exclusão.

Espaços de fruição da natureza

No início do séc. XXI, no centro de um aglomerado de 11 milhões de habitantes, Paris dispõe de 3000 ha de espaços plantados, dos quais 2 400 ha são públicos, o que representa 14,5 m² de espaços abertos por habitante, ou 5,8 m² com a subtração dos dois bosques³³, o que

³² Adquirida por transmissão de património anterior (herança, valores familiares ou venda de um bem precedente) ou por empréstimo bancário, garantido apenas quando os rendimentos são extremamente elevados

³³ Os dois bosques são exteriores à forma da cidade de Paris, embora dentro do limite administrativo (figura 22). Enquanto parque de proximidade os municípios mais beneficiados são os de Bologne e Vincennes.

coloca a cidade numa posição inferior à média europeia : Amsterdão possui 36 m², Londres 45 m², Madrid 68 m², Viena 131 m² e Roma 321 m² (Atelier Parisien d'Urbanisme, 2004).

Paris apresenta a pequena superfície total de 105,4 km² em comparação com Amsterdão que possui 219,3 km², Londres 1579 km², Madrid 608 km², Viena 414,89 km² e Roma 1285 km². Também, o valor de 14,5 m² de espaços plantados por habitante mantem-se reduzido, quando comparado à média de 31 m² por habitante, das restantes cidades francesas.

Em 2011 são quantificados 580 ha de parques e jardins públicos UV³⁴, 847 ha e 993 ha do Bois de Boulogne e Bois de Vincennes UN³⁵, respetivamente, 91,93 ha de cemitérios plantados e 600 ha de espaços abertos protegidos e espaços plantados privados EVP³⁶. Apenas 7% da superfície da cidade é dedicada aos jardins e parques (Atelier Parisien d'Urbanisme, 2015).

Neste contexto menos favorável, Delanoë tem a intenção de prosseguir a política dos anos 70, aumentando os espaços de jardins e práticas culturais, lúdicas. No entanto, as oportunidades fundiárias disponíveis foram objeto de expropriação do governo antecedente e a escassez de espaço urbano aberto tornam o objetivo difícil de concretizar. Os *quartiers* do norte de Paris apresentam densidades populacionais elevadas e fazem parte das zonas urbanas mais deficitárias em espaços de parque e jardins públicos ou privados (figura 22).



22. Parques e jardins de Paris e o parque Martin Luther King (vermelho) e o limite administrativo do 17eme arrondissement (cinzento) à escala da cidade. Fonte: autora, 2016

³⁴ Classificação de PLU, plano local de urbanismo, U identifica zona urbana e V identifica zona verde plantada

³⁵ Classificação de PLU, plano local de urbanismo, U identifica zona urbana e N identifica zona natural e florestal

³⁶ Classificação de PLU, plano local de urbanismo, U identifica a zona urbana, V identifica zona verde e P protegida.

1.3 Batignolles, a oportunidade urbana e as decisões políticas na linha do tempo

De estrutura social heterogénea, o *17eme arrondissement* (figura 22), divisão administrativa da cidade, é composto: a Oeste, pelos *Quartier des Ternes* e *Quartier de la Plaine Monceau*, burgueses e haussmanianos; o popular *Quartier des Epinettes*, a Este e, entre os dois, o *Quartier des Batignolles*.

O *arrondissement* alcançou um pico de população em 1954, com 231 987 habitantes, perdendo população até 1999, atingindo os 161 138 habitantes. Desde esse ano a população tem vindo a aumentar atingindo 171 978 habitantes³⁷, em 2014 (INSEE, 2013). O *arrondissement* possui a densidade de 303 hab/ha, elevada em relação à média de Paris de 213 hab/ha, contendo apenas 10,4% de alojamento social.

Com a diminuição da atividade industrial e a valorização do solo urbano, a ocupação ferroviária torna-se desajustada face às necessidades da cidade, sendo equacionada a sua desafetação.

O espaço de Batignolles de 62ha, no *17eme arrondissement*, constitui-se como um dos últimos espaços ferroviários de vasta dimensão capaz de responder às necessidades do noroeste parisiense nomeadamente em termos de equilíbrio social, de zonas verdes e habitação (figuras 23 e 24).



23. Localização do espaço ferroviário de Batignolles, à escala de Paris Fonte: PBA, 2012



24. Localização do espaço ferroviário de Batignolles, à escala do noroeste parisiense Fonte: MOE, 2008

³⁷ Embora se registre, nos últimos dois anos, uma perda populacional na cidade, no *17eme arrondissement*, com 567ha, esse decréscimo é mínimo: 171 906 hab em 2016 (INSEE, 2016).



25. Ocupação ferroviária do sítio. Fonte: MOE, 2004



26. Sítio ferroviário e área de intervenção do projeto urbano. Fonte: MOE, 2004

Desde a segunda metade do séc. XIX e até ao início do séc. XXI, o sítio de Batignolles é dedicado a atividades de logística urbana e ferroviária, à manutenção do sistema ferroviário de Saint-Lazare, ao *Grill ferroviário*³⁸, ao *frete ferroviário*³⁹ e à central de betão, constituindo-se como um espaço isolado e poluído no noroeste parisiense. (figura 26 e 27)

Em 2001, a coligação socialista-ecologista de Paris toma a decisão de adquirir os terrenos de Batignolles à SNCF, *Société Nationale d'Espaces Ferroviaires Aménagement*, e lança um estudo de programação urbana para a realização de um parque urbano de 10 ha fundador de um novo *quartier*.

³⁸ Armazenamento/garagem de carruagens

³⁹ Zona de descarga da mercadoria, vinda por via férrea, para ser distribuída por via rodoviária.

A candidatura de Paris aos Jogos Olímpicos de 2012

Em 2003, o processo acelera-se com a candidatura de Paris aos JO Jogos Olímpicos de 2012 e com a hipótese de transformar o sítio de Batignolles em vila olímpica. É lançada uma consulta para a definição das orientações do plano urbano, um *marché de définition*⁴⁰, que integre o projeto de vila olímpica para 2012 (figura 27).

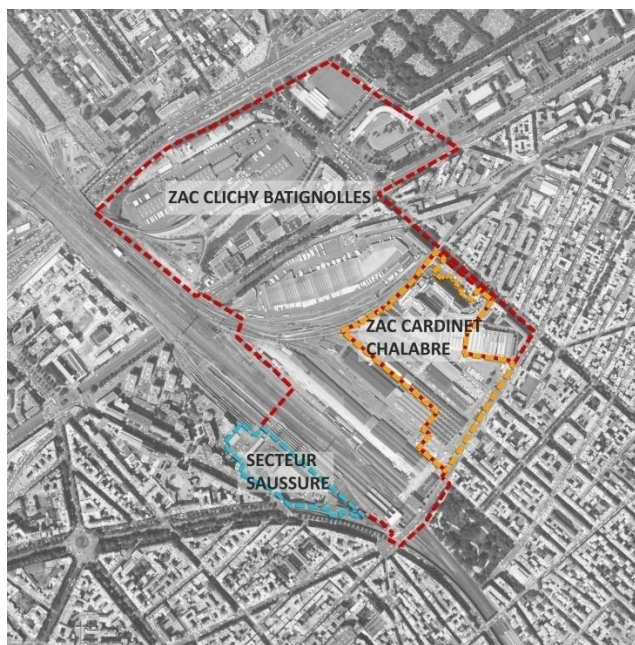
Em janeiro de 2004, é anunciada a equipa vencedora do concurso para a concepção do projeto urbano, da vila olímpica “zero emissão de carbono” e do parque, composta por François Grether na especialidade de urbanismo, Jacqueline Osty na especialidade arquitetura paisagista e OGI na especialidade técnica e de engenharia.

A ZAC - *Zone d'Aménagement Concerté*, é um instrumento de planeamento urbano que define a relação entre: as exigências dos equilíbrios financeiros dos projetos, a rentabilidade dos investidores e o interesse público geral.

A candidatura aos JO de 2012 condiciona a montagem administrativa das ZACs e obriga à criação de uma primeira ZAC, a ZAC Cardinet-Chalabre, no seguimento da primeira expropriação, a fim de respeitar o calendário dos Jogos Olímpicos (figura 28).



28. Plano da Vila Olímpica para os JO de 2012.
Fonte: MOE, 2004.



27. Divisão do projeto urbano em duas ZACs e o loteamento de Saussure. Fonte: MOE, 2004.

⁴⁰ É um concurso público para a definição das diretivas do projeto urbano. A equipa que ganha o concurso fica encarregue de realizar o projeto.

O loteamento de Saussure, empreendimento privado da SNEF, situado do lado oposto do feixe ferroviário, vem complementar a transformação do setor. A SNEF seleciona a mesma equipa de projetistas para elaboração do projeto urbano e dos espaços abertos, no sentido de contribuir para a coerência da operação e concepção urbana global.

Em 2005, o comité olímpico escolhe Londres para acolher o evento dos Jogos Olímpicos de 2012. A candidatura, no entanto, não deixa de ter um grande impacto no projeto de Clichy-Batignolles e a Câmara de Paris solicita a equipa de projetistas para adaptar o estudo urbano ao novo objetivo: a criação de um *ecoquartier* dedicado a um programa de alojamento em torno de um grande parque urbano. A candidatura de Paris aos JO foi importante na medida em que introduziu novos desafios de mobilidade e acessibilidade a pessoas de mobilidade reduzida, assim como segurança e reversibilidade dos equipamentos no projeto urbano.

O acordo entre o estado, a Câmara de Paris e a SNCF

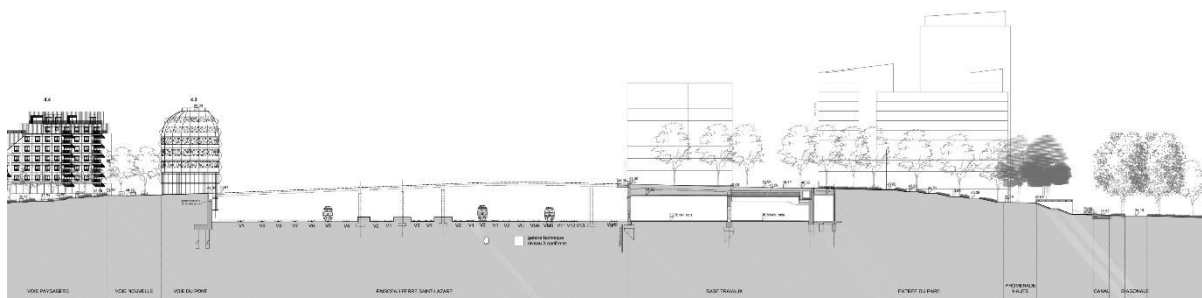
Em 2006, um acordo é estabelecido entre o Estado, a câmara de Paris, a SNCF Société Nationale des Chemins de Fer e a RFF Réseaux Ferré de France, proprietários da área ferroviária, para a expropriação dos terrenos.

A atividade ferroviária não é excluída da área.

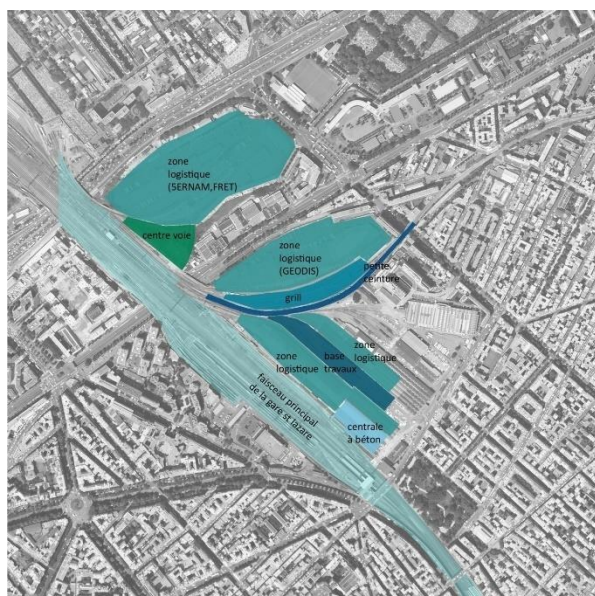
A proximidade do sítio de Batignolles à Estação de Saint-Lazare, edificada em 1837, e com tráfego de 100 milhões de viajantes por ano, determina a permanência de um apoio técnico na área. Certas atividades ferroviárias são desafetadas e outras permanecem no terreno, como é o caso: da *base de travaux*, zona reservada à reparação das máquinas; do espaço de *grill ferroviário* destinado ao estacionamento de vagões e; da *petite ceinture*⁴¹ (figuras 30, 31).

Uma das condicionantes à realização do projeto urbano consistia em integrar as atividades ferroviárias ao longo do feixe e compatibilizar a presença ferroviária com o programa urbano. Assim, a Câmara de Paris assume as obras necessárias de modo a possibilitar essa compatibilização e inclui, no projeto urbano, a obra de cobertura das atividades ferroviárias, uma obra de engenharia consequente, com 600m de comprimento, 50m de largura e 10m de altura, que alberga as funções ferroviárias ao nível do solo e a construção do programa urbano à superfície (figura 29).

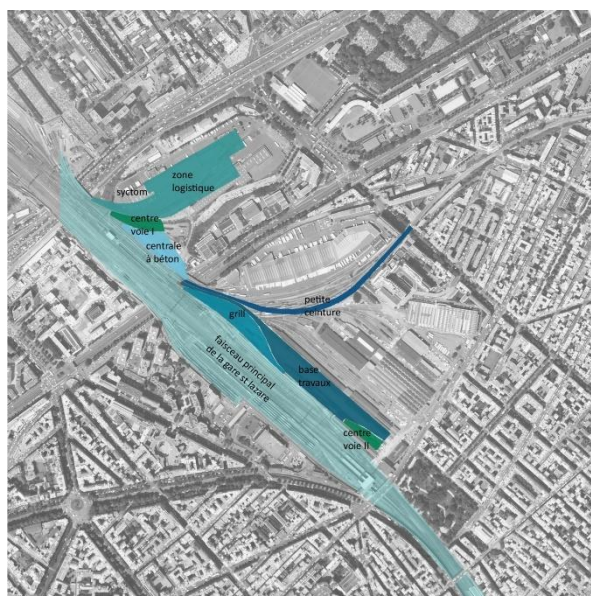
⁴¹ Linha ferroviária do séc. XIX, à volta de Paris (figura 6), destinada à distribuição de mercadorias entres estações de comboio.



29. Princípio de sobreposição das funções ferroviárias com as urbanas. Perfil. Fonte: MOE



30. Mapa das atividades ferroviárias pré-existentes. Fonte: MOE



31. Racionalização da atividade ferroviária proposta pelo projeto urbano. Fonte: MOE

Esta obra de cobertura permite atingir a altura necessária ao atravessamento do feixe ferroviário de 100m de largura, sobre o qual se apoia a construção de uma ponte viária e de uma ponte pedonal, que contribuirá para a permeabilidade e mobilidade deste local.

No momento das negociações, ficou acordado que a SNCF manter-se-ia proprietária da linha férrea *petite ceinture* de Paris, no intuito de preservar a possibilidade de abastecer o centro urbano de Paris através desta linha, criada por Haussmann, que liga Batignolles à La Rapée⁴². Assim sendo, o parque mantém-se atravessado pela linha da *petite ceinture*.

⁴² A SNCF concede, entretanto, à Câmara de Paris várias expropriações, nomeadamente no *15eme arrondissement*, onde se desenvolvem projetos de parques urbanos lineares.

As grandes decisões políticas

As grandes orientações do plano de Clichy-Batignolles e noroeste parisiense são as seguintes:

- Reconquistar a área ferroviária
- Desenvolver a oferta de habitação, nomeadamente social, em Paris
- Desenvolver atividades empresariais ao longo das grandes infraestruturas existentes (feixe ferroviário e Boulevard Periphérique)
- Conceber um *quartier* sustentável exemplar
- Melhorar a oferta de transportes públicos

Em 2006, a Câmara de Paris, com apoios nacionais, lança o desafio de construir 3 500 unidades habitacionais. O objetivo político consiste em dedicar 59% da superfície de construção à habitação, dos quais metade à habitação “moderada”.

Em 2007 é criada a ZAC de Clichy-Batignolles que conserva as orientações do estudo urbano. A entidade da Câmara de Paris, responsável pela gestão da ZAC Cardinet-Chalabre e a ZAC Clichy-Batignolles, é a SEMAVIP *Société d'Economie Mixte Aménagement de la Ville de Paris* e, posteriormente, PBA *Paris Batignolles Aménagement, Société Publique Locale d'Aménagement*, criada para a administração de todo o processo urbano.

A primeira transformação urbana inicia-se com a inauguração de 3,7ha de parque, em setembro de 2007. O parque é acolhido pelos habitantes com particular entusiasmo e interesse.

Em abril de 2008, o Presidente da República, Nicolas Sarkozy, anuncia a integração da *cité judiciaire* (bairro jurídico), composta pelo TGI *Tribunal de Grande Instance* e DRPJ *Direction Regionale* de a *Police Judiciaire* na ZAC Clichy Batignolles, retirando uma área considerável ao programa urbano. A alteração reduz a 3400 o objetivo das unidades habitacionais, mantendo-se extremamente ambicioso tendo em conta a área retirada.

São adicionadas novas vantagens ao projeto urbano como a extensão da linha de metro L14 e a criação de duas estações de metro. Novos estudos são realizados e o PLU *Plan Locale d'Urbanisme* é revisto de forma a permitir uma densidade superior em cada loteamento.

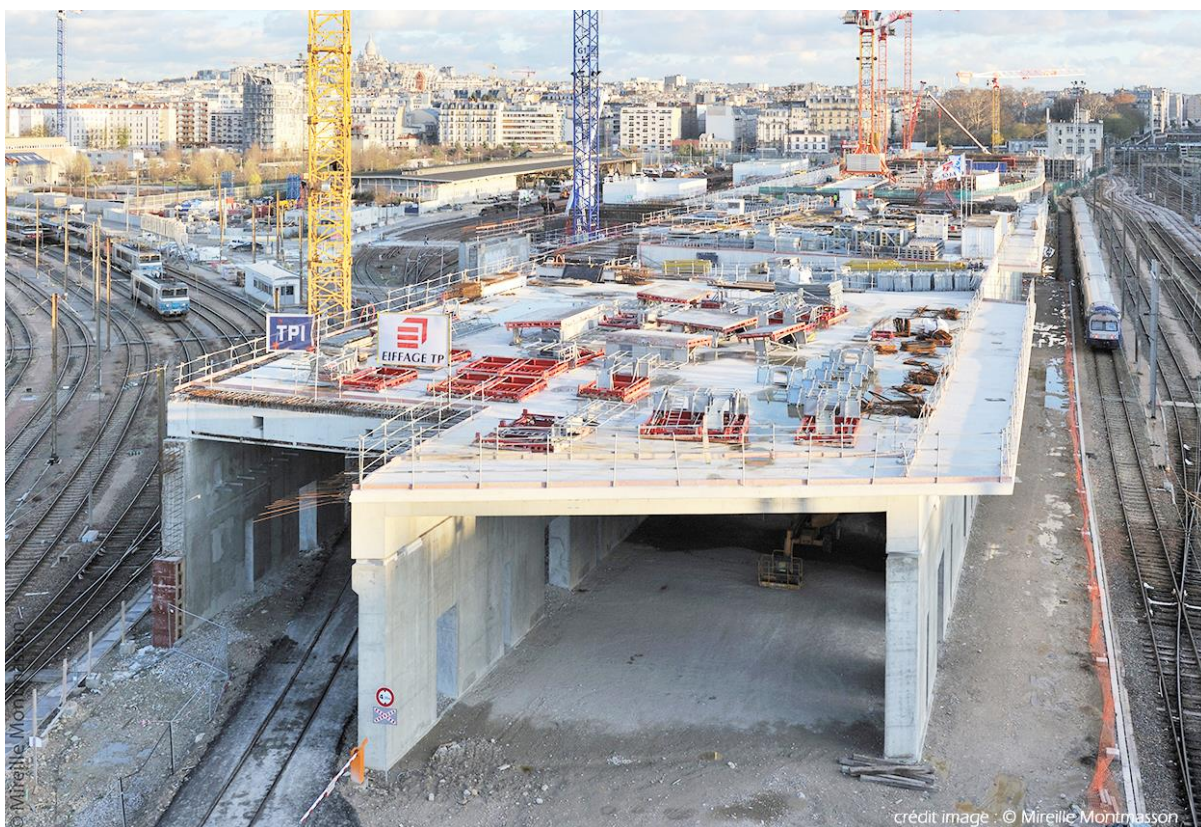
É neste contexto que o projeto de 10ha de parque é alvo de uma pressão política e urbanística sem precedentes.

No setor Este, são comercializados os direitos de construção, identificados os promotores, selecionadas as equipas de concepção de cada lote, desenvolvidos os estudos e o *Permis de Construire* (equivalente ao alvará de construção). Em 2010 inicia-se a construção dos loteamentos deste setor.

Em 2011 dá-se início à construção da complexa obra de cobertura do espaço ferroviário, ao longo do feixe de Saint-Lazare, que permite compatibilizar 5ha de atividade ferroviária com a construção do programa de escritórios e comércio (figura 32, 33).



32. Primeiro parque inaugurado em 2007 e a cobertura das atividades ferroviárias, em construção. Fonte: PBA, 2012.



33. Obra de cobertura das atividades ferroviárias, em construção. Fonte: PBA, 2012.

Em 2013 iniciam-se as obras de construção do futuro *Palais de Justice* entre o Boulevard Berthier e o Boulevard Périphérique, as obras para a construção do túnel e as estações de metro, e *tramway*⁴³.

Em 2014 são inaugurados 3,3ha do parque: 2,8ha na zona Norte, e 0,5ha na zona Sul.

Em 2014, os parisienses decidem dar continuidade à governança socialista elegendo Anne Hidalgo, vereadora de urbanismo de Delanoë desde 2008, para *maire* de Paris.

A construção dos loteamentos a Oeste inicia-se em 2015.

Hoje, Clichy-Batignolles é ainda uma grande orquestra de guas.

Para 2017 está prevista a abertura do futuro *Palais de Justice*

Para 2019 está previsto o funcionamento do metro e a conclusão da totalidade dos loteamentos Oeste.

Para 2020, data das eleições municipais, está prevista a abertura ao público da totalidade dos 10ha de parque.

O projeto Clichy-Batignolles cruza a ideia de cidade mundial do séc. XXI com o contexto de cidade do séc. XIX. À sua escala, o projeto urbano reflete as escolhas de Paris, num contexto de transição social, territorial, económica, energética e climática.

⁴³ Metro de superfície implementado nos *boulevards des marechaux*, nomeadamente no Boulevard Berthier do projeto urbano.

2. O Projeto urbano de Clichy-Batignolles

2.1 Objetivos e orientações específicas

A carta de Atenas de 1941, de Le Corbusier, define 4 funções do urbanismo necessárias à vivência humana: a habitação, a recreação/lazer, o trabalho e a circulação (Paquot, 2013).

O projeto urbano de Clichy-Batignolles inscreve-se nos objetivos definidos pelo PLU *Plan Local d'Urbanisme*⁴⁴ que define as orientações globais para a cidade e as orientações específicas para o setor CB. A prioridade da Câmara de Paris é a criação de habitação, nomeadamente a *maitrise*⁴⁵ - “controlada”. Os objetivos são os seguintes:

- A criação de um parque com uma área de influência alargada ao noroeste parisiense
- A criação de novas continuidades que promovam a permeabilidade urbana
- O aumento da diversidade de tipologias urbana
- A valorização do espaço público,
- O desenvolvimento sustentável exemplar
- O melhoramento do serviço de transportes públicos
- O desenvolvimento do transporte de mercadorias pela via férrea
- A valorização do património e expressão criativa da arquitetura

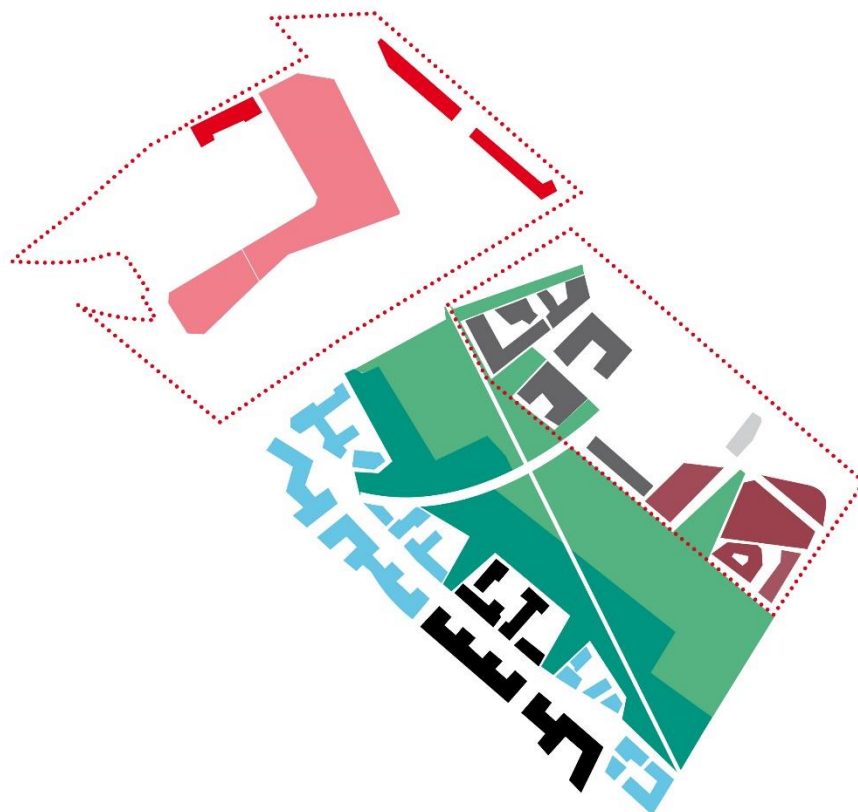
No sector de Clichy-Batignolles são esperados 6 500 novos habitantes e uma diversidade social e etária que contribui para a animação da vida social e económica do *quartier* reforçando, simultaneamente, a coesão e inclusão social. Com a implementação do programa são esperados 12 700 novos empregos (Mairie de Paris SEMAVIP, 2009).

O projeto urbano define o programa e as diretivas para que todas as intervenções estejam de acordo com os princípios globais. Assim, o projeto urbano define as orientações arquitetónicas e paisagísticas, tanto para o espaço público como para o espaço privado, de forma a assegurar a coesão desejada entre as múltiplas e variadas intervenções.

O projeto insere-se no dispositivo urbanístico de ZAC, *Zone d'Aménagement Concerté* - operação de projeto urbano de iniciativa pública, de parceria público/privada, destinada a definir alguns parâmetros do projeto urbano: as formas urbanas; o direito à construção; a realização de equipamentos.

⁴⁴ Adaptado em 2006, pelo *Conseil de Paris* e modificado em novembro de 2007

⁴⁵ Habitação destinada a pessoas com rendimentos médios. Este tipo de habitação substitui o HLM habitation à loyers modérés – habitação de rendas moderadas.



34. Esquema do projeto urbano do setor Clichy-Batignolles. Fonte: PBA



35. Perspectiva do projeto urbano do setor Clichy-Batignolles. Fonte: PBA

A ZAC surge inicialmente como uma derrogação ao POS, *Politique d'occupation du Sol* (Paquot, 2013), tornando-se, posteriormente, um instrumento de aplicação generalizada.

Em 2009 são desenvolvidas e aprofundadas as grandes ações e orientações do projeto urbano para a ZAC Clichy-Batignolles:

- Implementação de um programa misto de habitação; equipamentos públicos de proximidade; desenvolvimento de atividades económicas, como por exemplo do comércio, serviços e escritórios.

- Criação de um grande parque de 10ha, justificado pela escassez de jardins públicos no nordeste parisiense.

- Implantação de lotes de habitação junto ao parque

- Integração de exigências de desenvolvimento sustentável que permitam soluções exemplares em matéria de emissões de carbono, transportes públicos e modos suaves de acessibilidade, permeabilidade do solo, nivelamento do solo tendo em conta o equilíbrio aterro/escavação, gestão da água e dos desperdícios (coleta pneumática), etc.

- Ter em consideração a acessibilidade de pessoas de mobilidade reduzida

- Realização de obras de engenharia que permitam o atravessamento do feixe ferroviário de 100m de largura, e dos grandes eixos viários como o Boulevard Berthier (um dos boulevards des mârechaux).

- Preservação de alguns elementos do património industrial e ferroviário, de modo a preservar a memória do sítio. Valorizar alguns elementos patrimoniais como o *magasins des décors de l'Opera*⁴⁶, os vestígios do bastion nº44 de l'*Enceinte* de Thiers⁴⁷ e a estação de comboios da ponte Cardinet;

- Reestruturação das funções ferroviárias associadas à rede da estação de comboios Saint-Lazare

- Integração de atividades de logística urbana como um centro de triagem e de coleta seletiva de detritos.

- Melhorar a mobilidade e ligações entre Paris e Clichy-la-Garenne, o município adjacente, numa visão de metrópole integrada; melhorar a rede de transportes públicos; prosseguir com o desenvolvimento do *tramway* do Boulevard Berthier; desenvolver o transporte de mercadorias por via férrea.

⁴⁶ Monumento do séc. XIX, de Charles Garnier, onde se faziam os cenários para as peças da Ópera de Paris. Este edifício está situado na área de intervenção da ZAC Clichy-Batignolles, sobre Boulevard Berthier e constitui o limite Norte do Parque Martin Luther King (figura 37 e 45)

⁴⁷ Fortificação histórica construída entre 1841 e 1844 (figura 6) à qual está associado o limite administrativo de Paris de 1860 e que mais tarde justifica a cintura verde de Paris, faixa situada entre os boulevards des marechaux e o Boulevard Périphérique.



36. Vista do parque Martin Luther King, dos lagos biótopos e da petite ceinture, em direção a poente. Fonte: MOE



39. Relações de continuidade ecológica. Fonte: MOE

38. Relações de mobilidade e continuidade das formas urbanas. Fonte: MOE

37. Esquema de imbricação do parque com o edificado. Fonte: MOE

2.2 Um espaço de Natureza agregador do novo quartier

O parque entrelaça-se nas formas urbanas. A estrutura de percursos do parque é desenhada pelo prolongamento das ruas existentes interligando os distintos *quartiers*: Epinettes, Plaine Monceau, Batignolles e Clichy (figura 34, 38 e 40).

Agregador, o parque de 10ha reúne os diversos utilizadores e inscreve-se no tecido urbano como um espaço fonte de vida, fauna, flora, ar puro e água. O parque desempenha um papel fundamental na coesão e inclusão social, constituindo-se como o elo de ligação entre os bairros populares, os bairros haussmannianos e o novo *quartier*, juntando pessoas de diversas faixas etárias com uma oferta de espaços de jogo e de desporto, de jardinagem ou de petanca.

Ao contrário do modelo de parques e *squares* do séc. XIX, em que o parque é rodeado pelo espaço público e pela rua, em Clichy-Batignolles os lotes de habitação, situados a Este e a Oeste, são contíguos ao parque (figura 37). Estas são as disposições presentes no parque Monceau (figura 11). As novas ruas, são dedicadas à vida local e permitirão aceder aos diversos programas e equipamentos. O projeto do parque é desenvolvido no capítulo 3.



40. Vista da maquete do projeto urbano e do parque Martin Luther King. Fonte: autora.

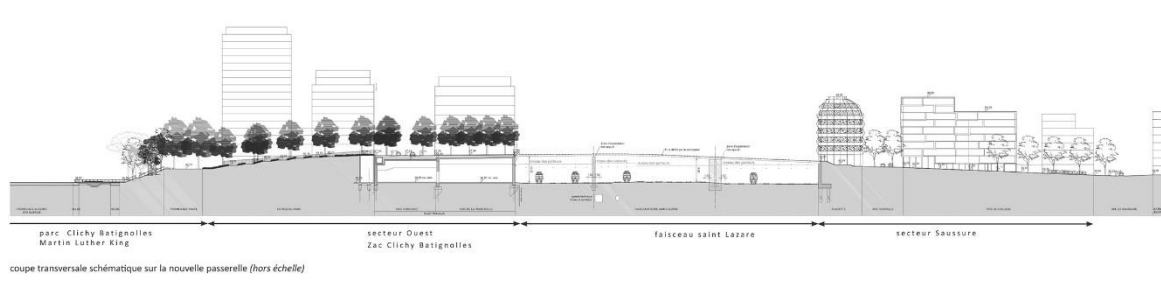
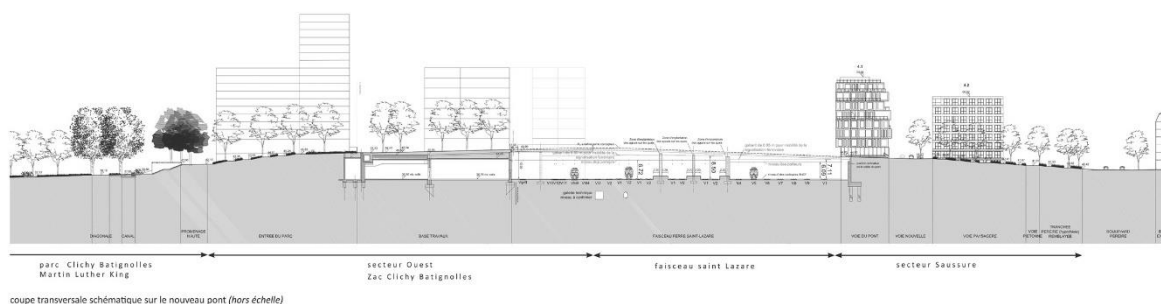
2.3 Permeabilidade, mobilidade e acessibilidade

Conforme os objetivos fixados pela cidade de Paris, desde o início do projeto urbano, vários percursos atravessam a totalidade do espaço na direção Este-Oeste e Norte-Sul. Estas ligações permitem reunir os fragmentos de território, anteriormente separados, e estabelecer as continuidades e permeabilidades necessárias entre o espaço urbano existente e o novo plano urbano.

As barreiras ferroviárias e viárias passam a ser transponíveis através de 3 novas infraestruturas: uma ponte rodoviária e pedonal e uma ponte unicamente pedonal, permitindo o atravessamento do feixe ferroviário de Saint-Lazare (figura 41); um edifício miradouro (figura 42) e dois tuneis permitindo o atravessamento da *petite ceinture* no interior do parque; uma ponte rodoviária permitindo o atravessamento do *Boulevard Berthier*⁴⁸.

Todos os percursos são acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida. Transpostas as barreiras, o novo *quartier* e o grande parque participam na mobilidade e permeabilidade do espaço urbano, constituindo-se como centro de relações humanas e urbanas.

⁴⁸ O Boulevard Berthier é um dos boulevards des marechaux, paralelos ao boulevard Peripherique. Entre as duas linhas de cintura situa-se a cintura verde de Paris (figura 22).



41. Pontes de atravessamento do feixe ferroviário, promotoras de continuidade urbanas. Do lado esquerdo situa-se a ZAC Clichy-Batignolles, e do lado direito o loteamento Saussure dirigido pela SNEF. Fonte: MOE



42. O Edifício miradouro e restaurante permite o atravessamento da Petite Ceinture no interior do parque. Fonte: autora

2.4 Pluralidade e diversidade

Nos limites nascente e poente do parque é pretendido que o conjunto edificado crie uma diversidade de volumes distintos na paisagem urbana. Trata-se de expressar a pluralidade da criação contemporânea, inovadora nos seus modos de habitar e com qualidade ambiental.

Nos lotes edificados, cada projetista é solicitado a contribuir para o enriquecimento da paisagem urbana através da sua interpretação mantendo, no entanto, uma visão conjunta do todo (figura 43).

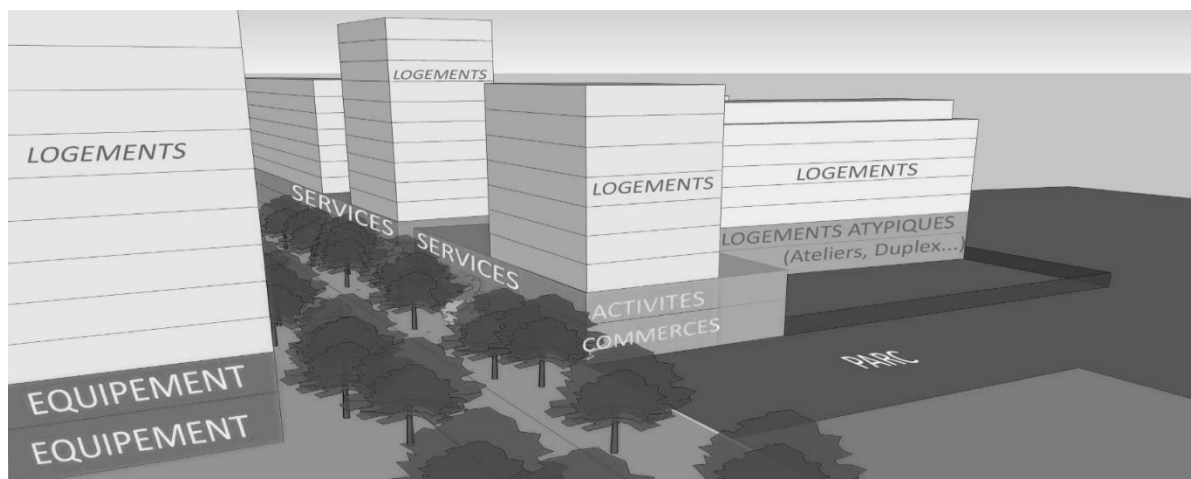
A disposição dos volumes deve contemplar aberturas visuais entre o interior do lote e os espaços exteriores, em particular em direção ao parque. Quando a dimensão do lote o permitir, a construção de vários volumes descontínuos é de privilegiar. Esta disposição morfológica permite individualizar os imóveis, aumentar o número de apartamentos de ventilação cruzada e conceber espaços que proporcionam múltiplas vistas interior-exterior.

Em termos de fachadas dos edifícios, os requisitos pré-definidos são reduzidos de forma a preservar a liberdade de conceção da arquitetura. O plano preconiza a simplicidade das fachadas, a utilização de materiais capazes de responder às ambiciosas exigências de HQE *haute qualité environnementale*⁴⁹ e assegurar a perenidade no tempo.



43. Maquete da zona Oeste demonstrando a diversidade de conceções arquitetónicas, guardando presente uma harmonia conjunta. Fonte: PBA

⁴⁹ Metodologia de desenvolvimento sustentável em França semelhante ao BREEAM Building Research Establishment Environmental Assessment Method, utilizado em Portugal.



44. Princípio de embasamento e coesão urbana. Fonte: MOE

O embasamento é imposto a todos os lotes, sendo destinado a acolher programas específicos. Esta organização permite integrar os programas municipais na construção privada e contribuir para um espaço urbano animado (figura 44).

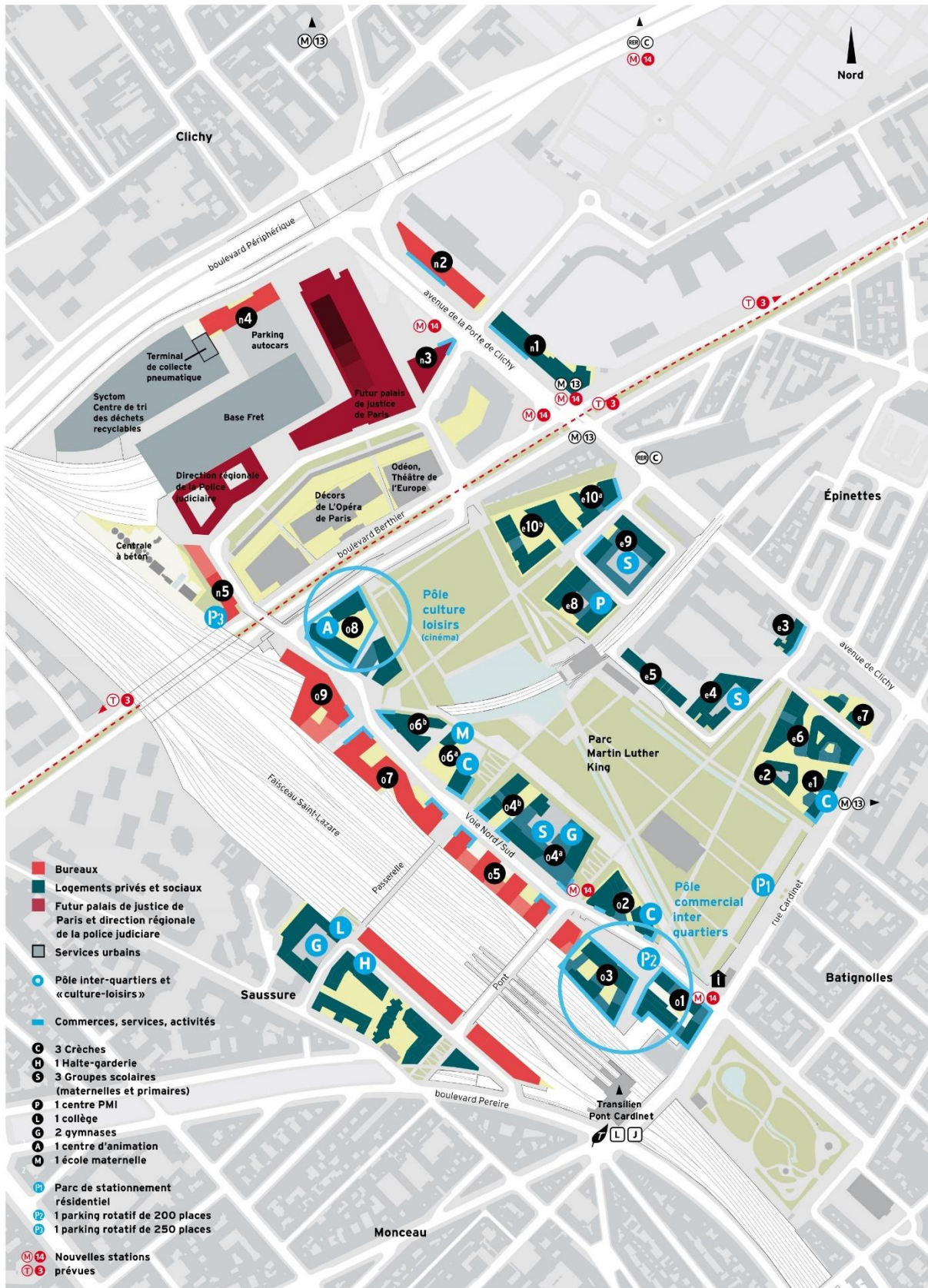
Os níveis de rés-do-chão, primeiro andar e subsolo são, assim, diferenciados funcionalmente e formalmente do resto do edifício, de forma a integrar equipamentos de proximidade, comércio ou serviços, ateliers e atividades diversas, conforme estipulado no projeto urbano, e até mesmo, em situações de contacto com o parque, apartamentos excepcionais. O projeto urbano pré-define para o andar do rés-do-chão a altura de 4,5m e para o primeiro andar a altura de 3,5m. Este embasamento permite a coesão urbana e participa na qualificação e organização do espaço público.

2.5 Distribuição geográfica do programa

O programa global do setor Clichy-Batignolles, compreende aproximadamente uma área de 540 000m² de superfície útil de construção e responde às exigências de diversidade das funções urbanas, integrando as seguintes superfícies:

- 100 000m² de parque
- 231 000 m² de área útil para habitação, dos quais 50% da superfície é destinada ao alojamento social, entre os quais: 500 alojamentos para estudantes e jovens trabalhadores; duas estruturas de habitação para pessoas idosas dependentes EHPAD⁵⁰ com 100 quartos, uma casa de acolhimento especializada, uma residência social e um centro de acolhimento de urgência. É previsto um total de 3 338 alojamentos.

⁵⁰ EHPAD, *Établissement d'hébergement pour personnes âgées dépendantes*.



45. Plano de distribuição do programa: residencial, escritórios, centralidades comerciais, logística entre outros. Fonte: PBA.

- 140 000 m² de área útil de escritórios,
- 120 000m² de área útil para o FPJP⁵¹ e a DRPJ⁵²,
- 38 000 m² de área útil para equipamentos públicos de proximidade. O programa integra: 3 infantários de 66 camas; 1 ATL; 3 escolas polivalentes (pré-primária e escola primária); 1 escola pré-primária de 8 turmas; 1 centro PMI (proteção materna e infantil); 1 colégio (Saussure); 2 ginásios; 1 centro de animação; 1 parque de estacionamento residencial de 600 lugares; 1 parque de estacionamento privado,
- 31 000 m² de área útil para comércio e serviços diversos,
- 48 000 m² são destinados a atividades de logística urbana, correspondendo a 8% da superfície total do plano, que integra: um frete ferroviário e rodoviário, uma central de betão, um centro de triagem de resíduos e um estacionamento para autocarros.

Os edifícios são reagrupados em duas bandas, a nascente e a poente do parque. O programa residencial é implantado em solo permeável, contíguo ao parque, beneficiando tanto quanto possível de vistas diretas para o parque (figura 45).

Os escritórios são implantados ao longo do feixe ferroviário, literalmente sobre a obra de cobertura das atividades ferroviárias; ao longo do Boulevard Périphérique e ao longo da Avenue de la Porte de Clichy, na proximidade das instituições FPJP e a DRPJ. Pretende-se que os volumes do edificado funcionem como grandes barreiras antirruído protegendo as áreas residenciais dos distúrbios sonoros inerentes a estas infraestruturas.

Os equipamentos públicos de proximidade como escolas, creches ou ginásios, inscrevem-se no interior dos lotes construtivos. O comércio e serviços estão situados ao longo das vias públicas mais frequentadas.

O projeto integra, igualmente, o reforço dos transportes públicos, entre os quais a extensão da linha de metro L14 e duas novas estações; o prolongamento do *Tramway* T3 da Porte de la Chapelle à Porte de Asnières e uma linha de autocarros para servir o novo *quartier*.

A conceção de um novo *ecoquartier* participa na luta contra a periurbanização e na evolução da cidade “intramuros”⁵³.

⁵¹ Futur Palais de Justice de Paris

⁵² Direction Régionale de la Police Judiciaire

⁵³ Intramuros corresponde à cidade departamento na qual os limites são definidos pelo boulevard Périphérique.

2.6 Desenvolvimento sustentável e *Plan Climat*

No decorrer do processo, o projeto de Clichy-Batignolles inscreve-se numa conceção de *ecoquartier*⁵⁴ refletindo as grandes ambições de desenvolvimento sustentável definidas e inscritas no *Plan Climat* da cidade de Paris, aprovado a 1 de outubro de 2007. Perante este último, a cidade comprometeu-se a reduzir 25% da emissão de gases de efeito estufa, a reduzir 25% do consumo energético, e a aumentar no mínimo 25% o total de consumo de energia proveniente de energias renováveis até 2020 (Mairie de Paris SEMAVIP, 2009).

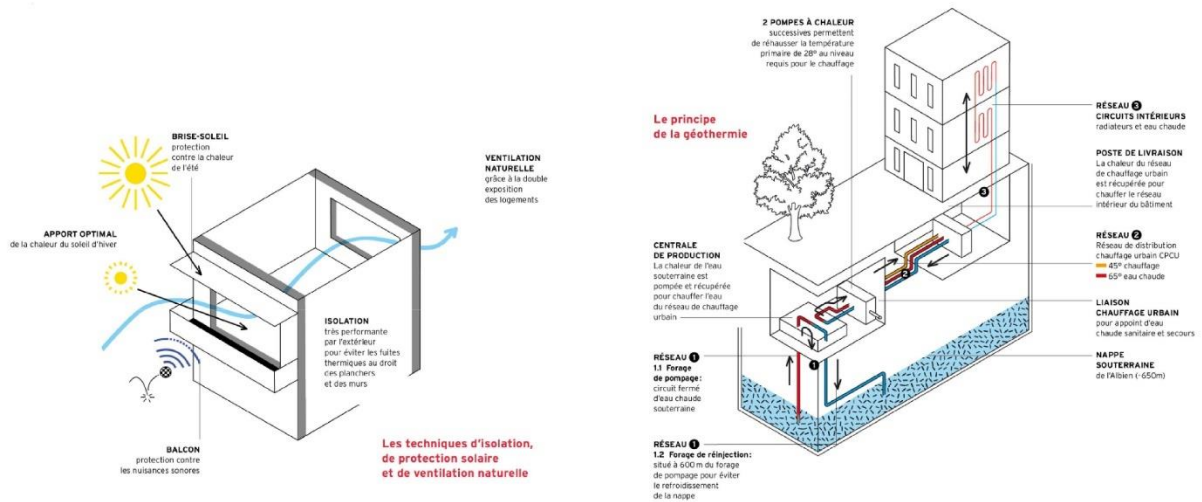
Os objetivos fixados constituem um desafio sem precedentes. A abordagem global visa realizar um importante *quartier* sustentável situado numa cidade densa, ao contrário da maioria dos exemplos de *ecoquartier*.

O objetivo principal está associado à temática energética, em que a finalidade é atingir zero emissões de CO₂, o que implica técnicas de construção específicas e o recurso a fontes de energias renováveis.

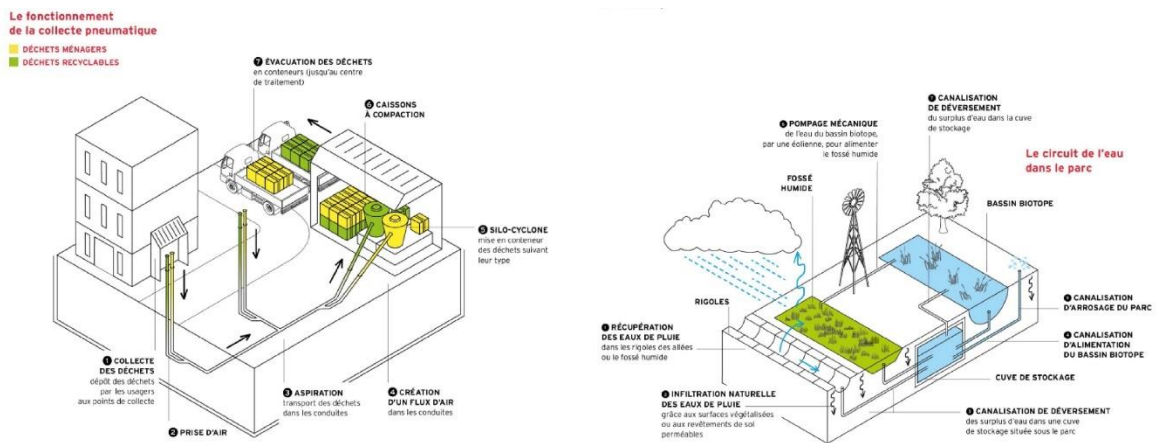
Em termos energéticos, as exigências do *plan Climat* para o projeto Clichy-Batignolles definem um consumo inferior a 50kWh/m²/ano para a habitação, excluindo a produção fotovoltaica; uma produção mínima de calor de 85% energias renováveis (solar, biomassa e geotérmica) e, uma produção de eletricidade fotovoltaica no mínimo equivalente ao consumo de iluminação, aquecimento e serviços gerais. No entanto, a questão da HQE dos alojamentos não se limita à eficiência energética, condição necessária, mas insuficiente.

A conceção dos edifícios deve ter em consideração o “valor de uso” dos alojamentos, a eficiência bioclimática, a dupla orientação, a exposição solar, o conforto de verão, a iluminação, o jardim de inverno, as extensões como as varandas e o acesso a pessoas de mobilidade reduzida, entre outros (figura 46)

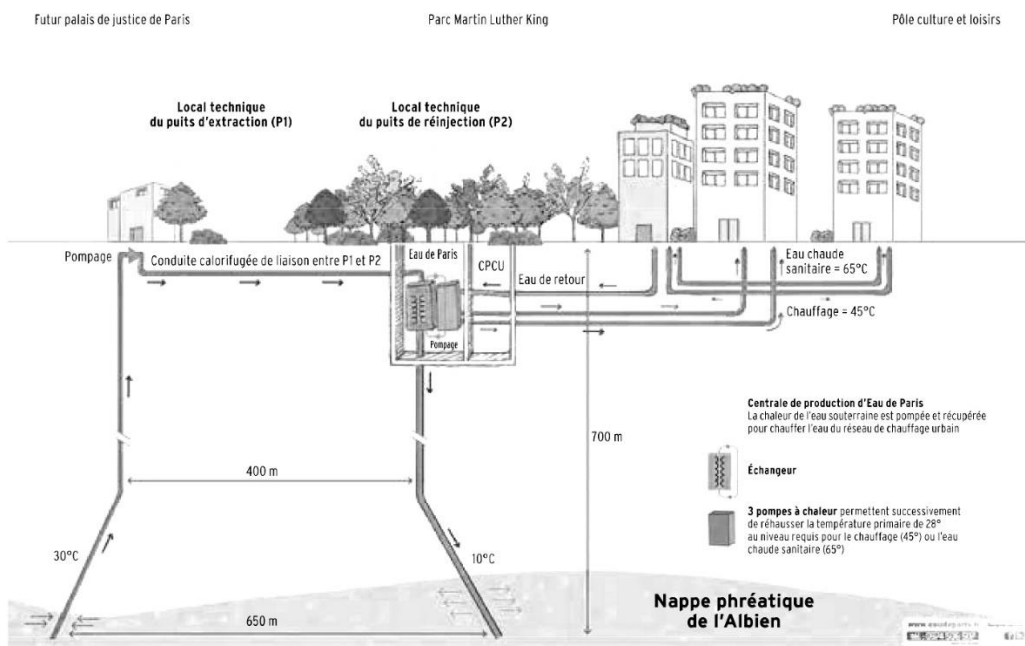
⁵⁴ O label de *ecoquartier* é atribuído pelo Ministère de l'Écologie de forma a assegurar a inovação, a experimentação, assim como, a proposição de novas soluções.



46. Princípio da arquitetura bioclimática. Sistema de aquecimento geotérmico. Fonte: PBA



47. Princípio do sistema de recolha pneumática. Gestão da água pluvial do parque. Fonte: PBA



48. Funcionamento do sistema geotérmico com base nos poços Albiens. Fonte: PBA

O desafio do projeto urbano é conjugar a qualidade da arquitetura, a qualidade paisagística e a qualidade ambiental, não apenas do edificado, mas alargada a toda a área de intervenção do setor Clichy-Batignolles. O plano desenvolve-se assim segundo vários princípios de sustentabilidade:

- A criação do parque contribui fortemente para a permeabilidade do solo e para a instalação de biodiversidade no *quartier* e áreas envolventes, em coerência com a *Charte régionale de la biodiversité et des milieux naturels*;

- A recolha, tratamento e uso das águas pluviais e utilização posterior para rega dos espaços de vegetação, no espaço público e no espaço privado (figura 47);

- A proteção contra as perturbações causadas pelas grandes infraestruturas viárias e ferroviárias através da implantação de edifícios que funcionam como barreiras acústicas;

- A salvaguarda, tanto quanto possível, do nivelamento da plataforma ferroviária à cota 37 e o equilíbrio entre escavação e aterro;

- A redução da superfície de circulação viária, de forma a limitar a superfície impermeável do solo e desencorajar o uso do automóvel, favorecendo os espaços pedonais e a mobilidade lenta não motorizada; a limitação de circulação de veículos pesados;

- O tratamento local de resíduos, a realização de coleta pneumática e a instalação de centro de triagem (figura 47)

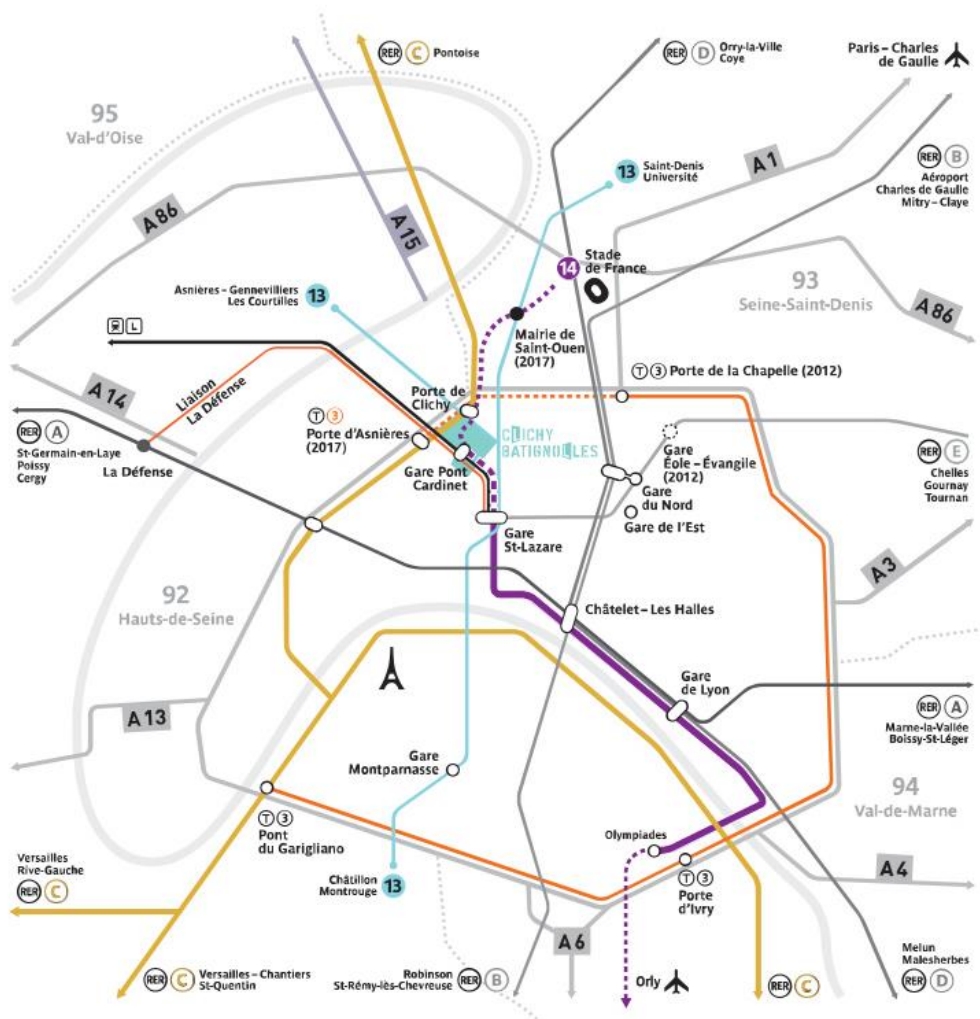
- A utilização da energia geotérmica através de poços do Albien (figura 48), posicionados no parque permitindo cobrir 83% da necessidade de aquecimento dos edifícios situados no *ecoquartier* (Mairie de Paris, 2015).

- A valorização e melhoria da oferta de transportes públicos

Este último torna-se fundamental para atingir as metas fixadas pelo *plan climat* e contribuir para a qualidade do ar, da mobilidade e da qualidade de vida da população.

Para responder às necessidades de mobilidade e respeitar o ambiente, o plano visa encorajar as alternativas ao uso automóvel, através do desenvolvimento de transportes coletivos. Em hora de ponta, a deslocação de pessoas em transportes públicos na área de projeto é estimada entre 1200-1500 saídas, e 1800-2000 entradas. Este tráfego de passageiros será distribuído pelas linhas de metro L13 e L14, estando em curso a extensão desta última, o RER⁵⁵ C, o comboio da estação Cardinet, a linha 9 de autocarros, mas também a nova linha de *Tramway*, em construção (figura 49).

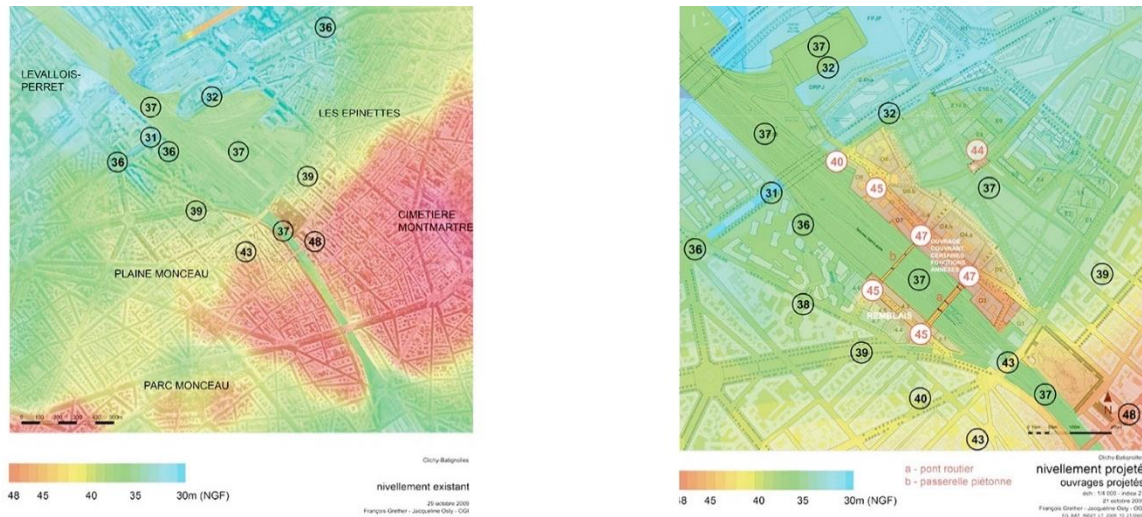
⁵⁵ Réseau Express Régional, linha de transporte ferroviário interurbano entre Paris e os municípios envolventes.



49. Melhoria do serviço de transportes públicos, M14, M13 e Tramway. Fonte: PBA

O projeto de espaço público confere grande importância à diversificação da oferta e à promoção da mobilidade não motorizada e pedonal, através de percursos específicos e de espaços partilhados.

Na concretização deste objetivo participa a concepção dos espaços públicos viários que limitam a velocidade de circulação a 30km/h e a criação de *zones de rencontre* – zona de prioridade pedonal, de pavimento distinto em que a circulação automóvel é limitada a 20km/h. Estas disposições têm como objetivo a fluidez do espaço público para todos. A acessibilidade de pessoas de mobilidade reduzida é uma questão central em toda a área.



50. Mapa altimétrico do sítio antes da intervenção e mapa altimétrico do projeto urbano. Fonte: MOE

Responder à mobilidade para todos (declives máximos de 4%) constitui-se como um desafio importante devido à diferença de nível entre a cota existente 37NGF, e a nova cota da zona poente 47NGF, determinada pela infraestrutura de cobertura do espaço ferroviário e pelo atravessamento do feixe ferroviário. O projeto integra esta condicionante altimétrica, necessária à mobilidade para todos, na qual o parque desempenha um papel fundamental (figuras 40 e 50).

Segundo os especialistas, as construções em altura estão longe de poder rivalizar com a eficácia económica e residencial do tecido compacto de Haussmann. A cidade densa de Haussmann, que os urbanistas contemporâneos insistem em penalizar, responde a equilíbrios de vivência urbana, de eficiência energética, para além de atraírem à cidade 13 milhões de turistas por ano.

A política urbana da cidade tem por ambição alargar os princípios de desenvolvimento sustentável do projeto urbano de Clichy-Batignolles a toda a cidade. Este objetivo, ou utopia, passa por equipar os edifícios existentes com recursos de energia renovável, isolamento térmico, proceder à reutilização das águas pluviais e orientar a população para comportamentos de economia de utilização dos recursos, de modo a alcançar formas de vida urbana mais equilibradas.

A urbanização é a grande consumidora e a grande responsável pela emissão dos gases de efeito estufa. É no seu metabolismo e fluxos que se encontram as respostas. O desenvolvimento sustentável deve traduzir a capacidade de evolução da cidade e a concepção que contribua para uma progressão de valores de civismo e não uma imposição ideológica.

2.7 O debate com a população sobre a c rcea e o programa social

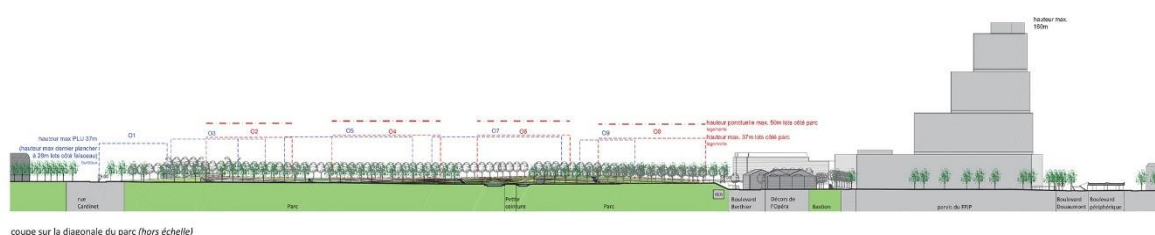
Em 2004, no decorrer do grande debate público lanado por Bertrand Delan , os parisienses manifestaram-se claramente contra toda e qualquer construo em altura, mesmo que pontual, para além da definida pelo PLU.

Motivados pela crescente necessidade de habitao, equipamentos e servios, urbanistas e políticos sugeriram aumentar a capacidade construtiva de algumas ZACs em curso de construo.

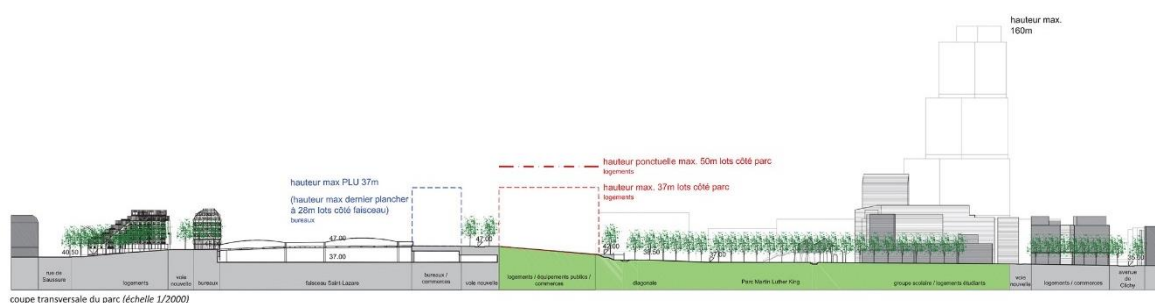
No caso de estudo da ZAC Clichy-Batignolles, aumentar a c rcea, limitada pelo PLU, permitiria integrar os objetivos do programa após a integrao do FPJP e da DRPJ. Por outro lado, o aumento das margens de lucro tornaria o financiamento e o investimento dos grandes grupos imobiliários mais atrativo.

No entanto, esta alterao requeria a reviso, mesmo que simplificada, do PLU de Paris, que limita a c rcea das novas construoes a 31m e 37m nos *arrondissements* periféricos e a 18m e 25m, no centro de Paris. A proposta de alterao da c rcea consistia em:

- Atingir 50m de c rcea (limite de acesso dos bombeiros) da habitao social e do setor privado, ou seja, passar de 15 a 17 andares;
- Suprimir o limite de c rcea de determinados equipamentos públicos como o *Palais de Justice*.



51. Perfil longitudinal de comparao entre a c rcea de 37 e a c rcea de 50m. Fonte: MOE



52. Perfil transversal de comparao entre a c rcea de 37 e a c rcea de 50m. Fonte: MOE

O projeto urbano de Clichy-Batignolles propôs alterar o limite de cêrcea do edificado (figura 51 e 52). Segundo François Grether, urbanista do projeto urbano “*Não se trata de construir uma massa homogênea de edifícios de 50m de altura, mas de tornar possível a diversidade de volumes e formas do edificado no limite dos 50m possíveis*”. A proposta do urbanista tinha como objetivo tornar os lotes mais permeáveis e incentivar um *skyline* diversificado de modo possibilitar a variedade volumétrica da arquitetura.

A população, no entanto, manteve a rejeição face à alteração da cêrcea de altura superior à definida pelo PLU, mesmo que pontualmente. No sítio de Batignolles os habitantes também se manifestaram contra o fato de 50% do programa habitacional ser dedicado ao alojamento “*maitrisé*” - controlado.

Na verdade, a população tem dificuldade em compreender que os programas socialmente problemáticos não são os imóveis de aluguer, “*moderés*” e “*maitrisées*”⁵⁶, geridos pelos serviços sociais da cidade, como os HLM *habitation à loyer modéré* da cintura de Paris. Os grandes complexos habitacionais e as torres fazem parte de um imaginário da população que os associa a “*betonização*” absoluta da cidade, à insegurança e exclusão urbanas quando, na verdade, estas estão associadas ao insucesso escolar, ao desemprego e à delinquência (Burgel, 2012).

A reação da população alcançou proporções alarmantes e envolveu Brigitte Kuster⁵⁷ *maire* do 17eme *arrondissement*, numa luta contra o projeto urbano.

Em 2009, a Câmara de Paris organiza reuniões públicas para um novo debate sobre a evolução da paisagem urbana dos *arrondissements* periféricos intitulado *L'évolution du paysage urbain sur sa couronne* - a evolução da coroa da paisagem urbana. Trata-se de refletir sobre a possibilidade de ultrapassar a cêrcea de 37m em 6 locais de Paris: Batignolles, Porte de la Chapelle, Porte de Montreuil, Bercy Charenton, Masséna Bruneseau et Porte de Versailles, com o intuito de informar, orientar e rapidamente “*contornar*” as preocupações dos habitantes. O debate prosseguiu, mas desta vez em reuniões públicas específicas para cada local, individualmente.

No verão de 2009, PBA lança para o projeto de Clichy-Batignolles um dispositivo original e alargado de consulta pública denominado *Nouveaux quartiers urbains* – novas zonas urbanas - que se desenrola paralelamente ao processo de concepção do *ecoquartier*. O

⁵⁶ Habitação social “Controlada” destinada a pessoas com rendimentos médios.

⁵⁷ Membro do UMP, Union pour le mouvement populaire, partido político de direita, e *maire* desde 2008.

complexo e extenso dispositivo de comunicação teve por objetivo o envolvimento do público na concepção urbana de forma a contribuir para um enriquecimento programático desde que não colocasse em causa a necessária eficiência do projeto⁵⁸.

Foram organizadas sessões temáticas com a participação dos projetistas, onde foram expostos os projetos e os seus objetivos, organizados passeios, concebida a casa do projeto⁵⁹, organizadas sessões de propostas realizadas pelos moradores, posteriormente recolhidas e analisadas pelos vereadores. Interessa salientar que a participação estava limitada aos moradores ou associações locais, com um número limite de inscritos (aproximadamente quinze pessoas), em cada atelier temático.

O debate público foi assim contornado e o PLU modificado segundo a proposta de aumento do limite de cércea de 37 para 50m e introduzida a “exceção à regra” que permite a construção do FPJP, de Renzo Piano, com a altura de 150m.

Para tranquilizar os ânimos, em 2012, François Grether, urbanista da ZAC Clichy-Batignolles, recebe o *Grand Prix de l'Urbanisme 2012*, prémio concedido pelo *Ministère du Logement et de l'Habitat Durable*.⁶⁰

O novo *ecoquartier* apresenta uma densidade de 120 hab/ha, isto é 6500 habitantes num território de 54ha. Ao excluir os 10ha de parque e os 5ha de logística urbana, a densidade passa a 167 hab/ha mantendo-se, mesmo assim, inferior à média parisiense de 213 hab/ha. A habitação “*maitrisé*”, é uma prioridade não só para a cidade, mas para o equilíbrio da sociedade.

No entanto, o risco de cometer as mesmas falhas de Haussmann é bastante elevado. O sistema de atribuição de alojamento social em Paris mantém-se extremamente injusto. Uma vez atribuído, é irrevogável. Os rendimentos dos habitantes não acompanham a subida dos preços de arrendamento inflacionados pela especulação imobiliária, pela aquisição asiática⁶¹ e pelo aluguer a turistas. A procura de alojamento e as condições sociais agravam-se.

A cidade não é apenas um conjunto de formas urbanas, ela deve também responder a uma realidade social.

⁵⁸ A altura dos edifícios é um dos fatores que influencia diretamente a eficiência e o equilíbrio financeiro da ZAC.

⁵⁹ Espaço de exposição e informação ao público sobre os projetos do setor Clichy-Batignolles.

⁶⁰ Ministério do alojamento e da habitação sustentável.

⁶¹ A habitação em Paris tornou-se um investimento para os países de rápido crescimento económico, como a China ou o Médio Oriente, o que inflaciona o mercado.

2.8 Os *workshops* de concepção da arquitetura

No decorrer dos processos urbanos, foi implementada uma estratégia singular na conceção das futuras realizações arquitetónicas e paisagísticas dos lotes do setor Oeste, situados entre o feixe ferroviário e o parque. A conceção dos lotes seria realizada em conjunto e sob a forma de *workshops* denominados *Ateliers de Conception Urbaine* – *workshops* de concepção urbana.

Após a seleção dos promotores procedeu-se à seleção das equipas projetistas de cada loteamento e à avaliação das propostas por concurso público restrito.

A metodologia teve como objetivo juntar todos os atores e, assim, desenvolver um trabalho conjunto a fim de obter um resultado coordenado e coerente. Participam nos *workshops* os diversos representantes da Câmara de Paris, os vereadores, os operadores da PBA, os promotores imobiliários, os projetistas, os representantes dos equipamentos públicos, coordenados pelos projetistas do projeto urbano, urbanista e arquiteto paisagista.



53. Maquete de trabalho do conjunto do setor Oeste. Fonte: PBA



54. Participação nos *workshops* de trabalho comum. Fonte: PBA

O *workshop* decorre desde a fase de revisão do concurso até à fase de anteprojeto visando, no final, o pedido do alvará de construção.

Durante um período de seis meses foram organizadas apresentações e *workshops* temáticos. As equipas de cada loteamento apresentaram e discutiram o assunto em agenda abrindo um diálogo direto e partilhado entre as equipas, os serviços e os projetistas urbanos, na procura de soluções inovadoras. Assim, as propostas urbanas, arquitetónicas e paisagísticas foram elaboradas de forma acompanhada.

Nos *ateliers de conception urbaine* foram abordados temas como: a organização dos volumes e formas arquitetónicas; os usos e funções dos lotes; o embasamento do edificado face à via pública; os espaços abertos coletivos do loteamento; os objetivos HQE, os imperativos funcionais dos projetos de loteamento, entre outros. Assim, o trabalho foi desenvolvido de forma progressiva e integrada mantendo uma visão global do conjunto.

Por outro lado, a metodologia permitiu o controle e o acompanhamento político, a apresentação de um trabalho de coesão urbana antes das eleições e um ganho de tempo na realização da operação.

Entre 1999 e 2008, a capital inverte a tendência das ultimas 3 décadas ganhando 86 000 habitantes. Apesar das taxas de crescimento populacional serem baixas (em Paris de 0,4% e na região de 0,7%), verifica-se sobretudo um grande aumento de 0,9% nos municípios adjacentes a Paris (Insee, 2011). A primeira década do séc. XXI traduz a densificação do centro da aglomeração urbana.

As semelhanças entre as políticas urbanas de Napoleão III, juntamente com Haussmann, e as de Bertrand Delanoë parecem indiscutíveis, tanto nos objetivos como no conteúdo, eixos condutores, e até mesmo nos fracassos.

Em 2008, ano de eleições municipais, Paris contava com 2 211 297 habitantes, a região Île-de-France com 11 659 260 habitantes e a França metropolitana conta 62 134 866 habitantes (Insee, 2015).

Delanoë é reeleito para o segundo e ultimo mandato.

3. O Parque Clichy Batignolles -Martin Luther King

A época Haussmanniana é um dos principais períodos de criação de parques e jardins públicos e constitui a base da trama ecológica parisiense⁶².

A revolução francesa traz a abertura ao público dos jardins e dos bosques de caça aristocratas. A época é de estética homogénea “à inglesa”, influenciada pela ideia romântica da Natureza, por oposição à francesa - formal, “dominadora” e retilínea. Os sistemas hidráulicos dos parques públicos como as cascatas, os lagos e outros elementos de água são alimentados pelo Sena e pelo canal de l’Ourcq.

A criação de parques e jardins públicos e das grandes alamedas plantadas é sistemática. Cada *quartier* tem o seu *square*/jardim, distribuição motivada pela ideia de proximidade e da introdução de jardim enquanto equipamento público.

A partir de 1977, o plano de ocupação do solo marca um retorno à política urbana na cidade existente iniciando um novo período de criação de parques e jardins baseado no conceito de grande espaço de natureza fabricada e no qual se inscrevem os equipamentos, as práticas sociais e culturais. Este é, após Alphand, o segundo grande momento de criação de parques e jardins localizados em áreas anteriormente ocupadas pela atividade industrial ou ferroviária, ao qual pertencem o parque de La Villette, o parque André-Citroën, o parque de Bercy, o parque Eole e, num período já tardio, o parque Martin Luther King.

Nestes parques, independentemente da sua dimensão, dominam os usos de repouso, passeio e desenvolvem-se atividades desportivas, de recreio, de cultura e/ou lazer. A frequência do parque está intimamente associada à sua acessibilidade através dos transportes públicos, à atração cultural e patrimonial e ao grau de centralidade no tecido urbano.

Desde o início do século XXI, dois grandes fatores influenciam a concepção dos parques. O primeiro está associado ao desenvolvimento de práticas desportivas, recreativas e lúdicas, à procura de espaços de vivência e práticas como: os piqueniques, a sesta, o repouso, a leitura, o apanhar Sol e outras atividades que tornam os relvados “sala de visitas” durante o verão.

O segundo está associado a uma nova relação entre os cidadãos e a Natureza, o ambiente, a biodiversidade, a introdução de práticas ecológicas, o surgimento de espaços de hortas urbanas, a jardinagem, a gestão diferenciada com a ausência de produtos químicos, que se traduz numa nova relação com a terra. Se anteriormente o jardim foi espaço público de lazer

⁶² Na época anterior a 1700, os jardins existentes resumiam-se aos grandes jardins privados da aristocracia, enclausurados por altos muros, como o parque des Tuilleries e o parque du Luxembourg.

e de passeio, a particularidade do parque do séc. XXI está intimamente à experiência da Natureza. Frederic Bonnet refere-se à cidade ideal como uma coligação entre artefacto e Natureza (Paquot, 2013). Indissociável do fator social e económico, a relação de equilíbrio entre o homem e a Natureza é uma continua procura.

A reintrodução da Natureza na cidade deve ser vista pelos municípios como um investimento. Segundo o UNEP, 7 em 10 franceses dão prioridade a morar na proximidade de um parque ou jardim e 9 em 10 franceses referem necessitar quotidianamente do contacto com a vegetação (UNEP, 2011).

O parque Martin Luther King, em homenagem ao Prémio Nobel da Paz de 1964, é concebido como espaço de Natureza que sublinha o esplendor das estações, espaço de vida dedicado aos cidadãos.



55. Maquete do Parque em construção. Fonte: autora, 2010

3.1 Os grandes objetivos, o *Plan de Biodiversité* e o *Plan de Pluie*

A ideia da necessidade de grande parque surge primeiramente da coligação política socialista-ecologista, da necessidade de equilibrar a oferta de equipamentos na cidade, mas também da necessidade de criar as condições adequadas para inverter a perda de população das últimas décadas.

O objetivo do parque consiste em promover o bem-estar e a qualidade de vida na cidade, atrair a população e reduzir os efeitos das ilhas de calor urbano de Paris e da sua periferia. Em 2003, na ocorrência de episódios de muito calor, Paris registou uma temperatura 8°C mais elevada em relação à região (Climat-Energies, 2015).

Os parques e jardins representam um potencial ecológico, hidrológico e ambiental de valor inestimável, em contextos de grandes metrópoles como Paris. A presença da vegetação, nomeadamente de árvores e de solo permeável, deixa de ser unicamente associada ao conforto para ser essencial à mitigação da poluição no atual contexto de crise ambiental e alteração climática. Os bosques Bois de Boulogne e Bois de Vincennes, com 18,5 km², são responsáveis por captar 11 000 teqCO₂⁶³ por ano (Climat-Energies, 2015).

O *Plan de Biodiversité de Paris*, aprovado em 2011, tem como objetivo não só preservar, mas reforçar a presença da vegetação e atividade biológica, assim como limitar a poluição impedindo a utilização de químicos, na manutenção dos espaços abertos.

A presença de um espaço plantado não é suficiente. É necessária espessura de solo, diversidade vegetal, reduzir as necessidades hídricas e compatibilizar esses objetivos com o intenso uso urbano.

O *plan biodiversité de Paris*, para 2020, define a construção de 7ha de coberturas plantadas e jardins verticais. Este objetivo parece bem mais modesto e realista quando comparado com o objetivo político de Anne Hidalgo que anuncia a realização de 100 ha de espaços minerais plantados (telhados, terraços, fachadas e coberturas) para 2020, tendo em consideração as limitações da estrutura edificada existente.

Embora as ambições difiram entre o *Plan Climat* e o *Plan de biodiversité*, a presença de vegetação é uma resposta comum.

⁶³ tonelada equivalente CO₂, medida de toxicidade.

O *Plan Pluie de Paris* - plano de chuva - menos publicitado, mas de acrescida importância, consiste na permeabilização do solo como medida de alimentação dos aquíferos, na redução do escoamento superficial e, conseqüentemente, do risco de inundação.

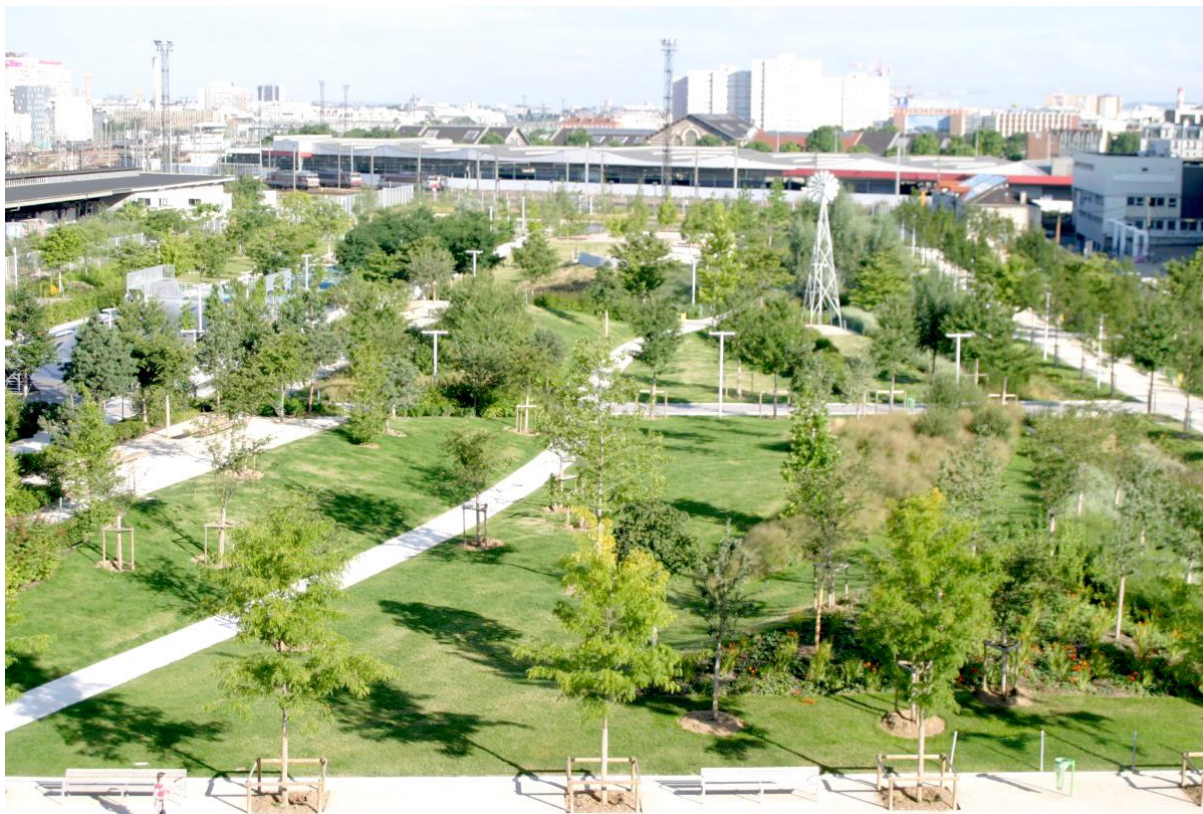
Num contexto de elevada impermeabilização e limitação de carga da rede de saneamento, estes espaços têm a função de acumular a água pluvial e limitar, ou retardar, a descarga na rede de saneamento. No entanto, esta situação é agravada pelos regimes pluviométricos cada vez mais intensos e prolongados motivados pelas alterações climáticas que, com o tempo, levarão à escassez dos recursos hídricos. A água é um bem cada vez mais raro. Assim, o PLU obriga todos os novos loteamentos a conservarem, na parcela, a quantidade de água pluvial mínima, definida proporcionalmente à dimensão do lote. O débito de descarga na rede de saneamento está também definido. Uma vez determinada a obrigatoriedade de conservar a água no interior do lote privado é, indiretamente, sugerida a reutilização da água, *in loco*.

De uma forma geral, os espaços abertos plantados são espaços de infiltração e alimentação dos aquíferos, onde a descarga na rede de drenagem superficial deve ser anulada ou, em casos excepcionais, faseada de forma a evitar a sobrecarga da rede e, conseqüentemente, a ocorrência de inundações noutros pontos da cidade.

O parque Martin Luther King, pela sua dimensão e conteúdo, é um espaço com plena capacidade de participar ativamente e integralmente nos objetivos definidos pelo *Plan Biodiversité de Paris*, pelo *Plan Pluie* e pelo *Plan Climat et Énergie de Paris*, como forma de diminuir as ilhas de calor urbanas e participar ativamente na mitigação dos seus efeitos negativos.

10 ha de dinâmicas biológicas e de vida vegetal e animal desenvolvem um potencial ecológico gerador de ligações com outros nichos na proximidade, num espaço onde, anteriormente, se desenvolvia uma atividade ferroviária poluidora⁶⁴. Esta é uma qualidade de valor inestimável. O parque integra e desenvolve a biodiversidade local e aumenta a oferta de espaços lúdicos, de importância crescente na sociedade urbana contemporânea e quase inexistentes no noroeste parisiense.

⁶⁴ Para a realização do projeto do parque foi necessária a remoção do solo poluído, segundo a legislação, considerado impróprio para os usos recreativos e lúdicos.



56. Primeira fase do parque, fotografia aérea. Fonte: Didier Fabre, 2007



57. Primeira fase do parque, vista. Fonte: AJO, 2010

3.2 Os três tempos do parque

O primeiro tempo 2005-2007

Em 2005 dá-se início ao estudo da primeira fase do parque Martin Luther King. O contrato é estabelecido com a DEVE, *Direction des Espaces Verts et de l'Environnement* da Câmara de Paris. O projeto do parque é exclusivamente gerido pela DEVE, o que lhe confere uma certa autonomia operacional, nomeadamente, em relação às entidades administradoras SEMAVIP⁶⁵ e posteriormente PBA⁶⁶, responsáveis pela gestão imobiliária, aquisição e venda dos lotes e “sucesso” financeiro da operação pública. Os interesses divergem, por momentos, o operador PBA visa a rentabilização do projeto global, enquanto que a DEVE defende a qualidade e quantidade de espaço aberto plantado e o interesse público de equipar Paris com um grande parque dentro do envelope financeiro que lhe foi atribuído.

Em setembro de 2007, abre ao público a primeira “peça” do novo *quartier*, o parque Martin Luther King, com 3,7 ha, que dá início à transformação urbana do setor (figuras 56 e 57). A estratégia de construir um parque como primeira “peça” enquanto prosseguiam os estudos urbanos revelou-se extremamente útil para a concretização do projeto do parque, assim como para toda a operação.

Por um lado, a abertura do parque ao público permitiu a satisfação imediata da população face aos desacordos e distúrbios de 15 anos sucessivos de obras, martelos pneumáticos, circulação de pesados e poeiras.

Por outro lado, o primeiro parque trouxe à DEVE um peso acrescido nas negociações e reuniões com o SG *Secretariat Générale de la Ville de Paris*, responsável pela arbitragem entre as diversas instituições da Câmara de Paris, nomeadamente perante a pressão urbanística da PBA e da DU *Direction de l'Urbanisme*, que vêm no parque uma área “livre e disponível” para acolher todo o tipo de programas face à escassez de espaço.

Um espaço enclausurado, inacessível à população, deu lugar a um espaço de expressão da natureza e de atividades lúdicas constituindo-se como fonte de bem-estar social.

O parque é recebido por toda a população com elevado entusiasmo e na campanha das eleições municipais de 2008, Delanoë anuncia a totalidade de 10 ha de parque no projeto de Clichy-Batignolles. No segundo mandato, Bertrand Delanoë é acompanhado por Anne Hidalgo vereadora do urbanismo e Fabienne Giboudeaux vereadora dos espaços verdes.

⁶⁵ *Société d'Economie Mixte d'Aménagement de la Ville de Paris*, instituição pública pertencente à Câmara.

⁶⁶ *Paris Batignolles Aménagement*, é uma SPL, *Société Publique Locale*, criada para o projeto de Clichy-Batignolles que se substitui à SEMAVIP em 2010, para facilitar a administração do projeto.



58. O parque em três tempos: o primeiro tempo em 2007, o segundo tempo em 2014 e o terceiro tempo, em breve. Fonte: AJO, 2012



59. O decorrer das obras da segunda parte do parque, vista do limite Norte, sobre o Boulevard Berthier. Fonte: PBA, 2013



60. Inauguração da segunda parte do parque, com a presença de Anne Hidalgo maire de Paris, Régine Engström, diretora da DEVE, Colombe Brossel, vereadora dos espaços verdes, Jacqueline Osty e a autora. Fonte: PBA, 17 de abril de 2014



61. Parque, zona Norte, inaugurada em 2014. Fonte: autora, 2015

O segundo tempo 2009-2014

A segunda parte do parque inicia-se em 2009, com a revisão do programa e elaboração dos estudos necessários à realização dos 6,3 ha que completam os 10 ha do parque urbano, dando continuidade aos objetivos e princípios anteriormente definidos e integrando novos desafios. Os 6,3 ha desenvolvem-se principalmente ao longo de toda a zona Norte e Oeste.

Era importante dar rapidamente forma e corpo ao parque, à medida que a zona era libertada das atividades ferroviárias assim como incitar o público a usufruir do espaço.

No entanto, a área do futuro parque foi parcialmente ocupada pelas obras da estação de metro de Cardinet da L14, construída subterraneamente, e pela escavação do túnel que faz uso da *petite ceinture* para a evacuação das terras. A escassez de espaço para realizar as múltiplas obras em curso apenas tornou possível a realização e abertura ao público de 3,3 ha de parque, em 2014 (figura 58).

Este desfasamento no espaço e no tempo permitiu, no entanto, a realização de algumas economias consideráveis para o projeto do parque. A movimentação de terras necessárias à elevação do nível de cota do parque, na zona oeste, 10m acima da cota do terreno existente, seria facilitada pela presença dos volumes edificados e volumes de terra que se manteriam no terreno, respondendo aos princípios de sustentabilidade e economia dos projetos.

Entre 2010 e 2012, a DU e PBA colocam em prática algumas tentativas para dissuadir a construção dos 3,8 ha de parque, usando a sua área para stock de terras. Os serviços da Câmara, a DEVE, a DU e a PBA estavam conscientes que quanto maior a área de parque construído, menor seria a possibilidade de utilização da área “livre” para outros fins.

No início de 2012, a DEVE responde com um argumento de peso político e justifica a necessidade de realização dos 3,5 ha de parque na ZAC de Clichy-Batignolles para atingir o objetivo político de realizar 30 ha de parques e jardins até ao fim do mandato 2014. Em junho de 2012 iniciam-se as obras de construção do parque que se estende para norte da *petite ceinture* até ao boulevard Berthier, à Framboisine a Este e ao Saut-de-Loup a Sul (figura 59).

No relatório de atividade de 2013, fim do mandato, a DEVE anuncia a realização e abertura ao público de 33 ha de parques e jardins, um resultado em 3ha superior aos objetivos.

A 17 de abril de 2014 o parque público de 7 ha recebe a visita oficial da *maire* Anne Hidalgo (figura 60).

O terceiro tempo

Em 2018, está previsto o início das obras dos restantes 3 há, que deverão ser inaugurados antes das eleições de 2020. O terceiro tempo inclui toda a faixa Oeste do parque, a encosta, o passeio miradouro e a totalidade dos planos de água. Com a realização desta fase o parque estará completo.

3.3 Acerca da abertura noturna do parque

Um dos princípios de funcionamento dos parques de Paris, geridos pela DEVE, diz respeito ao seu encerramento noturno, sistema implementado por Alphand, à imagem dos parques Londrinos da época. Hoje, esta particularidade permite preservar um conteúdo programático rico em termos de atividades de lazer, de elenco vegetal, de segurança e higiene, como também de economia, quer na iluminação, quer na manutenção.

Apenas o parque de la Villette, espaço cultural de 55ha, integra um parque de 16ha aberto à noite. A sua gestão está incumbida ao *l'Établissement public du parc et de la grande halle de la Villette* EPPGHV. O parque foi concebido pelo arquiteto Bernard Tschumi como *um espaço de natureza a céu aberto* onde os 8 ha de relvado proporcionam uma oferta urbana “livre”. No entanto, o parque integra apenas 70 espécies vegetais contribuindo reduzidamente para a valorização ecológica da cidade.

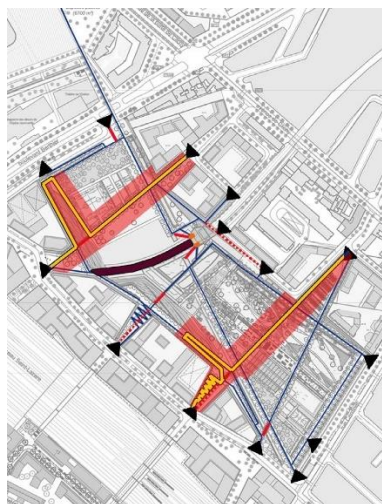
Em 2009, a elevada ambição comercial e urbanística leva a que a Câmara de Paris questione um dos elementos fundamentais do programa: a conceção de um parque fechado à noite.

Em novembro de 2009, o *Sécrétariat Général de la Ville de Paris* convida a DEVE e a equipa projetista a apresentar um estudo de viabilidade de abertura do parque à noite.

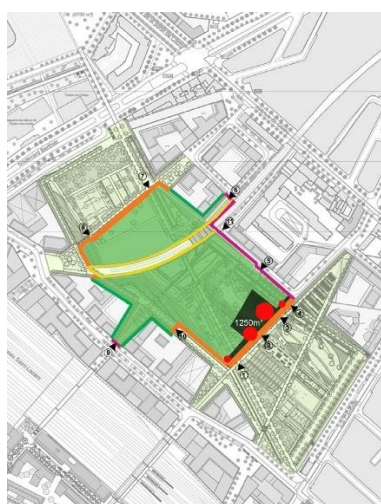
A possibilidade de acesso direto dos loteamentos privados ao parque público era um debate antigo entre gestores urbanísticos da ZAC, da PBA e da DU que defendiam os interesses dos promotores privados, mas que a DEVE sempre recusou, por razões óbvias de gestão, interesse público e equidade social.

O novo debate encontra agora justificação na interrupção da acessibilidade do *quartier* durante o horário de encerramento do parque.

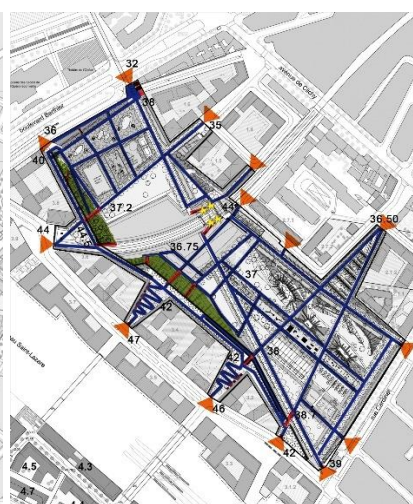
A DEVE, consciente das implicações de uma alteração programática desta dimensão, encomendou aos projetistas do parque um estudo de viabilidade para a conceção de um parque aberto que permitisse o atravessamento transversal noturno. Para os projetistas, a abertura do parque à noite significava reduzir todo o conteúdo programático, paisagístico e ambiental a relvados. O estudo foi realizado e apresentado ao SG identificando duas hipóteses e suas consequências (figuras 62 e 63).



62. Hipótese de abertura de dois trajetos do parque, apresentada ao SG. Fonte: AJO, 2009



63. Hipótese de abertura de 50% do parque, apresentada ao SG. Fonte: AJO, 2009



64. Esquema de acessos e percursos do parque. Fonte: AJO, 2009

Uma das hipóteses consistia em isolar 2 alamedas de atravessamento do parque. As consequências seriam: a interrupção dos eixos de continuidade de orientação Norte-Sul e a fragmentação do grande parque em 4 zonas. Esta hipótese é abandonada rapidamente pelo facto de promover situações de insegurança (figura 62).

A segunda possibilidade seria reduzir a área de parque fechado, retrocedendo os seus limites Norte e Sul (figura 63). As consequências negativas seriam: rutura da continuidade e da coerência do parque pela sua redução a 4,5ha; o empobrecimento do programa lúdico, paisagístico, topográfico e ambiental; a redução da biodiversidade e a impossibilidade da existência de uma gestão sustentável das águas pluviais; uma desadequação em relação aos conceitos de desenvolvimento sustentável.

Esta hipótese desafetaria 5,5ha de parque e permitiria a concretização das ambições comerciais na área do parque, agora de valor económico acrescido devido à implantação do TGI *Tribunal de Grande Instance*. No entanto, esta hipótese, aliciante para os promotores comerciais, implicava a total demolição de 3ha de parque e de equipamentos de jogos e infantis abertos ao público desde 2007.

Este último argumento, apresentado por Maurice Schillis da DEVE, foi decisivo. Seria extremamente complicado para a Câmara de Paris justificar a demolição de 3ha de parque, recentemente aberto ao público, numa realidade em que a população se junta contra o abate de algumas árvores da cidade. Seria um contra senso financeiro que não poderia ser justificado por uma acessibilidade noturna, ainda menos, por interesses económicos do setor comercial.

Um acordo é encontrado.

A DEVE propõe alargar o horário de encerramento do parque aos horários de encerramento das escolas, de forma a possibilitar o percurso pelo interior do parque; assim o parque mantém o seu programa, objetivos e princípios.

Horários do parque:

Abertura: 8h (semana) / 9h (fim-de-semana e feriados)

Horário de inverno até fim de fevereiro (inverno), encerramento às 17h45

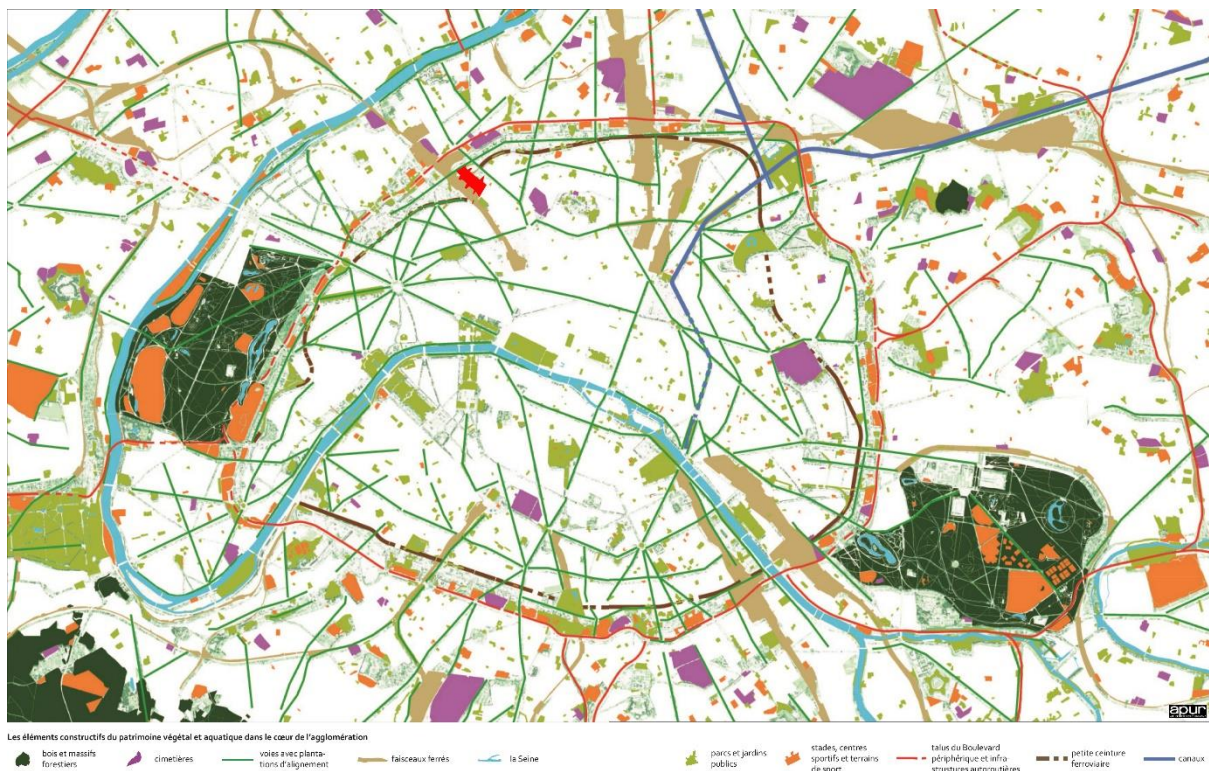
Do dia 1 de março ao horário de verão (inverno), encerramento às 19h

Do horário de verão a 30 de abril (primavera), encerramento às 20h30

Do dia 1 de maio a 31 de agosto (verão), encerramento às 21h30

Do dia 1 a 30 de setembro (verão), encerramento às 20h30

Do dia 1 de outubro ao horário de inverno (outono), encerramento às 19h30.



65. Estrutura ecológica no início do século, composta por parques e jardins públicos, alamedas, o Sena, a rede de caminhos de ferro e os cemitérios. Fonte: APUR, 2015

3.4 Os princípios do parque

O parque é concebido como espaço agregador nas suas conexões e como espaço de experiências com a Natureza, com a vida. O parque estende a sua influência a todo o noroeste parisiense, quer pela sua dimensão quer pelo seu conteúdo.

Vários princípios estão associados à sua concepção: os princípios ecológicos, os princípios urbanos, os princípios topográficos e funcionais e os princípios de sustentabilidade.

Princípios ecológicos

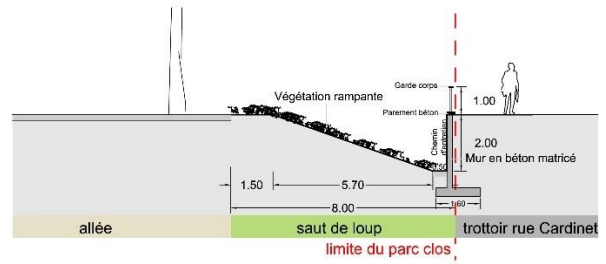
A macroestrutura ecológica de Paris é composta por corredores ecológicos como o Sena, a *petite ceinture* e a cintura verde, assim como pelos dois pulmões verdes - o *Bois de Bologne*, de 846ha, e o *Bois de Vincennes*, de 993ha - os parques e jardins, as alamedas e outros espaços orgânicos de atividade biológica e fontes de biodiversidade. A estrutura intermédia é composta pelos numerosos pequenos jardins, entre os quais os 80 *squares/jardins* da época de Haussmann e outros espaços de natureza de proximidade (figura 65).

Uma terceira dimensão da malha consiste nas ligações e nas continuidades ecológicas - o *continuum naturale* de (Caldeira Cabral, 1993) - capazes de ativar e incrementar as trocas entre macro e microestrutura, aumentando o potencial e a biodiversidade do conjunto.

Pertencente à macroestrutura, o parque Martin Luther King constitui-se como um nicho de intensa atividade ecológica e biológica promovida pela diversidade de biótopos que o parque integra. O seu conteúdo gera relações de troca com o Bois de Bologne, com o Parc Monceau de 8,25ha, o Square Batignolles de 1,7ha, o Square des Epinettes de 1ha, o cemitério Montmartre de 11ha e o cemitério de Batignolles com 10,4ha. O desenvolvimento da biodiversidade passa obrigatoriamente por essas relações de troca, a todas as escalas, a que denominados *corredores verdes* (Caldeira Cabral, 1993).

Princípios urbanos

O entrelaçar das formas urbanas e a polivalência do lazer são dois fortes princípios. Os conceitos de permeabilidade e interação são aplicados ao desenho do parque com o objetivo de interligar os diferentes *quartiers*, anteriormente separados pela atividade ferroviária. As ruas transformam-se em alamedas assegurando as ligações e articulações e definindo a estrutura de percursos no interior do parque.



66. Saut-de-Loup no limite Sul do parque, perfil. Fonte: DTC, 2014



67. Saut-de-Loup no limite Sul do parque. Fonte: DTC, 2014



68. Diversidade de praticas possíveis e de utilizadores no parque. Fonte: SEMAVIP

Ao longo dos limites Este e Oeste, o parque prolonga-se pelo espaço público e entre os volumes edificados. A Norte e a Sul, o parque possui a fachada sobre a rua e espaço público. A Sul, o parque formaliza o seu limite em *saut-de-loup*, ou *haha*, assegurando a transparência visual com a alameda da Rue Cardinet (figura 66 e 67).

A fachada Norte do parque apresenta um declive acentuado, entre a cota da plataforma ferroviária pré-existente e o terreno natural, de cota 4m inferior. Visto do Boulevard Berthier, o parque constitui-se como uma floresta suspensa frente ao monumento de Charles Garnier, *Les décors de l'Opéra* (figura 59).

O desenho do parque tem em consideração as expectativas contemporâneas, urbanas e paisagísticas, da população e na forma como esta “consume” os parques urbanos. Uma das respostas do projeto consiste na pluralidade e na máxima compatibilidade de atividades e ambiências, no tempo e no espaço. O programa diversificado de atividades, jogos, repouso, encontro e convívio tornam o parque num lugar de convergência, de interação etária e de coesão social (figura 68).

Princípios topográficos e funcionais

O parque situa-se na bacia hidrográfica determinada pelo festo do Sacré Coeur em direção ao Sena, a Norte, apresentando um desnível de 4m entre o limite Norte e o limite Sul da área de intervenção. No séc. XIX, a implantação das atividades ferroviárias neste local obrigou ao nivelamento do declive natural do terreno criando uma plataforma horizontal entre a Rue Cardinet e o Boulevard Berthier, que se manteve até aos dias de hoje.

O princípio topográfico mantém a plataforma à cota existente de 37m por razões de mobilidade e acessibilidade para todos. No entanto, a *petite ceinture*, coloca a questão do atravessamento e ligação entre a zona Norte e a zona Sul do parque.

A proposta consiste em valorizar a *petite ceinture*, atribuindo à condicionante um valor histórico, através da implementação de um conjunto de planos de água, de valor paisagístico e ambiental, à volta da infraestrutura ferroviária, mantendo os visitantes afastados e em segurança (figuras 71 e 72). A passagem de comboios no centro do parque, mesmo que a lenta velocidade, é um evento surpreendente e mantém viva a memória do sítio.

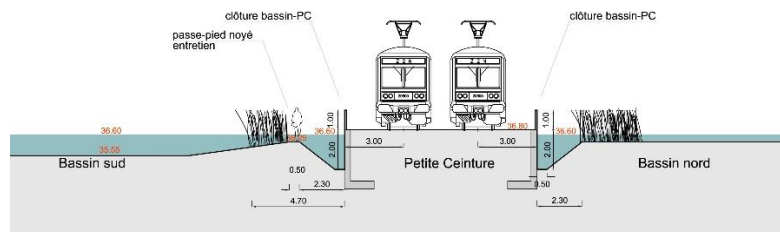


69. Modelação para alcançar a cota de 47m. Plano de água e edifício miradouro. Fonte: AJO, 2010



70. As modelações de terreno no parque criam ambiências diversas. Fonte: AJO, 2014

A mais desafiante condicionante do sítio, o atravessamento do parque pela linha férrea *petite ceinture*, torna-se num evento singular. O atravessamento realiza-se através do edifício miradouro que integra um restaurante no topo (*figura 42*).



71. Perfil da petite ceinture integrada nos planos de água. Fonte: AJO, 2010



72. Planos de água em torno da petite ceinture. Fonte: AJO, 2014

Princípio de sustentabilidade

Os princípios de desenvolvimento sustentável são aplicados, de uma forma geral, a toda a área de projeto urbano, pública ou privada. O parque aplica os mesmos objetivos na gestão dos recursos quer eles sejam a água, a energia ou a biodiversidade:

- Gestão da água: ausência de água pluvial da superfície do parque na rede de saneamento, devido à saturação do sistema; faz-se a recuperação das águas pluviais, a sua reciclagem e armazenamento numa cisterna, para posterior utilização no sistema de rega;

- Gestão sustentável da energia: instalação de painéis solares no edifício da Forge e instalação para-vento para recirculação da água nas zonas húmidas, redução das zonas de iluminação e uso de materiais de baixo consumo;

- Reutilização de materiais existentes: carris e calçadas nomeadamente as de Erquy – uma rocha granítica rara;
- Procura de um equilíbrio entre aterro e escavação na modelação de terreno proposta;
- Biodiversidade de fauna e flora e a gestão diferenciada (*gestion différenciée*), não sendo autorizado o uso de produtos fitossanitários, o que favorece a biodiversidade.

A *gestion différenciée* é uma estratégia de manutenção e conceção dos espaços de plantação que a DEVE colocou em prática como forma de aumentar a biodiversidade e proteger a saúde pública.

A denominação *gestion différenciée* requer a integração de diversas regras como: a economia de água, o estudo sobre a adaptação das plantas, a total interdição de pesticidas, assim como a realização de um inventário de biodiversidade realizado pelos jardineiros.

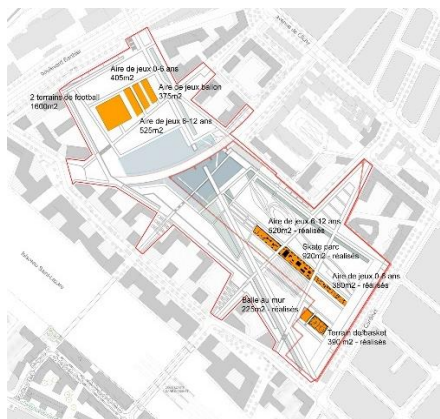
Segundo Philippe Jacob da DEVE, a estratégia consiste em: adaptar as técnicas de manutenção ao sítio e aos usos; adotar práticas mais ecológicas, reduzir as intervenções mecânicas e químicas, herdadas da era pós-industrial, e que constituem fontes de poluição, reduzindo, assim, o impacto negativo que estes métodos têm na flora e fauna (Atelier Parisien d’Urbanisme APUR, 2011a).

3.5 Programa e ambiências de paisagem

O parque Martin Luther King representa uma nova visão contemporânea das dinâmicas da natureza na cidade, não uma Natureza controlada e contida, mas uma Natureza que combina biótopos e uma generosa oferta de práticas lúdicas e desportivas.

As ambiências do parque estão associadas a uma representação das unidades de paisagem⁶⁷ e estas, por sua vez, estão combinadas com o tema das estações, comportando a noção de temporalidade e experiência cognitiva que surpreende o visitante, ao longo do ano.

⁶⁷ Conceito definido por Alexandre Cancela de Abreu, que a autora adapta ao contexto artificial do parque enquanto espaço de representação da paisagem.



73. Distribuição das práticas ativas. Fonte: AJO, 2010.



74. Diversidade de práticas integradas nas ambiências de paisagem. Parque infantil, basquete, petanca, horta, futebol, descanso. Fonte: autora, 2015

No parque, as ambiências de paisagem são o suporte das práticas humanas. O parque integra um programa de práticas variadas que expressa a sua vocação desportiva, paisagística e ambiental: 4 parques infantis com diversos jogos para idades distintas, um parque de skate, campos de jogos de futebol, de basquete, squash, ping-pong e ainda uma área de petanca e um percurso desportivo. As alamedas tornam-se percurso de jogging, os espaços mais circunscritos são propícios ao repouso, enquanto os relvados acolhem toda uma diversidade de usos (figura 75).

Diversos serviços de apoio são introduzidos, nomeadamente duas cafetarias, um restaurante, um serviço de livre serviço de água (natural, fresca e com gás), casas de banho públicas, salas de apoio aos seguranças como também os serviços encarregues da gestão e manutenção dos espaços plantados do *17eme arrondissement*.

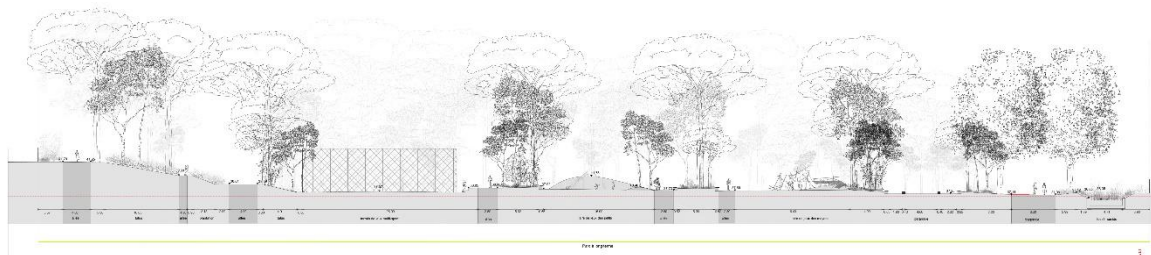
A oferta de atividades e formas de lazer é múltipla e faz-se acompanhar de ambiências que se transformam ao longo do ano. Entre outros, o parque integra espaços como a praia verde⁶⁸ (figura 85), o bosque e suas clareiras, os jardins da primavera e as árvores de fruto em flor, o passeio miradouro que permite uma visão sobrelevada de todo o parque, o grande plano de água e um vasto espetro de atividades e experiências cognitivas.

A conceção multifacetada e polivalente do parque mantém aberta a possibilidade de usos simultâneos. Os espaços estão aptos a acolher atividades efémeras como cinema ao ar livre, feiras, mercados, carrinho de gelados ou carrosséis. São distribuídos pelo parque 7000m² de superfícies de relvado, mais ou menos amplas, de forma de dar resposta à necessidade de espaços “livres”, particularmente apreciadas no verão.

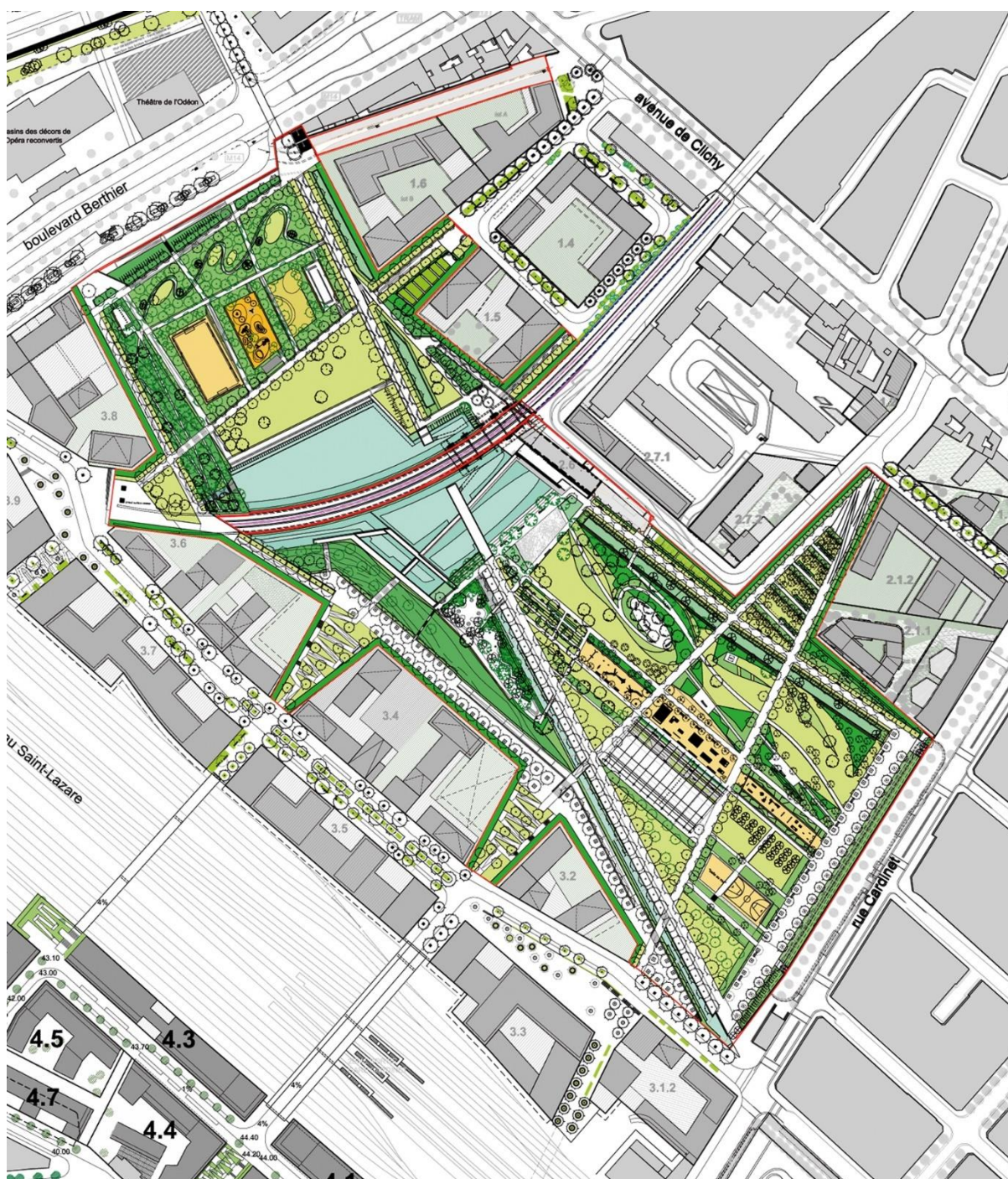
Num contacto mais direto com a atividade biológica, o parque integra uma vocação ambiental dedicada à fauna e flora, com 2 hortas ecológicas, 1 colmeia e hotel para abelhas, ateliers educativos e áreas de apoio à sensibilização ambiental.

A água participa na vida e oferta lúdica do parque integrando: uma praça de jatos de água, um canal, uma “praia verde”, uma cascata e planos de água.

⁶⁸ Zona de relvado, orientada a Sul, onde se situa o grande espelho de água.



75. Perfil das áreas de práticas ativas do parque. Fonte: AJO, 2009



76. Plano geral do parque. Fonte: AJO, 2010

3.6 A biodiversidade e as ambiências ao longo das estações

A promoção da biodiversidade, diretamente associada à presença de flora e fauna, participa na melhoria da qualidade de vida e saúde dos cidadãos, como também presta serviços ambientais: mitigação dos efeitos da desregularização climática ou o aumento da resiliência das espécies a doenças. Inegavelmente, a presença diversificada da atividade biológica reforça o potencial ecológico.

A presença de uma natureza rica e variada permite experiências e cria interações.

O aumento da biodiversidade é um dos potenciais de um parque de 10ha. Nos jardins de menos de 1ha, a presença de uma elevada atividade biológica é limitada pelos usos e práticas sociais. O que significa que esta tarefa é incumbida aos parques de maior dimensão. O desafio consiste em conciliar o aumento da biodiversidade com a forte afluência de pessoas e, mesmo assim, criar ligações entre a sociedade e o meio natural.

O solo permeável vivo, é uma das importantes fontes e suporte de biodiversidade.

O parque possui uma paleta vegetal variada, de diversos estratos, em equilíbrio entre eles. As referências à paisagem francesa induzem determinadas ambiências sazonais e espaciais, de biodiversidade vegetal e impulsionadoras de biodiversidade.

A diversidade vegetal conduz a uma diversidade animal com o aparecimento de borboletas, insetos polinizadores, assim como o retorno de uma fauna mais sensível à poluição.

Em 2010, o parque foi colonizado por ouriços cacheiros, galinhas de água, peixes e garças, entre outros indicadores da boa saúde do parque. A introdução de colmeias, e o consequente aparecimento de abelhas, é o símbolo de retorno da biodiversidade. O parque acolhe 630 espécies vegetais e desenvolve uma diversidade faunística crescente.

A representação das unidades de paisagem é organizada geograficamente de forma a evidenciar as estações do ano que, por sua vez, definem a escolha das espécies e determinam a natureza das plantações. As espécies são escolhidas pelo seu ciclo, floração e caráter. Ao longo do parque as estações são colocadas em evidência, de modo sequencial (figura 77).

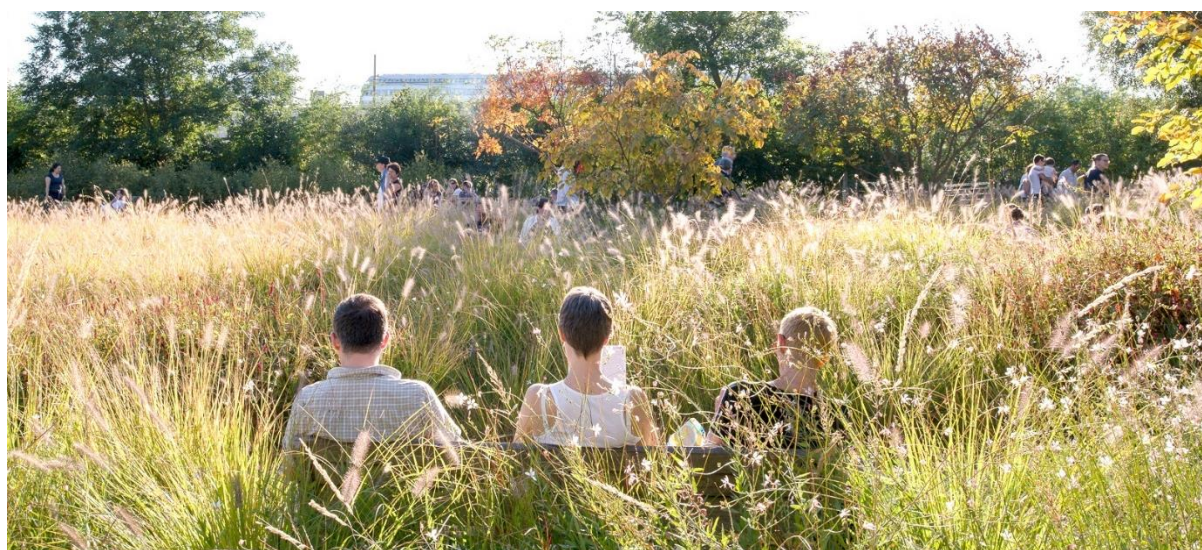
A zona sul do parque é dedicada à Primavera. Dominam as florações, as cerejeiras do japonês, as magnólias, as macieiras, as sorveiras, as azáleas e, seus perfumes e explosão de flores. O Verão prossegue mais a norte, com prados, relvados pontuados de sombras e tufos de gramíneas.



77. Distribuição das paisagem e estações. Fonte: AJO, 2010



78. O jardim do verão na primavera. Fonte: AJO, 2012



79. O jardim do verão durante o verão. Fonte: AJO, 2016



80. *Ambiências de inverno, 2013, de primavera, 2014, de verão 2014 e de outono, 2012. Fonte: Didier Fabre, habitante do quartier.*

A norte da praia verde, o outono faz resplandecer um bosque de folhosas composto por freixos, carvalhos, áceres e uma vegetação arbustiva, exprimindo os tons outonais e prolongando-se pela encosta oeste.

A norte do parque domina o Inverno, uma ambiência florestal mais densa e perene constituída por pinheiros e bétulas, pontuada de carvalhos, à imagem da floresta de Fontainebleau, à qual é associado um estrato arbustivo alto e denso e clareiras de luz e prado. Os bolbos marcam o fim do inverno.

Paralelamente às ambiências de cada estação do ano, existe um outro valor: o da transformação do parque. Este é criado pela sobreposição de espécies que emergem em momentos distintos sendo responsável pelo espetáculo das estações ao longo de todo o ano (figuras 78, 79 e 80).

Todo o parque se transforma. A explosão de bolbos no final do inverno quando toda a vegetação ainda está adormecida, a emergência das gramíneas no Verão ou ainda as cores do parque no Outono.

A zonagem das estações orienta as ambiências geograficamente e define os diferentes espaços de paisagem como o bosque, o pomar, a clareira, o prado e relvado. É, na verdade, a associação do elenco vegetal pela sobreposição que origina a transformação do lugar em acontecimentos surpreendentes (figura 80).

Um outro biótopo é integrado com a presença da água e com ela uma vegetação específica. Diversos grupos de vegetação integram o parque como: a vegetação aquática do canal e planos de água; a vegetação húmida das valas de drenagem e, por fim, a vegetação que não estando na água, anuncia a sua proximidade, como os freixos, os amieiros ou os salgueiros.

3.7 A água no parque

Os elementos de água ativam a biodiversidade. Segundo Philippe Jacob da DEVE, nos novos jardins, na proximidade de corredores ecológicos tais como cursos de água e caminhos de ferro, a evolução da biodiversidade é muito mais rápida (Atelier Parisien d'Urbanisme APUR, 2011b). Paris possui uma rede de abastecimento de água não potável, construída no séc. XIX, que participa na rega dos espaços plantados⁶⁹.

⁶⁹ A única condição para o seu uso na rega dos parques é a ausência de público no momento de rega.

Esta infraestrutura, dá sentido à presença de elementos de água nos parques e jardins franceses que, por sua vez, são promotores de biodiversidade.

A água no parque ocupa uma função central nos princípios de sustentabilidade, na economia, na reutilização dos recursos, mas também na atividade ecológica e recreativa. A água é integrada no parque sob diversas formas: ambiental participando na criação de um biótopo promotor de biodiversidade; técnica pela reutilização na rega das áreas plantadas; paisagística na promoção de ambiências e lúdica com a criação dos espelhos de água e a praça dos jatos.

O parque é definido como uma superfície permeável, desempenhando assim funções ecológicas como a infiltração de água pluvial e abastecimento dos lençóis freáticos. À exceção das áreas de infraestruturas subterrâneas⁷⁰ a superfície do parque é permeável.

A água pluvial é recolhida nas áreas permeáveis e conduzida por caleiras até a uma cisterna de 3500m³, criada para o efeito e à qual se liga a rede de rega. Outros elementos participam neste processo de recolha, como é o caso das valas de vegetação húmida que recolhem a água pluvial, participam nas ambiências do parque e conduzem o excesso para a cisterna (figura 82). Devido à extensa impermeabilidade do solo urbano, a descarga de água pluvial na rede de drenagem pública deve limitar-se apenas a situações extremas.

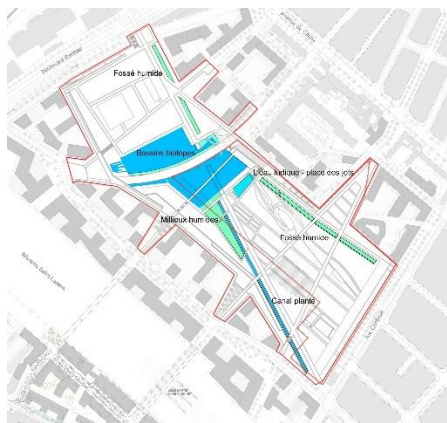
Também a água do lago *Serpentine* do Square des Batignolles⁷¹ é reconduzida para o parque (figura 84). Este *by-pass* alimenta o canal de vegetação aquática que acompanha a grande alameda do parque e, posteriormente, os planos de água biótopos (figura 86). Todos os elementos de água estão ligados à cisterna do parque, que por sua vez gere o volume de água. (figura 81).

Os quatro lagos biótopos, de 3 000 m², criam uma abertura na massa de vegetação, rodeiam a *petite ceinture* tratam a água do Sena (figura 86). A água passa pelos 4 lagos, cada um responsável por uma etapa, até ser oxigenada pela cascata da encosta e acabar na *praia verde* - um plano de água fino onde se procede à filtragem UV da água (figura 85). Os planos de água possuem também uma capacidade de armazenamento de uma altura de 20cm, sobre a toda a área de planos de água, capaz de fazer face às necessidades de rega.

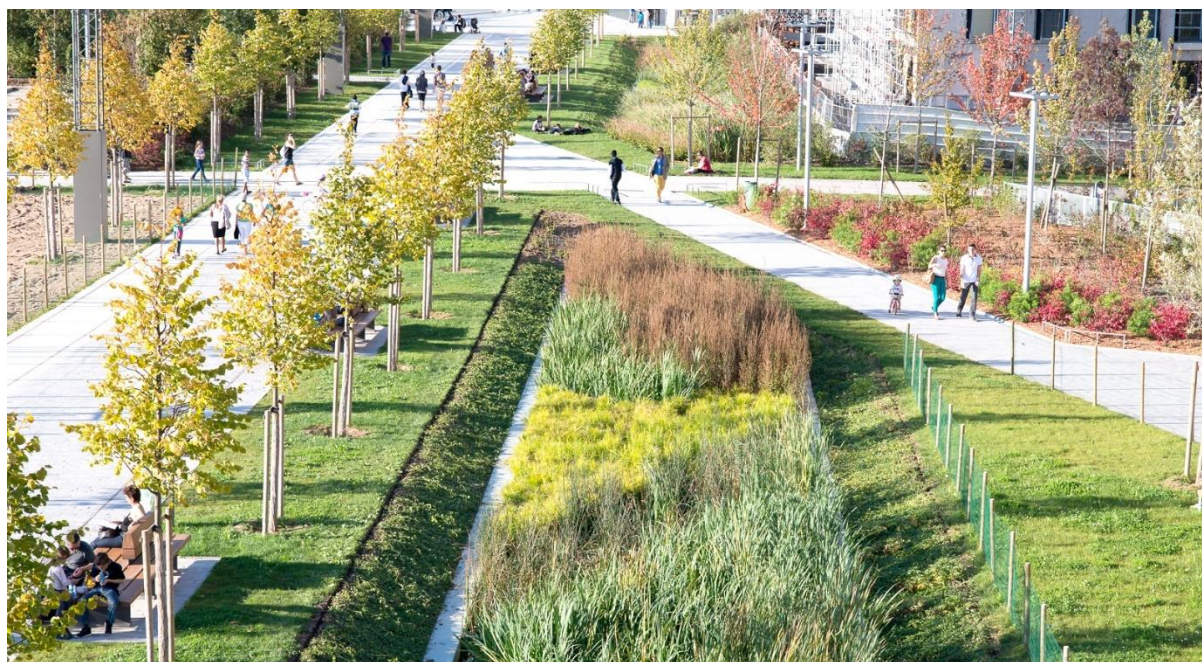
Os lagos biótopos, as valas de vegetação húmida e o canal, definem-se como ecossistemas húmidos de grande diversidade ecológica.

⁷⁰ As infraestruturas subterrâneas do túnel, estação e posto de transformação do metro L14 e estação Cardinet, as infraestruturas e localização dos poços de geotérmica, um estacionamento subterrâneo e a cisterna de armazenamento de água, situam-se na área de intervenção do parque.

⁷¹ proveniente do Sena através da rede de abastecimento não potável de Alphanth.



81. Distribuição dos elementos de água no parque. Fonte: AJO, 2010.



82. Vale de drenagem e vegetação húmida, da zona norte do parque. Fonte: AJO, 2014



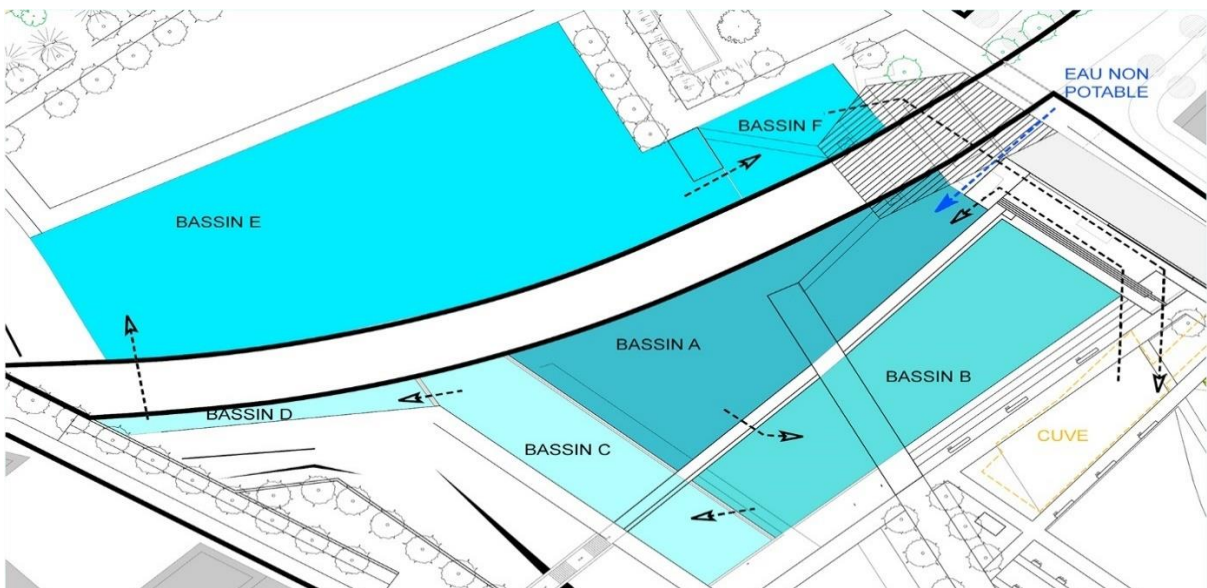
83. Plano de água biótomo A. Fonte: AJO, 2012



84. Perspetiva da grande alameda diagonal. Última fase do parque que será finalizada em 2020. Fonte: AJO, 2012



85. Perspetiva da encosta de outono, e praia verde. Última fase do parque que será finalizada em 2020. Fonte: AJO, 2010



86. Esquema de circulação da água dos planos de água biótopos. Fonte: AJO, 2010

3.8 O prolongamento do parque pelo espaço público e privado

As ligações e articulações existem a todas as escalas.

Segundo Chris Younés (2013), nas ciências, os organismos são capazes de transgredir os seus limites e entrar em relação com o exterior tornando-se interativos (Paquot, 2013). Um complexo sistema de micro corredores ecológicos é implementado como rede de pequenos espaços, nichos de atividade biológica, que multiplicam as interações e intensificam a malha ecológica da cidade.

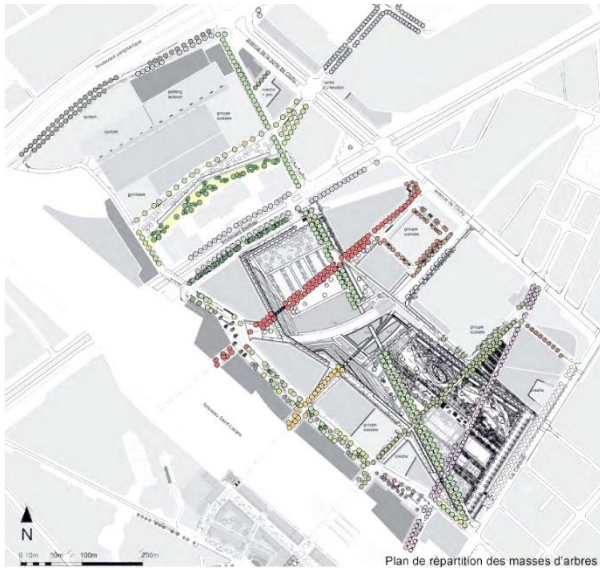
Uma das importantes características do projeto consiste em implementar relações de complementaridade e diversidade. É nesse contexto que se procede ao prolongamento das qualidades paisagísticas e ecológicas sobre os espaços públicos e privados do projeto urbano.

No espaço público, predominantemente mineral, o espaço de circulação automóvel é reduzido em relação ao espaço pedonal e a presença vegetal é maximizada, apesar das condicionantes. As alamedas do parque são prolongadas para assim constituírem a trama ecológica do *quartier*, num *continuum natural*, transportando com elas o tema e as ambiências das estações como forma de qualificar e enriquecer o espaço público (figuras 87 e 90).

As continuidades contribuem para o conforto climático, a qualidade do ar e o reforço do valor ecológico, e complementam a estrutura ecológica existente, composta pelo Square des Batignolles, o Square Boulay-Level, o Cimetière de Batignolles.

Em cada loteamento, a organização dos volumes de arquitetura e dos espaços livres é determinada pela relação que o edificado estabelece com o parque. Assim, os espaços coletivos e as fachadas do lote constituem-se como continuidades do parque, num *continuum naturale* (Caldeira Cabral, 1993), favorecendo as conexões e o potencial paisagístico, ecológico e ambiental global (figuras 88 e 89).

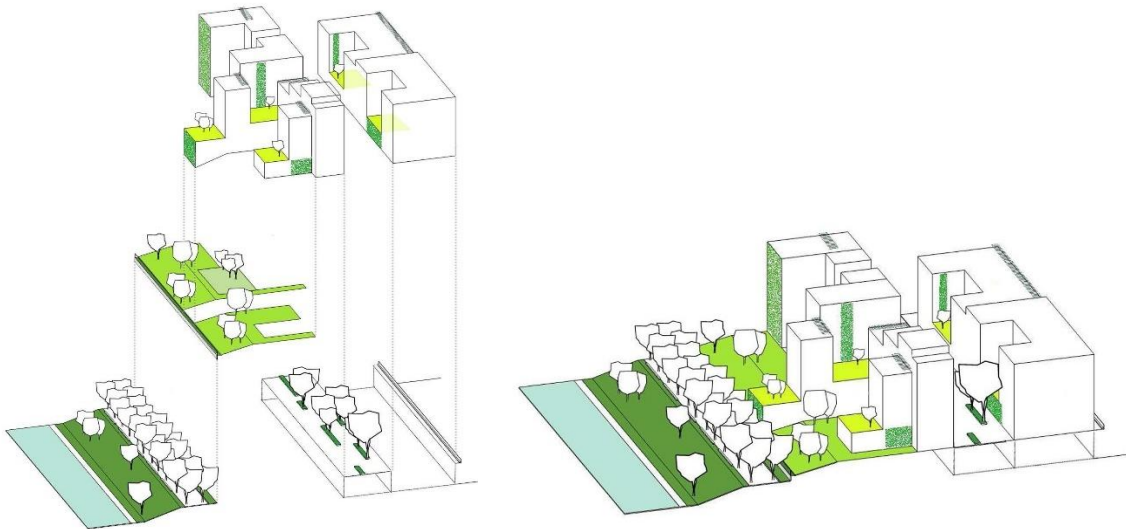
Os espaços livres dos lotes privados participam ativamente nos objetivos do *ecoquartier*, nomeadamente em questões de biodiversidade e gestão das águas pluviais.



88. Alamedas do parque prolongadas pelo espaço público. Fonte: AJO, 2011



87. Princípio permeabilidade e continuum naturale nos lotes privados. Fonte: MOE, 2009.



89. Princípio permeabilidade e continuum naturale nos lotes privados Axonometria. Fonte: AJO, 2012.



90. Prolongamento das unidades de paisagem do parque no espaço público. Fonte: autora, 2016

As orientações paisagísticas determinam as exigências de implementação da estrutura de paisagem global, das quais se salientam as seguintes: os espaços livres do lote devem situar-se junto ao parque, orientados de forma a criar uma continuidade visual, paisagística e ecológica, de preferência permeável⁷²; a lista de plantações é estabelecida de acordo com a temáticas das estações do parque; a presença de estratos diversificados, herbáceo, arbustivo e arbóreo; a plantação de uma árvore de grande porte por cada 150m² de espaço livre; assegurar as condições de desenvolvimento da vegetação, volume de terra, drenagem, rega, tipo de microclima, exposição solar e dos ventos, entre outros; favorecer a dinâmica biológica e o ciclo da água; favorecer a gestão económica e autossuficiência dos espaços livres.

A extensão do conceito do projeto de paisagem de Clichy-Batignolles à cidade é integrada nas políticas urbanas de Anne Hidalgo, propondo-se esta a realizar 100ha de espaços plantados em superfícies anteriormente inertes com: a criação de jardins verticais; a plantação de terraços e cobertura dos imóveis; a plantação do espaço público e mesmo das caldeiras das árvores.

⁷² O PLU define uma percentagem de área permeável obrigatória, que varia em função das frentes do lote.

O parque é hoje apreciado por todos e este é um testemunho:

Eu sou uma enorme fã deste parque.

Porque, contrariamente ao parque Buttes-Chaumont, encontra-se sempre um espaço de relva onde se deitar. Lá encontram-se pessoas de todas as idades, de todas as categorias sociais, estamos bem sentados e há atividades para todos.

No mês de abril as cerejeiras em flor são absolutamente sublimes,

Há bancos um pouco por todo o lado...

É o parque ideal, está-se afastado do tráfego e tem-se a verdadeira sensação de respirar.

O parque é grande e contemporâneo, e foi super bem pensado.

Uma razão para vir morar no quartier.⁷³

por Elodie F. (Elodie F., 2013)



91. Fotografia do Parque Martin Luther King. Fonte: Camille G. em <https://www.yelp.fr/biz/martin-luther-king-paris?osq=Parc+Martin+Luther+King>

Em 2012 é atribuído ao Parque Martin Luther King o prémio especial “*Quand le jardin construit la ville*” nas Victoires du Paysage.

Em 2016 é-lhe atribuído European Garden Award.

⁷³ Tradução pela autora.

Considerações Finais

Os anos 70 marcam a valorização do património Haussmanniano, o retorno ao modelo urbano de estrutura multifuncional, de limitação da cércea, de homogeneidade arquitetónica e de eficácia climática. A criação de infraestruturas, saneamento e acesso à água potável construíram a base para o progresso da sociedade moderna. O sistema de parques e avenidas públicas plantadas participaram para o benefício urbano, num contexto de intensa atividade industrial. Os espaços públicos são a base de uma vida social pública, cultural e, sobretudo, comercial e económica, da qual Paris beneficia ainda hoje.

O património cultural Haussmanniano, de ambiência incomparável, é responsável por atrair à cidade milhões de turistas, constituindo-se como uma importante fonte de receitas. Em 2015, a região Île-de-France contou com 46,7 milhões de turistas, apesar dos dois incidentes de violência nesse ano⁷⁴. A catedral de Notre Dame registou 14,3 milhões de entradas, em 2014, e 13,6 milhões em 2015. Em 2015, Paris apresenta uma receita fiscal de 65,7 milhões de euros da taxa de dormida e 4,4 milhões de euros de receitas de hotelaria (Office du Tourisme et des congrès de Paris, 2015).

As transformações e reformas de Haussmann definiram a base administrativa, financeira e urbanística do modelo de políticas urbanas que perdura ainda hoje.

Ao contrário de outros países, como a Holanda que incentivou a “dispersão” urbana planeada, de que é exemplo a *Randstad*⁷⁵, Paris desenvolve-se um modelo de centralidade que condiciona o seu metabolismo.

É importante defender a concentração e densidade da cidade, contra a dispersão urbana da periferia. Mas é também importante criar as condições necessárias para a movimentação dos fluxos, nomeadamente os ecológicos e os biológicos, sem os quais a cidade asfixia.

A metrópole é a grande responsável pela poluição, pelo consumo dos recursos fósseis, pela perda e transformação dos ecossistemas, pelos desequilíbrios sociais, contribuindo assim para as alterações climáticas e escassez de recursos. A amplitude da pegada ecológica, no ocidente, é 14 vezes superior à do Bangladesh (Dion, 2015).

Cento e cinquenta anos depois de Haussmann, Paris apresenta condicionantes complexas, como a elevada densidade, a elevada poluição, os problemas higienistas e de saúde,

⁷⁴ Os atentados de 7 de janeiro e 13 de novembro de 2015

⁷⁵ Co-urbanização composta por 4 cidades: Amsterdão (centro histórico turístico), Roterdão (centro industrial e portuário), Utrecht e Den Haag (centro político).

a saturação dos transportes, o êxodo demográfico em benefício da província, que volta a acentuar-se desde 2014.

As políticas urbanas atuais estão intimamente associadas à capacidade de atratividade de pessoas e atividades. Os ativos de Paris produzem um valor de perto de 600 milhares de euros por ano, correspondendo a aproximadamente um terço do produto nacional (Burgel, 2012).

A atratividade da cidade está associada à oferta de infraestruturas de acessibilidade, fator elementar de desenvolvimento, à atividade económica, à habitação e equipamentos, dos quais fazem parte os espaços de contacto com a Natureza.

A articulação e as relações estabelecidas com a rede de grandes metrópoles mundiais em desenvolvimento⁷⁶ é também uma fonte económica da qual participa a mobilidade à escala mundial, num contexto de revolução da comunicação de fluxos desmaterializados, que determinam novos eixos estratégicos.

O valor da Natureza na cidade é reconhecido. No entanto, é na última década, que as políticas metropolitanas lhe atribuem um valor acrescido, por motivos de segurança ecológica.

O desafio atual da cidade perante as alterações climáticas e a escassez de recursos naturais tem como base a ameaça que estes poderão ter nas atividades económicas a médio e longo prazo, o que obriga a novas políticas de uso do solo, das infraestruturas e dos transportes. Em junho de 2016, Paris é vítima da rápida subida das águas do Sena, que atinge 6m de altura, afetando toda as atividades que se desenvolvem ao longo do rio, não só as de Paris.

As respostas à crise ambiental associadas às políticas do *Plan Climat* são um imperativo económico, social e moral, cada vez mais importante na governança urbana. Para além de gerarem um novo motor de economia - o da indústria das energias e reciclagem - geram prestígio atraindo investimento económico. Segundo Aidan While (2014), ser *low carbon* é agora a importante alegoria das cidades aspirantes a cidades mundiais, o novo significado de modernidade e progresso do séc. XXI (Hodson et al., 2014).

⁷⁶ A cidade de Paris participa ativamente nas redes interciudades mundiais como a C40, Cities Climate Leadership Group, integrando as discussões intercontinentais e influenciando-as.

Como refere Brendan Gleeson (2014), a humanidade não tem outra escolha senão abraçar o projeto de coevolução com a Natureza (Hodson et al., 2014).

As políticas devem tornar-se menos setoriais (emprego, agricultura, habitação) para se tornarem mais territoriais, o que significa implementar uma estreita relação entre produtor de serviços e consumidor, aumentar a diversidade de atividades, usos e funções do tecido urbano, e assim melhorar a sua resiliência aos choques externos. Os governos continuam a pensar a curto prazo. Por outro lado, a transformação deve acontecer na sociedade, e não só nos políticos.

Ao longo do tempo, os conceitos de aplicação da arquitetura paisagista na cidade evoluíram, passando de “benefício humano” a “importante para a qualidade de vida e bem-estar social” tornando-se hoje em “política ecológica” indispensável ao metabolismo urbano e que afeta todos, não só os cidadãos.

É necessário reintroduzir a Natureza, os fluxos ecológicos, a agricultura e os espaços de encontro, de troca e de criação na cidade. A cidade, com a Natureza, necessita de reorganização, diversidade, densidade e atratividade em continuidade com a trama ecológica, segundo Frédéric Bonnet, 2013 (Paquot, 2013). É crucial criar “espaço” para o desenvolvimento dos recursos naturais sem os quais será muito menos agradável viver.

O projeto urbano oferece à cidade a oportunidade de se reinventar.

O projeto de Clichy-Batignolles é uma tentativa, mesmo que imperfeita, de implementação de novas políticas ecológicas urbanas, de redução das emissões de carbono, de transição para as energias renováveis, de tratamento de resíduos e participa ativamente no desenvolvimento de uma nova relação entre o homem e o meio.

Hoje, Paris tem por ambição alargar os princípios do projeto Clichy-Batignolles a toda a cidade.

Anne Hidalgo, sucessora de Delanoë, apresenta o programa ambicioso de realizar mais 30ha de parques em Paris e ainda 100 ha de pequenos nichos de atividade biológica, até 2020 (Hidalgo, 2014). Este último sistema está associado à implementação de uma micro trama ecológica no centro urbano, num contexto de escassez de solo disponível. A implementação de espaços desta Natureza é imposta às novas construções pelo PLU, deverá ser implementada nos equipamentos públicos, e integra a participação dos cidadãos que são convidados a realizar

uma proposta, coletivamente ou individualmente, para a transformação do espaço público. Se generalizada e difundida esta estratégia poderá implementar um novo sistema ecológico e social à escala do sistema de *squares* de Napoleão III.

É sobre a cidade existente que a transformação dos hábitos e do metabolismo urbano é importante. O equilíbrio entre a Natureza e o “viver em comunidade” passa, sobretudo, pela instrução, pela inclusão e pela imaginação, com a condição de que a vontade seja coletiva. É necessário definir em que tipo de sociedade se quer viver.

Apreender a complexidade das interações sociais, económicas, territoriais e políticas permite ao arquiteto paisagista alargar o seu âmbito de ação a toda a amplitude da concepção de paisagem e intervir na criação de uma sociedade conectada à Natureza, da qual a mesma sociedade depende.

Referências bibliográficas

- Airparif. 2016. “Inventaire Régional Des Émissions En Ile-de-France Année de Référence 2012 - Éléments Synthétiques Edition Mai 2016.” <http://www.airparif.asso.fr/etat-air/air-et-climat-bilan-emissions#sources>.
- Atelier Parisien d’Urbanisme. 1991. “II-Retour Sur L’état Des Lieux Du Patrimoine Naturel et Sur Les Services Rendus Par La Nature 2. Le Rôle de La Nature.” Vol. 2. Paris.
- Atelier Parisien d’Urbanisme. 2004. “Développer Le Végétal À Paris: Les Nouvelles Règles Du Plan Local D’urbanisme de Paris” 13: 1–4.
- Atelier Parisien d’Urbanisme. 2015. “II - Retour Sur L’état Des Lieux Du Patrimoine Naturel et Sur Les Services Rendus Par La Nature 1. Etat Des Lieux Du Patrimoine Naturel.” Paris.
- Atelier Parisien d’Urbanisme. n.d. “Annexe - Synthèse Des Études Menées Sur La Couronne de Paris.”
- Atelier Parisien d’Urbanisme APUR. 2011. “Situation et Perspectives de La Place de La Nature À Paris 8e Atelier - Les Espaces Intérieurs Privés.” Paris.
- Atelier Parisien d’Urbanisme APUR. 2011. “Situation et Perspectives de La Place de La Nature À Paris 6e Atelier - Les Espaces Publics.” Paris.
- Atelier Parisien d’Urbanisme APUR. 2011. “Situation et Perspectives de La Place de La Nature À Paris 7e atelier ‘La Nature À Paris’ Les Parcs et Jardins Publics.” Paris.
- Beaumel, Catherine, Lucile Richet-Mastain, and Mauricette Vatan. 2005. “La Situation Démographique En 2003. Mouvement de La Population.” *INSEE Résultats: Société*, no. N° 41 [INSEE résultats: Société]: 44 S. + 1 CD-ROM. http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/irsoc041.pdf
http://www.wiso-net.de/webcgi?START=A60&DOKV_DB=ZDZI&DOKV_NO=WAOD775139&DOKV_HS=0&PP=1 (WISO-Net).
- Bertrand, F., B. Chabbal, S. Guemard, F. L’Hénaff, M. Marincioni, M. Meziani, E. Roux, and Y-F. Vauléon. 2011. “Situation et Perspectives de La Place de La Nature À Paris.” *Histoire*. Paris.
- Billon, Yves, Nicolas Chaudun, Pierre Pinon, and Jean Des Cars. 2011. “Comment Haussmann a Transformé Paris.” chaîne Histoire. <https://www.youtube.com/watch?v=ArHf9PcbAEQ>.
- Burgel, Guy. 2012. *Pour La Ville*. Edited by Creaphis Editions.
- Caldeira Cabral, Francisco. 1993. *Fundamentos Da Arquitectura Paisagista*. Edited by Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.

- Caenen, Y, J Courel, C Paulo, and D Schmitt. 2011. “Les Franciliens Utilisent Autant La Voiture Que Les Transports En Commun Pour Aller Au Travail.” <http://www.driea.ile-de-france.developpement-durable.gouv.fr/enquete-nationale-transport-et-deplacements-r527.html>.
- Chaudun, Nicolas. 2013. *Haussmann, George Eugène, Préfet-Baron de La Seine*. Coédition. Babel.
- Claval, Paul. 1994. *Planification et Stratégies de Développement Dans Les Capitales Européennes*. Edited by Edité par Christian Vandermotten. Editions d. Belgique.
- Climat-Energies, Agence d'Ecologie Urbaine - Division. 2015. “Le Programme de Relance.” *Mairie de Paris. Direction Des Espaces Verts et de l'Environnement.*, 1–3.
- Coursaget, René, Léon-Paul Fargue, and Guiton Chanbance. 1971. *Dans Les Rues de Paris, Au Temps Des Fiacres*. Éditions d. Paris.
- Davis, Mike. 2000. *City of Quartz, Los Angeles, Capitale Du Futur*. Éditions L. Paris.
- Dion, Cyril. 2015. *Demain, Un Nouveau Monde En Marche*. Actes Sud.
- Elodie F. 2013. “Avis Pour Le Parc Martin Luther King.” <https://www.yelp.fr/biz/martin-luther-king-paris>.
- Harvey, David. 2003. *Paris, Capital of Modernity. Journal of Chemical Information and Modeling*. Routledge. Vol. 53. New York and London.
- Hidalgo, Anne. 2015. “Dossier de Presse 1an Paris,” 1–31.
- Hidalgo, Anne. 2014. “Note À L'attention de Colombe Brossel, Adjointe À La Mairie Chargée Des Espaces Verts, de La Nature, Des Affaires Funeraires, et de La Préservation de La Biodiversité.” Paris.
- Hodson, Mike, and Simon Marvin. 2014. *After Sustainable Cities ?* Edited by Mike Hodson and Simon Marvin. New York and London: Routledge.
- Insee. 1866. “Données Sur La Démographie, La Population et L'enseignement Primaire Sur La Période 1836- 1866.” http://www.insee.fr/fr/service/bibliotheque/tableaux_sgf/tableaux.asp?domaine=rec.
- INSEE. 2013. “Chiffres Clés Logements Département de Paris.” <http://www.insee.fr/fr/themes/comparateur.asp?codgeo=dep-75>.
- Insee. 1925. “Données Sur La Démographie, La Population et L'enseignement Primaire Sur La Période 1800- 1925.” http://www.insee.fr/fr/service/bibliotheque/tableaux_sgf/tableaux.asp?domaine=rec.
- Insee. 2015. “Recensement de La Population 2016.” http://www.insee.fr/fr/service/default.asp?page=agendas/dossiers_actualite/conference-presse-recensement-13-janvier-2015.htm.

- Insee. 2011. “La Population Legale de l’Île-de-France Au 1er Janvier 2008.”
- Insee. 2015. “Recensement de La Population 2015.”
http://www.insee.fr/fr/service/default.asp?page=agendas/dossiers_actualite/conference-presse-recensement-13-janvier-2015.htm.
- Insee. 2013. “Recensement de La Population 2014.”
http://www.insee.fr/fr/service/default.asp?page=agendas/dossiers_actualite/conference-presse-recensement-13-janvier-2015.htm.
- Lavedan, Pierre. 1975. *Nouvelle Histoire de Paris - Histoire de L’urbanisme À Paris*. Diffusion. Paris: Association pour la publication d’une Histoire de Paris.
- Le Magazin pittoresque. 1851. “Les Voitures et Les Rues de Paris.”
- Lefebvre, Henri. 2009. *Le Droit À La Ville*. Ed Economi. Paris.
- Lépac, Le, and Alain Jomier. 2013. “Paris, La Revolution de Haussmann.” Arte France.
https://www.youtube.com/watch?v=25_JOtqz6XE&list=PLInwE6kMFKR6ALXYpiAE L3Ybte1Mpl-jl&index=6.
- Lipovetsky, Gilles, and Sebastien Charles. 2006. *Les Temps Hypermodernes*. Biblio Ess.
- Mairie de Paris. 2015. “Clichy- Batignolles Une Reference de Developement Urbain Durable À Paris.” Paris.
- Mairie de Paris. 2011. “Bilan Des Émissions de Paris: Les Secteurs Clefs.”
- Mairie de Paris. 2016. “Clichy-Batignolles Eco-Quartier.” Paris.
- Mairie de Paris SEMAVIP. 2009. “Dossier Initial, Appel À Projets Nouveaux Quartiers Urbains,” 1–92.
- Mairie de Paris Services D E S. 2013. “Rapport D’activité Des Services.”
- Ministère de L’Intérieur. 2001. “Résultats Electoraux Des Communes.”
[http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Municipales/elecresult__Resultats-des-elections-municipales-2001/\(path\)/Resultats-des-elections-municipales-2001/index.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Municipales/elecresult__Resultats-des-elections-municipales-2001/(path)/Resultats-des-elections-municipales-2001/index.html).
- Mongin, Olivier. 2005. *La Condition Urbaine, La Ville À L’heure de La Mondialisation*. Editions d.
- Office du Tourisme et des congrès de Paris. 2015. “Le Tourisme À Paris. Chiffres Clés 2014,” no. mai 2015. file:///C:/0 DISCO/F M-AP-UE/Biblio/Le-Tourisme-à-Paris---Chiffres-clés-2015.pdf.
- Paquot, Thierry. 2013. *Repenser L’urbanisme*. INFOLIO co.
- Secchi, Bernardo. 2013. *Urbanisme et Inégalités, La Ville Des Riches et La Ville Des Pauvres*. MetisPress.

UNEP. 2011. “Le Jardin Rêvé Des Français, Résultats de L’enquête Unep-Ipsos 2011.”

Van Zuylen, Gabrielle. 1994. *Tous Les Jardins Du Monde*. Découverte.

Verdeil, Eric, Mike Hodson, and Mike Hodson. 2016. “Mike Hodson et Simon Marvin, World Cities and Climate Change: Producing Urban Ecological Security.” *Géocarrefour* 87/2 (2012): Pagination de l’édition papier : p. 145-p. 146 Les.

Ville de Paris PBA. 2013. “Rapport Annuel 2013.”